

DIOCESE DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOS



De Di Ca

Departamento Diocesano de Catequese


DIRETÓRIO
PASTORAL


2025

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Introdução	13
Objetivos	17
Objetivo geral	17
Objetivos específicos.....	17
Livro I.....	19
Fundamentos e	19
Finalidade.....	19
Cap. I.....	20
Fundamentos da Catequese.....	20
1 A Revelação	20
2 A experiência dos discípulos na Igreja primitiva	21
3 O ensinamento dos apóstolos (At 2, 1 -36).....	22
4 A comunhão fraterna (At 2, 42 – 47)	23
5 Partilha do Pão (1Cor 11, 23 -34).....	25
6 Vida de oração (At 3,1-8;4, 23 -31; 12, 1-19; 13, 1-3)	26
7 A Igreja em nossos dias	27
8 Igreja de Carismas e Ministérios (Cor, 12; Ef,4).....	28
9 Exercício dos carismas e ministérios	30
Cap. II	34
Catequeses Fundamentais	34
1 Querigma	34
2 Discipulado	36
3 Mistagogia.....	39
Cap. III.....	44

Finalidade da Catequese	44
1 A catequese no processo da evangelização	44
2 A catequese a serviço da iniciação à vida cristã.....	45
3 Animar a vida cristã através dos sacramentos.....	47
3.1 Batismo	48
3.2 Confirmação.....	48
3.3 Eucaristia.....	49
3.4 Os Sacramentos de Cura	50
3.5 O Sacramento da Penitência (Confissão)	50
3.6 O Sacramento da Unção dos Enfermos.....	52
3.7 Os Sacramentos do serviço e da comunhão	53
3.8 O sacramento da Ordem.....	54
3.9 O Sacramento do Matrimônio.....	55
4. Catequese com inspiração catecumenal	57
Livro II	63
Orientações.....	63
pastorais.....	63
Cap. I.....	64
A organização da Catequese Paroquial	64
1. A realidade paroquial.....	65
1.1 Processo de inscrições.....	66
1.2 Acolhida	66
1.3 Orientações para o planejamento da ação catequética	67
2 O Itinerário Catequético	70
2.1 Pré-Catecumenato	70
2.2 Catecumenato	71
2.3 Purificação/Iluminação	72
2.4 Mistagogia.....	73
Cap. II.....	75
Considerações Metodológicas.....	75
1 O Batismo de crianças.....	75
1.1 O processo da Catequese Batismal.....	77
1.2 Inscrição	79
1.3 Visitas aos familiares e padrinhos.....	80
1.4 Acolhida da criança na comunidade.....	81

DIRETÓRIO DE CATEQUESE

1.5 Celebração do batismo.....	81
1.6 Revisita aos familiares	82
1.7 O múnus dos padrinhos e/ou madrinhas	82
2 Catequese na primeira infância (Inicial).....	83
3 Catequese com adolescentes	84
4 Catequese com jovens	84
5 Catequese com adultos.....	85
6 Catequese com Idosos	86
7 Catequese inclusiva	89
8 Catequese Familiar	90
8.1 O Setor Pré-Matrimonial	91
8.2 O Setor Pós-Matrimonial	92
8.3 Os Casos Especiais	93
8.4 Momentos Fortes da Catequese Familiar.....	93
8.5 Como começar?	94
8.6 Um itinerário Catecumenal para a vida Matrimonial	95
8.7 As razões de um catecumenato matrimonial.....	95
8.8 A quem compete esta missão	97
8.9 Uma Proposta Concreta para a Catequese Matrimonial ...	98
9 Fases e etapas.....	99
9 Catequese Vocacional	101
9.1 O que é Vocação?	102
9.2 Como ajudar no Discernimento Vocacional	103
9.3 A missão / A vocação	104
10 Catequese Permanente.....	109
Cap. III.....	114
Catequese e liturgia.....	114
1. Considerações a partir do ano Litúrgico.....	115
1.2 O ano Litúrgico	122
1.2 O Ano litúrgico e a catequética mistagógica	125
2 Celebrações que marcam o processo	130
2.1 Rito da Admissão: Celebração de entrada	138
2.2 Celebração da Eleição ou inscrição	138
2.3 Celebração Penitencial.....	139
2.4 Celebração Sacramental.....	139

2.5 Ritos e entregas no processo da IVC.....	140
Cap. IV	155
Indicações práticas para os Encontros de Catequese	155
Livro III	161
O catequista, apóstolo dos novos discípulos.....	161
Cap. I	162
Os catequistas	162
1 Vocação e missão do catequista.....	162
2 A espiritualidade do Catequista	164
3 Condições humanas para uma vivência espiritual eficaz..	168
4 Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista	169
4.1 A Palavra de Deus.....	169
4.2 A Eucaristia.....	171
4.3 A oração	172
4.4 A Cruz.....	173
4.5 Conversão	174
4.6 O Testemunho.....	175
4.7 Alegria e otimismo.....	176
4.8 A Missão	176
5 Devoção Mariana.....	177
Cap. II.....	179
Critérios para admissão e formação ao Ministério	179
1 Discernimento	179
2 Critério para a escolha.....	182
3 Estabilidade do ministério de Catequistas	184
4 Modos de Itinerários formativos para o ministério	185
Cap. III	188
A formação ministerial para catequistas.....	188
1 Itinerário para catequistas iniciantes	188
1.1 Formação ministerial.....	189
1.2 A dimensão do ser catequista.....	189

1.3 A dimensão do saber catequista.....	189
1.4 A dimensão do saber fazer - O catequista mestre e mistagogo.....	190
1.5 Indicações de subsídios para a dinâmica formativa do ministério de Catequistas	191
2 Itinerário para Catequistas atuantes.....	195
2.1 A dimensão do Ser	195
□ O catequista ministro da Palavra.....	195
2.2 A dimensão do Saber	196
2.3 A dimensão do Saber Fazer	196
□ O catequista mestre e mistagogo.....	196
2.4 Indicações de subsídios para a dinâmica formativa do ministério de Catequistas	197
3 O Processo de Formação permanente	199
4 Vocabulário da IVC	200
REFERÊNCIAS	209

Apresentação

A alegria do Evangelho enche o coração de quem se encontra com Jesus. É com essa alegria que entrego a vocês, catequistas desta amada Diocese de São Luís de Montes Belos, o nosso Diretório Diocesano de Catequese. Ele nasce do chão do nosso povo, do vento do Cerrado que perfuma as comunidades, dos passos de cada uma e cada um que, com Bíblia nas mãos mantém acesa a chama da fé nas famílias, nos bairros, nos povoados e nas cidades.

A Evangelii Gaudium nos inspira. Ela nos recorda que a Igreja existe para evangelizar e que tudo começa com o encontro vivo com Cristo, primeiro anúncio que reacende a esperança e dá novo sentido às coisas de todos os dias. Não queremos uma catequese que se limite a transmitir ideias. Queremos uma catequese que favoreça o encontro, que desperte a alegria, que forme discípulos missionários capazes de ir ao encontro, escutar, acompanhar, integrar e celebrar.

À luz da Gaudium et Spes, desejamos ler com sinceridade os sinais dos tempos, porque “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” do nosso povo são também as nossas. A catequese, aqui, se compromete com a dignidade da pessoa humana, com a vida em todas as suas fases, com o bem comum e com a solidariedade que não abandona ninguém. A família, “primeira escola de humanidade”, é reafirmada como Igreja doméstica; o trabalho, a cultura, a ciência e a vida pública entram no diálogo catequético para que o Evangelho seja fermento nas culturas e luz para as consciências, ajudando-nos a formar cristãos capazes de unir fé e vida, oração e compromisso.

O Ministério de Catequista é um serviço antigo e sempre novo na vida da Igreja. Ao instituí-lo, o Papa Francisco nos recordou que a catequese não é tarefa improvisada, mas vocação que brota do Batismo, e pede discernimento, formação sólida, maturidade humana, vida espiritual, amor à comunidade e zelo missionário. Este Diretório deseja ajudar nesse caminho.

Em sintonia com o Documento de Aparecida, renovamos o chamado a pôr a Igreja em estado permanente de missão. Catequese e missão caminham juntas: encontro pessoal com Jesus Cristo, conversão, discipulado, comunhão e envio. Reafirmamos a opção preferencial pelos pobres, a centralidade da Palavra e da Eucaristia, a formação de comunidades eclesiais missionárias e a urgência de processos de iniciação à vida cristã que envolvam a todos.

Este texto foi pensado como bússola e companhia. Bússola, porque organiza princípios, metas e critérios comuns para toda a Diocese, em comunhão com a Igreja no Brasil e com a Tradição viva da Igreja. Companhia, porque fala com ternura e coragem, como quem caminha ao lado, compartilha a fadiga, aprende com os acertos e recomeça nas perdas.

Aqui você encontrará a centralidade do primeiro anúncio, a beleza do itinerário catecumenal para iniciação à vida cristã, a importância da Palavra e da Liturgia, o lugar da família como primeira educadora na fé, a atenção às juventudes, a responsabilidade com a proteção de crianças e adolescentes, o diálogo com as culturas, com o mundo digital e com as novas linguagens. Encontrará, ainda, propostas de formação continuada, roteiros básicos, pistas para avaliação e sugestões para a missão.

Vocês, catequistas, são guardadores da alegria e tecelões de esperança. Obrigado por cada noite de estudo,

por cada madrugada de preparo, por cada gesto de delicadeza, por cada perdão oferecido, por cada passo missionário. Obrigado por servirem, com fidelidade e criatividade, a tradição viva da fé que aprendemos dos mais velhos e entregamos aos mais novos, e por testemunharem, com palavras e obras, que a fé cristã humaniza, liberta e faz novas todas as coisas. Obrigado por serem os primeiros a praticarem a conversão pastoral que a *Evangelii Gaudium* tanto nos pede.

Este Diretório também é um convite a aprofundar a formação, a caminhar na sinodalidade com padres, diáconos, consagrados, ministros, coordenadores e famílias; convite a fortalecer os círculos bíblicos, as comunidades eclesiais missionárias, a catequese que conduz à Eucaristia dominical e à vida de caridade. É um convite a olhar com amor os que ficaram à beira do caminho e a reconhecer as sementes de bem neste mundo. Confiamos este caminho à Virgem Mãe da Santa Esperança, primeira catequista do Filho, que guardava e meditava tudo no coração; a São José, que nos ensina o ofício paciente de formar na fé; e a São Luís Gonzaga, nosso padroeiro, para que nos alcance com a pureza de coração e ardor missionário. Que o Espírito Santo nos mantenha humildes e ousados, místicos e práticos, contemplativos e servidores, para que a catequese em nossa Diocese seja cada vez mais fonte de vida nova.

Recebam, pois, este Diretório como quem recebe um presente e como quem acolhe uma tarefa. Presente, porque traz o carinho e o reconhecimento da Igreja por vocês. Tarefa, porque nele se delineia um caminho a percorrer juntos, com passos firmes e coração leve. Somos, todos, peregrinos da esperança. Que as alegrias e esperanças do nosso povo encontrem, na catequese, casa e horizonte; e que cada casa, cada comunidade, cada

catequista e cada catequizando possa dizer: “O Senhor fez em nós maravilhas, santo é o seu nome”.

Na alegria do serviço catequético com minha bênção e gratidão,

São Luís de Montes Belos, 16 de nov. de 2025.

Dom Lindomar Rocha Mota
Bispo Diocesano

Introdução

Conscientes de que é preciso amadurecer a fé inicial e educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento e encantamento aprofundado e sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo que esta realidade se tornou premente ao longo dos séculos e, desde o advento do mandato evangélico apresentado aos discípulos pelo próprio Senhor “E vos quem dizeis que eu sou?”(Mc 16,15), a Igreja tem dedicado especial atenção à orientação e acompanhamento da catequese como pilar fundamental ao desenvolvimento da ação evangelizadora.

A atenção aos sinais dos tempos e o discernimento acerca da forma como anunciar Jesus Cristo e promover o seu seguimento, configurou-se em uma urgência que marcou as últimas décadas e, em resposta, a Igreja suscitou a publicação de Diretórios - instrumentos nos quais se expressam a definição das orientações acerca da natureza e da finalidade do processo de educação da fé - que se tornaram importantes referências para formar novos discípulos.

No que se refere à Catequese, encontramos o Diretório Catequético Geral (1971), o Diretório Geral para a Catequese (1997) e o Diretório para a Catequese (2020), constituídos sob a luz pós-conciliar que notadamente conduzem a compreensão dos fundamentos a serem resgatados, fortalecidos e atualizados em vista da preservação da identidade cristã católica e é legitimado por esta realidade que reafirmamos a sua importância.

Desde os primórdios desta Igreja Particular, ainda quando era Prelazia, foi dedicado à Catequese um efetivo acompanhamento e zelo pastoral por parte dos nossos Pastores. Já nas primeiras décadas se destacava, juntamente com o movimento litúrgico, um intenso movimento de catequistas.

Além de muitos encontros diocesanos para catequistas realizados, destacamos também uma atenção específica de muitos encontros e retiros para eles, realizados nas, então, cinco regiões pastorais.

O acompanhamento da Catequese sempre esteve a cargo de uma comissão diocesana, composta por membros de cada região, buscando assim a articulação da Catequese em todas as Paróquias, em vista de uma unidade diocesana nas linhas de reflexões, ações e indicações no material utilizado.

Ao longo destes anos o processo catequético foi se adequando e se estruturando conforme as orientações da Igreja Universal e Nacional, através de suas reflexões e seus diretórios. Nossa caminhada diocesana também sempre esteve alinhada com as propostas do Regional Centro Oeste da CNBB. Os catequistas foram e são sempre incentivados a participarem de seminários, ampliadas e a romaria realizados pelo Regional.

A partir de 2005, houve um tempo frutuoso na formação diocesana: escolas catequéticas, encontros de catequistas, de coordenadores, assembleias de catequese, celebração do dia do catequista, romaria diocesana com catequistas e catequizandos, crisma diocesana, escolas bíblicas regionais e encontram bíblico diocesano, sempre com a participação de muitos catequistas, que eram um dos públicos-alvo destes encontros.

Importante enfatizar aqui que a partir do ano de 2017, com a aprovação do Documento 107, Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários, nós, como Diocese, começamos a compreender a Catequese dentro deste eixo, e foi nessa direção que a propomos nos últimos anos: Catequese com inspiração catecumenal e com método de leitura orante. Fizemos vários estudos e reflexões acerca deste assunto, inclusive sobre o RICA, com padres e catequistas.

Em 2020 acolhemos o nosso quarto Pastor, Dom Lindomar Rocha, o qual deu, desde o início, muita atenção ao processo catequético diocesano, colocando a catequese entre as três prioridades da ação pastoral, sinalizando assim a importância da Catequese nesta Igreja Particular. Formou também a Comissão Diocesana que deu origem ao atual Departamento Diocesano de Catequese (DEDICA), organismo responsável para promover a animação da catequese em todas as Foranias e Paróquias, desenvolvendo uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã (IVC), para formar discípulos-missionários de Jesus Cristo.

No Ano de 2021 o Papa Francisco instituiu o **Ministério Laical de Catequista** e deixou a cargo das Conferências episcopais o itinerário formativo dos Catequistas. Logo que saiu o itinerário, o Departamento Diocesano de Catequese o viabilizou para todos os catequistas atuantes (mais de 5 anos de atuação). Com a aprovação do rito de instituição aprovado pela Santa Sé, realizou-se a Celebração no dia 30 de junho de 2024, na Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo, com a instituição de Catequistas em nossa Igreja particular, num total de

184 instituídos no ministério. Vale destacar que fomos uma das primeiras Dioceses do Brasil a conferir o Ministério, um marco importante dentro do nosso processo catequético.

São Luís de Montes Belos, 16/11/2025
(Departamento Diocesano de Catequese)

Objetivos

Objetivo geral

Formar discípulos e discípulas para Jesus Cristo, iniciando pela primeira infância e perpassando toda a vida cristã, até que ele seja capaz de afirmar com segurança a sua fé, proclamar a sua esperança e testemunhar no mundo, com palavras e ações, a presença do Reino.

Objetivos específicos

- Formar discípulos missionários para Cristo e sua Igreja;
- Elucidar os princípios teológico-pastorais fundamentais que sustentam ação catequética;
- Orientar o processo catequético diocesano para que esteja em consonância com as disposições vigentes;
- Apresentar orientações pastorais de ordem catequética para a Diocese;
- Favorecer a compreensão metodológica e a aplicabilidade do processo de iniciação à vida cristã;

Livro I



Fundamentos e
Finalidade

Cap. I

Fundamentos da Catequese

O processo de Iniciação a vida Cristã tem como objetivo tornar o catequizando um discípulo – missionário de Jesus Cristo, educando-o na fé e o formando ao discipulado e a missionariedade. Por isso, deve partir de Jesus Cristo e levar a Jesus Cristo. Nestes caminhos, alguns elementos são fundamentais para o bom êxito desta catequese

1 A Revelação

A finalidade da Revelação é a salvação de todas as pessoas, que se realiza através de uma pedagogia de Deus original e eficaz ao longo da história. Na Sagrada Escritura, Deus revela-se como um pai misericordioso, um mestre, um sábio (cf. Dt 8,5; Os 11,3-4; Pr 3,11-12), que vai ao encontro do homem na condição em que este estiver, e o livra do mal, atraindo-o a si com laços de amor. Progressivamente e com paciência, conduz à maturidade o povo eleito e, com ele, todos os indivíduos que o escutam. O Pai, enquanto educador, transforma as vicissitudes do seu povo em lições de sabedoria (cf. Dt 4,36-40; 11,2-7), adaptando-se às épocas e situações que estiver a viver. Oferece ensinamentos que serão transmitidos de geração em geração (cf. Ex 12,25-27; Dt 6,4-8; 6,20-25; 31,12-13; Js 4,20-24), adverte e educa também através das provações e do sofrimento (cf. Am 4,6; Os 7,10; Jr 2,30; Hb 12,4-11; Ap 3,19).

Jesus cuidou atentamente da formação dos seus discípulos em vista da evangelização. Apresentou-se a eles como o único Mestre e, ao mesmo tempo, como amigo paciente e fiel (cf. Jo 15,15; Mc 9,33-37; 10,41-45). Ensinou a verdade ao longo de toda a sua vida. Provocou-os com perguntas (cf. Mc 8,14-21.27). Explicou-lhes com maior profundidade aquilo que proclamava à multidão (cf. Mc 4,34; Lc 12,41). Introduziu-os à oração (cf. Lc 11,1-2). Enviou-os em missão, não sozinhos, mas como pequena comunidade (cf. Lc 10,1-20). Prometeu-lhes o Espírito Santo que os haveria de guiar para a verdade completa (cf. Jo 16,13), apoiando-os nos momentos de dificuldade (cf. Mt 10,20; Jo 15,26; At 4,31).

É justo nos inspirar na dinâmica revelativa de Deus, na Sagrada Escritura, entendendo como viveu as primeiras comunidades cristãs, para assim, chegarmos ao pleno exercício do discipulado e da missão, tão necessários ao nosso tempo.

2 A experiência dos discípulos na Igreja primitiva

O Atos dos Apóstolos, o livro que narra a experiência das primeiras comunidades depois do Pentecostes, afirma que no início os membros dessas comunidades eram

“Perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações. Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas; vendiam suas propriedades e seus bens

e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Diariamente, todos juntos frequentavam o Templo e nas casas partiam o pão, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade, outras pessoas que iam aceitando a salvação” (At 2 42-47).

Assim, a comunidade crescia e se desenvolvia sobre esses quatro pilares que nos norteiam até os dias de hoje.

3 O ensinamento dos apóstolos (At 2, 1 -36)

Os primeiros cristãos eram perseverantes (cf. At 2, 42 -47). E o que é ser perseverante? É permanecer com frequência na busca de um objetivo. Não desistir, apesar de momentos de desânimos e ou das dificuldades encontradas. Foi isso o que acontece com a Igreja de Jerusalém e precisa continuar acontecendo.

Lembremos que pouco antes o Espírito Santo desceu sobre os discípulos no Pentecostes (cf. At 2, 1-4). Os convertidos, os três mil que ouviram a pregação de Pedro, estavam agora em uma nova realidade de vida. Para saber como deveria ser sua nova vida teriam de atentar para a doutrina deixada pelo Senhor. A doutrina dos apóstolos era o testemunho acerca da pessoa e palavras de Jesus.

Hoje, nós temos a Bíblia e os bispos, que continuam a sucessão apostólica, que nos ajudam

perseverar na doutrina e a pôr em prática a Palavra de Deus. Nos ajudam a permanecer na justa doutrina revelada nas Escrituras.

O apóstolo Paulo enfatiza o ensinamento da Palavra com suas recomendações à Timóteo dizendo:

“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Tm 3,14-17).

Enfatiza ainda: “Eu te conjuro, diante de Deus e de Jesus Cristo, que há de vir a julgar os vivos e os mortos, pela sua Aparição e por seu Reino: proclama a Palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno, refuta, ameaça, exorta com toda paciência e doutrina”(2Tm 4,1-2). A transmissão da fé na Igreja está alicerçada na Palavra de Deus. Razão pela qual, em todo tempo, sempre há a necessidade de proclamá-la e anunciá-la.

4 A comunhão fraterna (At 2, 42 – 47)

A perseverança daquela igreja não era apenas na Palavra. Essa comunhão enfatizada que em grego significa “Koinonia”, indica o afastamento de interesses particulares e aproxima de outras pessoas

para o cumprimento de objetivos comuns. Koinonia, portanto, é colocarmos de lado nossos interesses visando somar forças para juntos servirmos ao Senhor. Assim, podemos afirmar que só há essa koinonia, primeiramente, porque há comunhão com o Deus Trino. Havendo comunhão com Deus, nossa comunhão se expressará nas relações interpessoais. Se em nossos relacionamentos não há unidade, atitudes de misericórdia e companheirismo, então é porque também não há verdadeira comunhão com Deus.

É preciso haver objetivos comuns, e no contexto, dos Atos dos Apóstolos, esses objetivos eram bem tangíveis. Havia pessoas que precisavam ser atendidas em suas necessidades materiais. Os, cristãos, então, movidos pelo amor, pelo sentimento de que era algo banal manter posses materiais, uma vez que Cristo logo voltaria, e pelo costume cultural de acolher aqueles que tinham vindo de lugares longínquos para a Festa de Pentecostes vendiam suas propriedades e entregavam o valor aos apóstolos para que fosse distribuído aos mais necessitados (cf. At 2, 44-45).

Podemos estar juntos sem estar em comunhão, mas para vivermos de modo prático a comunhão precisamos estar juntos. Não se trata apenas de estar em um mesmo espaço físico – o Templo – mas viver a mesma fé, no mesmo Espírito, com os mesmos objetivos. É importante estar juntos no Templo, porém, nossas relações necessitam de ser extramuros da Igreja.

5 Partilha do Pão (1Cor 11, 23 -34)

Podemos dizer que o terceiro elemento de uma Igreja cheia do Espírito é uma extensão do que foi dito anteriormente. Há o entendimento de que a expressão “partir do pão” é uma referência a duas ideias: a primeira é que eles expressavam sua comunhão nas refeições uns com os outros. E a segunda conotação é que aponta para a Santa Ceia do Senhor.

Como a Santa Ceia que é uma refeição, as duas coisas ocorrem juntas. Todas as vezes que partilhamos o pão lembramos que Cristo foi “partido” entre nós e para nós (cf. 1 Cor 11, 24 -26). Assim, o momento do partir o pão é momento de ensino do Evangelho para a família, vizinhos, amigos, qualquer um que estiver presente.

A Santa Ceia é uma proclamação do Evangelho de Cristo: A Ceia do Senhor é um sermão para os olhos e uma confirmação da Palavra de Deus para nós. É um incentivo para as nossas orações e uma expressão solene da ascensão de nossa alma a Deus (Cf. 1 Cor 11, 33-34). Como isso se aplica a nós? Valorizando a Ceia do Senhor bem como todos os momentos de adoração: “Por conseguinte, que cada um examine a si mesmo antes de comer desse pão e beber desse cálice, pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação” (1Cor 11, 28-29).

6 Vida de oração (At 3,1-8;4, 23 -31; 12, 1-19; 13, 1-3)

Tudo o que a igreja de Jerusalém fazia era antecedido por oração. Havia o bom exemplo da liderança – era hábito rezarem no Templo às três horas da tarde (cf. At 3,1). Buscavam intensamente ao Senhor nos momentos de perseguição (cf. At 4,31; 12,5). Nada para os líderes era mais importante em sua atividade apostólica do que a pregação da Palavra e a oração (cf. At 6, 4). Para a Igreja de Antioquia as portas das missões são abertas e a oração antecede o envio dos missionários (cf. At 13,1-3).

Quanto a nós, que a oração seja algo constante, como nos recomenda a Palavra. A esse respeito há uma frase interessante que diz:

A oração não se mostra verdadeira quando Deus escuta o que se lhe pede. Ela é verdadeira, quando quem ora continua orando, até que seja ele mesmo a escutar o que Deus quer. Quem ora de verdade, nada mais faz senão escutar”. (Orar com o coração, p. 24).

Portanto, Viver a vida em Cristo, deve ser evidenciada pelo crescimento e valorização do conhecimento da Palavra, pela luta por se viver em comunhão, valorizando o que o Senhor estabeleceu para sua Igreja, como a Santa Eucaristia e ser perseverante em oração.

7 A Igreja em nossos dias

Os primeiros cristãos, os discípulos de Jesus e os apóstolos, louvavam ao Senhor e eram estimados, queridos e amados por todo o povo. E esse povo não era cristão, mas pagão, pois ainda não haviam se decidido por Jesus. Os pagãos gostavam dos discípulos e dos apóstolos do Senhor por causa do testemunho deles, que faziam tudo com alegria e simplicidade. (cf. At 2, 46-47). Vamos, portanto, nos iluminar na “Igreja ideal” dos Atos dos Apóstolos.

Unânimes, frequentavam todos os dias o Templo, partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo (At 2,46-47).

Inspirando-se na descrição dos Atos dos Apóstolos, vemos que a Igreja ideal é aquela que vive a fé de forma simples, alegre, fraterna e profundamente enraizada na comunhão e na caridade.

Portanto o que é a Igreja? Como ela deve estar atuando neste século? Quais seus desafios? Em que ela tem acertado? Muitas são as interrogações que podem ser postas sobre a Igreja. E, também variados são os entendimentos da expressão “igreja”.

O Vaticano II, define a Igreja como: “Sacramento universal da salvação, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (Lumen Gentium, n. 1). Assim, a Igreja não é apenas uma instituição, mas uma realidade viva: corpo místico de Cristo, povo de

Deus em caminhada, templo do Espírito Santo e família de irmãos e irmãs que testemunham o amor de Deus no mundo.

A atuação da Igreja exige abertura ao Espírito Santo e fidelidade criativa ao Evangelho. Em tempos marcados pelo secularismo, individualismo e rápidas transformações culturais e tecnológicas, a missão da Igreja é: anunciar Jesus Cristo com alegria e coragem; ser presença de misericórdia e reconciliação; construir pontes de diálogo com a sociedade e servir os pobres, excluídos e feridos da humanidade.

Como afirmava Papa Francisco:

A Igreja sente-se chamada a dar novo vigor à evangelização neste tempo novo de missão. Toda renovação na Igreja deve ter como alvo a missão”. (Evangelii Gaudium, Papa Francisco, n. 27).

O Testemunho de cada um faz a presença de Deus se tornar sensível e, por conta disso, elas se aproximam d'Ele. É a nossa vida que dá credibilidade à Palavra de Deus. É a condução do Espírito Santo. É o Espírito que mantém até hoje os discípulos de Cristo nesta unidade eclesial e em suas dimensões basilares e essenciais.

8 Igreja de Carismas e Ministérios (Cor, 12; Ef,4)

A igreja é um corpo onde cada cristão tem uma missão (cf. I Cor 12, 4-11). Foi São Paulo que elaborou essa imagem da Igreja como um corpo. Assim a Igreja possui muitas partes, mas nele há uma unidade essencial. Há um eu, uma personalidade, que outorga unidade às muitas e variadas partes de um corpo. O que o eu, a personalidade, é para o corpo, Cristo é para a Igreja. N'Ele todas as partes variadas e diversas encontram unidade. (cf Ef 4,16).

E logo Paulo continua considerando isto de outra maneira. Diz:

Vós sois o corpo de Cristo." Por conseguinte, temos que ser o corpo de Cristo, mãos para fazer sua tarefa, pés para correr atrás de suas mensagens, uma voz que fale por Ele. Assim, pois, Paulo traça um quadro da unidade que deveria existir dentro da Igreja se esta quer realizar a função que lhe corresponde. (1Cor 12-13).

No quadro elaborado por Paulo temos que observar certas afinidades que nos colocam em comunhão. Sendo assim, temos que nos dar conta de que necessitamos uns dos outros e que, na Igreja não pode haver isolamento. Se quisermos que a Igreja seja um corpo sadio, necessitamos do trabalho que cada um pode fazer. Sempre que começamos a pensar a respeito de nossa própria importância na Igreja cristã, desaparece a possibilidade de uma obra verdadeiramente cristã.

A Igreja é uma unidade:

Há um só Corpo e um só Espírito, assim como e uma só esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos (Ef 4, 4-6).

Se alguém já não pode ver além de sua própria organização, nem além de sua comunidade, e, pior ainda, se não pode ver além de seu próprio círculo ainda não compreendeu a verdadeira unidade da Igreja.

9 Exercício dos carismas e ministérios

A Igreja prospera de um dom que maior que todos esses, e os mantém unidos, o amor. O amor evita o perigo de que a diferença de dons estorve o corpo (cf. I Cor 12,28 -30). O amor conforma a Igreja numa unidade perfeita. Por isso, São Paulo entoava seu hino para concluir a diversidade na Igreja no capítulo 13 de sua primeira Carta aos Coríntios.

Primeiro estão os Apóstolos (hoje os bispos): a autoridade deles não estava confinada a um só lugar; não exerciam um ministério estável ou local, seus escritos percorriam toda a igreja. Por que acontecia isso? A condição essencial de um apóstolo era ter acompanhado a Jesus em sua vida terrestre e ter sido testemunha da ressurreição (cf. At 1, 22). Os apóstolos foram os que tiveram o contato mais íntimo com Jesus nos dias de sua carne e de seu poder ressuscitado. Jesus nunca escreveu nada; não deixou nenhum livro, pelo contrário "escreveu" sua mensagem sobre homens, e estes eram os apóstolos.

A sucessão apostólica continua ininterrupta até os nossos dias: “Mas, recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1, 8).

Em seguida os Profetas: Não se trata de provisão de eventos futuros. Trata-se do dom da pregação pública e fervorosa do Evangelho: “Vós todos podeis profetizar, mas cada um a seu turno, para que todos sejam instruídos e encorajados” (1Cor,14,31-32). De fato, a profecia está para proclamar uma mensagem divina “pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz” (1Cor 14, 33).

Logo após os Apóstolos, vinham os mestres: aqueles encarregados de ensinar os fundamentos da fé. Nos primeiros tempos do cristianismo, esses mestres tinham uma tarefa imensa: instruir homens e mulheres que literalmente nada sabiam sobre Jesus Cristo, nem sobre as Escrituras, os Sacramentos ou a vida cristã. Eles não apenas transmitiam doutrina, mas formavam discípulos, ajudando-os a se tornarem verdadeiros seguidores do Senhor.

Mesmo hoje, apesar de termos muitos livros, vídeos, cursos e conteúdos online, uma verdade permanece: Ainda é certo que realmente aprendemos a respeito de Cristo através das pessoas. Nada substitui o testemunho vivo de quem vive o que ensina. A fé se transmite pelo calor do exemplo, pela convivência, pelo amor que comunica verdade.

O Papa Francisco recorda: “A fé se transmite de pessoa para pessoa, como uma vela acesa com outra vela” (Audiência Geral, 2 de agosto de 2023). E o Diretório para a Catequese reforça: “O catequista é

um cristão que carrega em si a memória de Deus; desperta-a nos outros e transmite o Evangelho com sua vida” (Diretório para a Catequese, n. 113).

Portanto, os mestres de hoje — sejam padres, catequistas, educadores, pais, leigos ou religiosos — continuam com a tarefa sagrada de formar corações para Cristo. Mais do que transmitir conteúdo, formam vidas, geram discípulos e sustentam a fé do povo de Deus com humildade, paciência e amor.

Há alguns que têm os dons de milagres, curas e línguas (os carismáticos): Aqui, temos o elenco de dons concedidos a diversas pessoas, e como, nas realidades e carismas, ministérios e serviços, reforça-se a ideia de que o que é recebido é um dom imerecido, dado livremente por quem oferece, descartando qualquer possibilidade de conquista pessoal.

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. [...] A uns é dada, pelo Espírito, a palavra de sabedoria; a outros, a palavra de ciência [...]; a outros, o dom de curas [...]; a outros, o dom de socorrer os necessitados (1 Cor 12,4.8.9.28).

Paulo, ainda fala sobre os que ajudam: Estes eram pessoas cuja tarefa em socorrer os pobres, os órfãos, as viúvas e os estranhos. Desde o começo o cristianismo foi algo intensamente prático. Pode ser que alguém não saiba pregar, nem tenha o dom do ensino; mas todos podem ajudar.

O culto puro e sem mancha diante de Deus, o Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas

nas suas tribulações e conservar-se isento da corrupção do mundo (Tg 1,27).

Há, ainda os que administram (governo):

As pessoas às quais Paulo se refere são as que levam a cabo a administração da Igreja. É uma tarefa essencial, eles levam sobre seus ombros a administração rotineira da Igreja. Há partes do corpo que nunca se veem, há pessoas que servem na Igreja em formas que não lhes dão publicidade, mas sem seus serviços a Igreja não poderia continuar adiante. “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons administradores da multiforme graça de Deus” (1Pe 4,10).

A beleza da Igreja está em sua diversidade unida pelo Espírito Santo. Cada pessoa tem um dom e um papel. Todos contribuem para que o Corpo de Cristo cresça e testemunhe o amor de Deus no mundo.

Cap. II

Catequeses Fundamentais

1 Querigma

O Querigma se refere ao primeiro anúncio da fé que os apóstolos dirigiam aos judeus e pagãos com a finalidade deles se converterem à novidade do Evangelho de Cristo. Em frases curtas e testemunhais os apóstolos apresentavam o Deus revelado por Jesus e a novidade de vida que os levava a serem enviados da verdade. Paulo dirigia o primeiro anúncio aos não convertidos:

Eu vos transmitti, antes de tudo, o que eu mesmo tinha recebido: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ao terceiro dia foi ressuscitado, e apareceu a Cefas e depois aos Doze (1Cor 15,3-5).

É a revelação da pessoa do Senhor e do seu Reino que vem ao nosso encontro e nos toca, nos faz participantes da nova realidade de graça e salvação.

No coração da mensagem cristã brilha o anúncio: Jesus Cristo te ama, deu a sua vida para te salvar e agora está vivo ao teu lado, cada dia, para te iluminar, fortalecer e libertar (Evangelii Gaudium, n. 164).

O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as levam a escutar Jesus Cristo, a crer Nele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá

pleno significado as suas vidas e a seguir seus passos. Com a mesma eficácia, a Palavra de Deus realiza, hoje, aquilo que anuncia como conversão, graça e salvação.

O Evangelho está cheio de cegos, de surdos e de mudos. Eles sofrem terrivelmente a solidão. Não conseguem se comunicar. Jesus toca nesses irmãos marginalizados e diz: “Efatá”, que quer dizer: ‘Abre-te’ (Mc 7,34). Ele continua, também hoje, a gritar o seu “Efatá” a tanta gente que não enxerga, não ouve, não fala. E muitas vezes não enxerga a beleza de Deus, não ouve a Palavra de Deus, não fala a língua de Deus.

Não há verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor. O querigma deve ocupar o centro da atividade evangelizadora (DAp, n. 278).

O primeiro tempo assinalado pelo Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, chamado pré-catecumenato, trata da acolhida do candidato que precisa aprofundar a experiência da fé em sua vida mediante o anúncio do querigma.

Aqueles que acompanham essas pessoas neste primeiro tempo, ou seja, os introdutores irão ajudá-las a acolher estes acontecimentos com o discernimento da fé. Somente, o encontro pessoal com Ele produz a conversão para uma vida plena. O anúncio da pessoa de Jesus Cristo consola, gera esperança e conforto e deverá percorrer ao longo de toda a catequese de forma convicta e testemunhal.

O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se doa sob forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que com sua morte e ressurreição nos revela e comunica a infinita misericórdia do Pai (Evangelii Gaudium, n. 164).

Tenhamos presente os pais e padrinhos que pedem o batismo para seus filhos; os fiéis das missas de sétimo dia ou que, ocasionalmente frequentam a missa dominical. Daí a importância de a comunidade sair ao encontro das pessoas afastadas ou não evangelizadas para anunciar-lhes o querigma e acolhê-las em seu meio.

Mais do que nunca se faz necessário o “primeiro anúncio” em todas as formas de catequese e que todo encontro com os fiéis se torne ocasião para recuperar o coração da fé (querigma) e fazer o convite para a adesão inicial.

Anunciar o Querigma implica comunicar a própria experiência de fé, posicionar-nos como pessoas de fé numa sociedade que duvida, questiona, põe à prova as convicções do missionário.

2 Discipulado

O catecumenato vigorou na Igreja até o século V. Neste caminho, três elementos se uniam: o anúncio da fé em Cristo, por meio da história da salvação, juntamente com as celebrações litúrgicas (bênçãos, exorcismos e celebrações da Palavra) e a conversão contínua, para o catecúmeno levar a fé cada vez mais a sério em sua vida diária.

Aquilo que meditava na Palavra ou compreendia como verdade do creio, ou os compromissos de vivência que nasciam da oração do pai-nosso ou das bem-aventuranças, não eram diferentes dos gestos e símbolos celebrados na liturgia. Catequese e liturgia estavam unidas.

O catecumenato não era uma supérflua introdução na fé, nem um cursinho. Mas era um processo de compreensão vital, de acolhimento e participação na vida nova revelada em Cristo Jesus e celebrada na liturgia.

A catequese está intimamente unida à liturgia, pois dela brota e para ela conduz. A liturgia é, de certa forma, catequese em ação. (Diretório para a Catequese, n. 96).

O processo catecumenal durava em torno de dois a três anos e envolvia toda a comunidade, pois entravam em ação: os padrinhos, os chamados introdutores (aqueles que apresentavam o candidato à comunidade), o bispo, os diáconos e os presbíteros (padres). A comunidade se sentia muito responsável por aqueles, que dali em diante, iam fazer parte dela. Por isso, a Igreja é chamada de Mãe, porque gera os novos filhos (as) para Deus.

O tempo do catecumenato está dedicado a ajudar o discípulo a seguir o Mestre. Isto implica conhecer a vida, a missão e o destino de Jesus de Nazaré, como também assimilar seus sentimentos e desenvolver atitudes como aquelas que Ele teve com as mulheres, os órfãos e os pobres de seu tempo.

O discípulo é alguém chamado por Jesus Cristo para com ele conviver, participar de sua Vida, unir-se à sua Pessoa e aderir à sua missão, colaborando com ela. Entrega, assim, sua liberdade a “Jesus, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6); assume o ‘estilo de vida do próprio Jesus’, a saber, um amor incondicional, solidário, acolhedor até a doação da própria vida” (DGAE: 2008-2010, n. 57).

Assim, o tempo da iniciação cristã e, mais propriamente, o do catecumenato, é um longo discipulado, no qual se aprende com Jesus para compartilhar com ele o seu destino. Cada pessoa é chamada a repetir aquela experiência pessoal de encontro com Jesus, por caminhos de liberdade que a levam ao amadurecimento e à construção de uma nova vida. Como os apóstolos, muitos aceitaram o chamado de Jesus: Vem e segue-me (cf. Mt 8,22; 9,9; 19,21; Mc 2,14; 10,21; Lc 9,59; 18,22; Jo 1,43; 21,19). Ou então, como os discípulos de Emaús que aceitaram fazer o caminho com o Mestre (cf. Lc 24,13-35).

A pessoa divina de Jesus investe e envolve de tal modo aquele que é chamado, que lhe muda o projeto de vida, o modo de viver, de pensar e de agir. Lentamente, o discípulo se encontra com um novo estilo de vida, um novo modo de escolher e de avaliar as coisas, as pessoas e os acontecimentos (cf. Fl 2,2-5). O Mestre Jesus exerce sobre o discípulo tal poder de atração, que se torna irresistível. O apóstolo Paulo dirá que foi ‘agarrado’ por Jesus Cristo (cf. Fl 3,12).

A Iniciação Cristã deve conduzir o catecúmeno a uma conversão progressiva e radical, a ponto

de transformar toda a sua vida (RICA, Introdução Geral, n. 4).

Constatamos que a iniciação acontece pouco a pouco, na medida em que o catequizando abandona o velho homem e se reveste de Cristo por uma vida cristã autêntica (cf. Ef 4,22-24). Durante este tempo, busca-se criar laços, valorizar a experiência de cada um e discernir as situações à luz da fé. “O itinerário de formação é um verdadeiro caminho de santidade, que transforma o coração e a mente”. (Diretório para a Catequese, n. 61)

É o tempo de o discípulo moldar seu coração com uma forte reflexão bíblica, para isto, a catequese emprega o método da leitura orante da Palavra e a liturgia passa a ser o lugar do encontro vivificante com o Senhor, o seu Espírito e o Pai.

3 Mistagogia

Mistagogia significa “ser introduzido no mistério”, ou seja, no plano salvífico de Deus de salvar o mundo em Cristo, isto acontece eficazmente pelos sacramentos. Na Igreja primitiva, os adultos eram iniciados pelos três sacramentos durante a Vigília do Sábado Santo.

Bendito seja Deus (...) que nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo (...) Nele fomos escolhidos para sermos santos e irrepreensíveis diante dele (...) em quem também vós ouvistes a Palavra da verdade, o

Evangelho da vossa salvação, e nele acreditastes (Ef 1,3-13).

Assim, o Tempo Pascal passa a ser considerado o tempo adequado dos recém-batizados aprofundarem a experiência proporcionada pelos sacramentos. Podemos notar que as leituras da missa desse tempo facilitam a compreensão deles e do que é ser Igreja.

De aí, surge a necessidade de rever o calendário da catequese para priorizar a celebração dos sacramentos na Vigília e durante o Tempo Pascal.

A catequese mistagógica valoriza especialmente os sinais litúrgicos, a experiência vivida e o acompanhamento comunitário, inserindo o cristão cada vez mais na vida da Igreja (Diretório para a Catequese, n. 75).

Nos primeiros quatro séculos, somente se falava sobre os sacramentos após estes terem sido celebrados, pois uma vez iluminados pela fé do batismo, os neófitos (recém-iluminados) achavam-se habilitados a compreender melhor a experiência dos sacramentos.

Os sacramentos revelam a grandeza dos dons que os eleitos foram agraciados e abrem os horizontes de vida nova a que foram chamados a trilhar. De um lado, permanece a aliança de adesão e compromisso do fiel e do outro, a fidelidade do Senhor que não falha.

Ao tomar a iniciação cristã como caminho, os três sacramentos deixam de ser pontos de chegada, mas encontros transformadores que impellem à vivência dos valores, sentimentos e atitudes de Jesus confrontados ao longo do discipulado.

A celebração dos símbolos e gestos na liturgia leva o catequizando a experimentar estes sinais não apenas como elementos deste mundo, mas, olhados com fé, como realidades divinas.

A catequese é mistagógica quando ajuda os fiéis a reconhecer, nos sinais litúrgicos, a ação salvífica de Deus e a participar dela com toda a sua vida (Evangelii Gaudium, n. 166).

O significado do símbolo vai se concretizando passo a passo, daquilo que ele mostra aos nossos sentidos até chegar ao seu sentido final que só alcançamos com a fé. Vamos do visível para o invisível, do sinal sacramental para o mistério. Da água, da luz, do pão e do vinho, para a água viva, a luz do mundo, o pão do céu, enfim, para a vida eterna.

O símbolo litúrgico manifesta, realiza e aprofunda o mistério da fé: vamos do visível ao invisível, do sinal ao significado, da celebração ao encontro com Deus (Diretório para a Catequese, n. 97).

Veja bem que não se trata de uma dinâmica pedagógica a mais. Mas, de um método que parte dos sinais e gestos empregados na liturgia, do sentido que eles têm na história da salvação para a

implicação deles na vida de quem os recebe. Podemos dar quatro passos para captar seu sentido:

- Analisar o sentido usual e corriqueiro do sinal;
- Mostrar, com a ajuda de textos bíblicos, a realidade salvífica que os elementos e os gestos possuem;
- Unir o sinal com a Palavra na celebração e os efeitos que produz naquele que o recebe;
- Apontar o estilo cristão ou o espírito de vida nova que nasce da aliança sacramental, levando o catequizando a se comprometer.

Este método requer uma adequada visão dos fundamentos da liturgia: sacerdócio comum, assembleia, espaço litúrgico, ministérios, participação, oração eucarística, celebração da Palavra.

Nos encontros catequéticos, sejam realizados pequenos exercícios com experiências, símbolos e celebrações para propiciar uma educação litúrgica que capacite o catequizando a interiorizar os principais gestos da liturgia. Pequenas celebrações com os símbolos litúrgicos e com a proclamação da Palavra coloca o fiel em contato direto com o mistério de fé celebrado.

A catequese deve ser profundamente impregnada de mentalidade litúrgica, e recorrer frequentemente às ações litúrgicas,

fazendo uso de sinais, símbolos e ritos
(Sacrosanctum Concilium, n. 33).

Há que vencer a mentalidade marcadamente devocional e assumir uma catequese experiencial, celebrativa e orante, que dê importância aos símbolos e aos progressivos passos na fé, assumindo assim as características de um processo iniciático.

Cap. III

Finalidade da Catequese

1 A catequese no processo da evangelização

Conforme é afirmado no Documento de Aparecida “a missão da Igreja é evangelizar” e compreender o que isto significa é fundamental para o discernimento acerca da importância da catequese nos diversos âmbitos, para que isto (a evangelização) aconteça. Neste sentido, diz o documento:

Em primeiro lugar, mencionamos o âmbito da pastoral ordinária, animada pelo fogo do Espírito a fim de incendiar os corações dos fiéis que frequentam regularmente a comunidade, reunindo-se no dia do Senhor, para se alimentarem da sua Palavra e do Pão de vida eterna. Devem ser incluídos também neste âmbito os fiéis que conservam uma fé católica intensa e sincera, exprimindo-a de diversos modos, embora não participem frequentemente no culto. Esta pastoral está orientada para o crescimento dos fiéis de Deus. Em segundo lugar, lembramos o âmbito das pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé. Mãe sempre solícita, a Igreja esforça-se para que elas vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho. Por fim, frisamos que a evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação

do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração (Dap. n. 30-32).

Acentua-se, portanto, a necessidade de uma ação pastoral evangelizadora que tenha como princípio a Iniciação a Vida Cristã, no âmbito da vida paroquial que trabalhe de forma orgânica para se constituir discípulos missionários de Jesus fruto de um amadurecimento na fé pela escuta contínua da Palavra de Deus.

2 A catequese a serviço da iniciação à vida cristã

A Iniciação a Vida Cristã é um itinerário, um caminho de pertencimento para conhecer e seguir os passos de Jesus Cristo. Assim a pessoa é iniciada na vida de Cristo: no seu modo de viver, de pensar e de agir. Ser iniciado na vida de Cristo, desperta para a Missão. Toda pessoa que segue Jesus anuncia a beleza e a alegria profunda de viver como Cristo viveu.

O discípulo, atraído pela beleza do seguimento, torna-se um iniciador de outros na vida

de Cristo. Assim a IVC renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário, transformando a vida na dimensão pessoal, comunitário e social. A vida Cristã é um projeto de vida.

Jesus formou discípulos, instruindo-os com sua original atitude de acolhida, compreensão, valorização das pessoas, principalmente dos marginalizados. Hoje a comunidade eclesial é o lugar da IVC e da educação da fé dos adultos, jovens, adolescentes e crianças. Assumir a urgência da iniciação à vida cristã é tarefa de toda a Igreja.

A ação evangelizadora catequética deve incorporar testemunho e anúncio, palavra e sacramento, mudança interior e transformação social. Cuidar para que o processo catequético seja tecido de símbolos, ritos, celebrações que tocam os sentidos e os afetos. E neste sentido, não vise somente a preparação aos sacramentos.

Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo. A missão evangelizadora exige uma catequese que seja, ao mesmo tempo, querigmática, mistagógica, formativa e transformadora da vida pessoal e social (Documento 107 da CNBB, n. 143).

A catequese deverá, portanto, buscar retomar algumas manifestações de piedade popular à sua raiz evangélica, trinitária, cristológica e eclesial, purificando-as de deformações ou atitudes errôneas, delas fazendo ocasião para um novo compromisso na vida cristã. E assim, garantir os âmbitos da catequese familiar: catequese na família; catequese com a família e catequese da família.

Nos diz o diretório para catequese:

A catequese familiar precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese.” Os pais testemunham e transmitem valores humanos e religiosos aos filhos, oferecendo uma iniciação cristã que é insubstituível no contexto familiar;

Os genitores recebem, no sacramento do Matrimônio, ‘a graça e a responsabilidade da educação cristã de seus filhos (...) essa ação educativa humana e religiosa configura-se como um verdadeiro **ministério**, no qual a vida familiar se torna **itinerário de fé** e escola de vida cristã;

À medida que os filhos crescem, ocorre um diálogo catequético recíproco: num diálogo catequético deste tipo, cada um recebe e dá alguma coisa. A comunidade deve prestar atenção aos pais, ajudando-os com encontros, cursos e catequese para adulto;

A catequese dos pais deve ser incentivada como parte da missão da comunidade cristã, especialmente quando as condições civis dificultam a educação na fé. Tal atenção pastoral é urgente e necessária (Diretório para a Catequese, n. 227 ao 230).

3 Animar a vida cristã através dos sacramentos

Pelos sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia, são colocados os fundamentos de toda vida do discípulo de Cristo.

O Catecismo resume magistralmente o efeito dos sacramentos na vida do ser humano:

A participação na natureza divina, que os homens recebem como dom mediante a graça de Cristo, apresenta certa analogia com a origem, o desenvolvimento e a sustentação da vida natural. Os fiéis, de fato, renascidos no Batismo, são fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e, depois, nutridos com o alimento da vida eterna na Eucaristia. Assim, por efeito destes sacramentos da iniciação cristã, estão em condições de saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e de progredir até alcançar a perfeição da caridade (CIC 1212).

3.1 Batismo

O Batismo incorpora os seres humanos a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus; perdoa-lhes todos os pecados e os faz passar, livres do poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-os em nova criatura pela água e pelo Espírito Santo; por isso, são chamados filhos de Deus e realmente o são. Assim, os batizados são chamados “filhos de Deus” — e realmente o são: “Vede que grande presente de amor o Pai nos deu: sermos chamados filhos de Deus! E nós o somos de fato!” (1Jo 3,1)

3.2 Confirmação

Assinalados na Crisma pela doação do mesmo Espírito, são configurados ao Senhor e cheios do Espírito Santo, a fim de levarem o corpo de Cristo quanto antes à plenitude.

Até que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef 4,13).

3.3 Eucaristia

Participando do sacrifício Eucarístico, comem da carne e bebem do sangue do Filho do Homem, e assim recebem a vida eterna e exprimem a unidade do povo de Deus; oferecendo-se com Cristo, tomam parte do sacrifício universal, no qual toda a comunidade redimida é oferecida a Deus pelo sumo sacerdote; e ainda suplica que, pela abundante efusão do Espírito Santo, possa todo o gênero humano atingir a unidade da família de Deus. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.” (João 6,54).

Unidos a Cristo, oferecem-se com Ele, tornando-se oferta viva no sacrifício universal, no qual toda a comunidade redimida é apresentada a Deus pelo Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. A Eucaristia é, portanto, memorial do sacrifício pascal e, ao mesmo tempo, um clamor pela unidade da família humana, suplicando a abundante efusão do Espírito Santo: “Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo: pois todos participamos do mesmo pão”. (1Coríntios 10,17).

Desta forma, completam-se os três sacramentos da iniciação cristã — Batismo, Crisma e Eucaristia — que proporcionam aos fiéis alcançar a plenitude da vida cristã e viver sua missão de povo de Deus no mundo e na Igreja (cf. RICA, n. 2).

3.4 Os Sacramentos de Cura

Jesus era, além de Filho de Deus, um ser humano como nós, e sabia das nossas necessidades e sofrimentos. Por isso, além de nos deixar os Sacramentos para a vida espiritual, cuidou também de pensar em nosso bem-estar físico. Dentre os sete Sacramentos, dois deles abrangem não somente o plano espiritual, mas também, os problemas físicos. São os chamados Sacramentos de cura: a Penitência e a Unção dos Enfermos. É necessário assinalar que esses dois Sacramentos também são Sacramentos de Reconciliação com Deus, no plano Espiritual.

Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja, e eles façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração feita com fé salvará o doente (Tg 5,14-15).

3.5 O Sacramento da Penitência (Confissão)

“O Senhor Jesus Cristo, médico de almas e de corpos, perdoou os pecados ao paralítico e lhe restituiu a saúde ao corpo” (Mc 2, 1-12). Essa passagem do Evangelho de Marcos nos dá um exemplo de uma cura perfeita: Jesus, em primeiro lugar, cuida do espírito, para depois curar o corpo.

O sacramento da Penitência faz exatamente isso: cura a doença da alma, que é o pecado, e depois restitui ao corpo o alívio do peso das culpas e, muitas vezes, pode curar também doenças psicológicas que acompanham aquele que se sente culpado pelos pecados cometidos. Conforme aprendemos na

catequese da Igreja, “o pecado é a doença que nos afasta de Deus” e podemos acrescentar que causa estragos à nossa saúde corporal.

O pecado é, antes de tudo, uma ofensa a Deus, uma ruptura da comunhão com Ele. Ao mesmo tempo, lesa a comunhão com a Igreja (CIC, n. 1440).

Para que o sacramento da Penitência tenha seu pleno efeito, são necessárias algumas atitudes, que são as seguintes:

- **Arrependimento:** se não nos arrependemos do pecado cometido, não adianta nada a confissão. Mesmo que o sacerdote nos dê a bênção, pois ele não pode saber se estamos ou não arrependidos, Deus sabe e não perdoará. O arrependimento das faltas cometidas é a condição essencial para o perdão.
- **Satisfação:** essa palavra aqui não significa estar satisfeito, mas sim a reparação da falta cometida. Ou seja, temos que fazer o possível para que o dano físico ou moral advindo do nosso erro seja reparado.
- **Bom senso:** é necessário ter bom senso no que tange à satisfação dos pecados cometidos. Há pecados que trarão graves consequências se tentarmos repará-los após a confissão. O exemplo mais claro é aquele de alguém que cometeu adultério, mas ninguém ficou sabendo e não houve nenhuma consequência. Se esse alguém

resolver contar isso à família, podemos antecipar os problemas que virão, e nada será reparado.

3.6 O Sacramento da Unção dos Enfermos

Jesus sempre teve pena dos doentes e sofredores. Curou cegos, surdos, mudos, paralíticos, leprosos e muitas outras doenças e deficiências. Isso demonstra que Jesus tinha um amor especial pelos doentes.

Mas Ele não veio curar somente corpos, mas sim o ser humano por inteiro, física e espiritualmente. Quando curava, Jesus pedia aos curados que tivessem fé (cf. Mt 9,22). Era a única condição exigida.

A Unção dos Enfermos não é um Sacramento que cura todas as doenças por milagre. Ele visa, antes de tudo, uma graça atual para o doente, que lhe dê conforto, esperança e coragem para suportar o sofrimento.

Pela graça deste sacramento, o doente recebe a força e o dom de se unir mais intimamente à Paixão de Cristo. [...] A Unção dos Enfermos completa nossa conformação com a morte e ressurreição de Cristo, iniciada no Batismo(CIC n. 1521-1523).

Por outro lado, há quem pense que só se deve chamar o sacerdote quando o doente está nas últimas, muitas vezes inconsciente. E isto não é correto. O sacramento da Unção dos Enfermos é cura para as enfermidades do corpo e da alma, logo, deve

ser ministrado mediante as necessidades do moribundo, principalmente quando o doente é idoso e está com alguma doença séria, o padre deve ser chamado e a Unção trará alívio ao enfermo.

3.7 Os Sacramentos do serviço e da comunhão

O Sacramento da Ordem e o Sacramento do Matrimônio, estão ordenados à salvação de outrem. Se contribuem também para a salvação pessoal, isso acontece por meio do serviço aos outros. Conferem uma missão particular na Igreja e servem para a edificação do Povo de Deus.

Já os esposos cristãos, unidos em Cristo, recebem um sacramento especial que os fortalece e consagra para viverem com fidelidade, fecundidade e testemunho o amor conjugal, como sinal da aliança entre Cristo e a Igreja.

E vós, maridos, amai vossa mulher, como Cristo amou a igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela palavra, para a apresentar a si mesmo a igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes alimenta-a e dela cuida, como também faz Cristo com a igreja, porque somos membros do seu corpo. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão ambos uma carne. É grande este mistério; refiro-me à relação entre Cristo e sua igreja. Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher

como a si mesmo; e a mulher respeite o marido (Ef 5,25-33).

Nesses sacramentos, os que já foram consagrados pelo Batismo e pela Confirmação para o sacerdócio comum de todos os fiéis podem receber consagrações específicas: os que recebem o sacramento da Ordem são consagrados para ser, em nome de Cristo, pela palavra e pela graça de Deus, os pastores da Igreja. Por sua vez, os esposos cristãos, para cumprir dignamente os deveres de seu estado, são fortalecidos e como que consagrados por um sacramento especial.

3.8 O sacramento da Ordem

É um sacramento para o serviço que Cristo instituiu na Última Ceia. No qual Ele concede ao candidato o poder sacerdotal e lhe dá as graças para exercê-lo santamente.

O sacerdote é um colaborador do bispo, consagrado para pregar o Evangelho, celebrar o culto divino, sobretudo a Eucaristia, e ser pastor dos fiéis (CIC n 1592).

O que é um Sacerdote? É um homem como nós, sujeito a fraquezas, porém separado dos demais para o exercício da doação de Deus aos homens. O Sacerdote é o dispensador do amor de Deus aos homens. É chamado de Pontífice = ponte – artífice, construtor de pontes, pontes que ligam o céu à terra, os homens à Deus, o eterno ao temporal e o pecado à misericórdia. O sacerdote administra os

sacramentos, sinais do amor de Deus aos homens. Como afirma o catecismo: “Em virtude do sacramento da Ordem, o sacerdote *age in persona Christi Capitis* – na pessoa de Cristo Cabeça”. (CIC n 1548).

Jesus Cristo deu aos apóstolos a plenitude do poder sacerdotal e estes transmitiram essa plenitude a outros, pela imposição das mãos. Desde o tempo dos apóstolos, têm-se sagrado bispos e ordenado sacerdotes pela imposição das mãos e oração.

Pela ordenação Sacerdotal, Jesus Cristo confere o poder de:

- Celebrar a Santíssima Eucaristia;
- Administrar os sacramentos: Batismo, Reconciliação, Unção dos Enfermos, Matrimônio;
- Administrar o sacramento da Crisma, quando receber delegação do senhor Bispo pela total impossibilidade deste;
- Consagrar e benzer (pessoas e coisas).

A ordenação Sacerdotal, imprime caráter que nunca se apaga. Chamamos de sinal indelével. Pela ordenação o sacerdote fica unido de modo especial a Jesus. Ele é a extensão de Cristo entre os homens, amando-os e dispensando-lhes a salvação proporcionada por Jesus, por meio da Igreja em seus Sacramentos.

3.9 O Sacramento do Matrimônio

A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão da vida toda, ordenada ao bem dos cônjuges e à geração e educação dos filhos, foi elevada, entre os que são batizados, à dignidade de sacramento, por Cristo Senhor.

A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão da vida toda, ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à geração e educação da prole, foi elevada, entre os batizados, à dignidade de sacramento por Cristo Senhor (CIC, n. 1601).

O Evangelho de Mateus afirma: “De modo que já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6). Isso mostra uma unidade profunda de duas vidas, confirmadas pelo pacto conjugal, ou seja, o consentimento pessoal irrevogável.

O Sacramento do Matrimônio significa a união de Cristo com a Igreja. Concede aos esposos a graça de se amarem com o mesmo amor com que Cristo amou a sua Igreja. (cf. Ef 5,22-27). A graça do sacramento leva à perfeição o amor humano dos esposos, consolida sua unidade indissolúvel e os santifica no caminho da vida eterna.

O lar cristão é o lugar onde os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. Por isso, o lar é chamado, com toda razão, de “Igreja doméstica”, comunidade de graça e de oração, escola das virtudes humanas e da caridade cristã.

Por isso, o lar é chamado, com toda razão, de Igreja doméstica, comunidade de graça e de

oração, escola das virtudes humanas e da caridade cristã (CIC, n. 1666).

Um novo casamento dos divorciados ainda em vida do legítimo cônjuge contraria o desígnio e a lei de Deus, que Cristo nos ensinou. Eles não estão separados da Igreja, mas não têm acesso à comunhão eucarística. Levarão vida cristã principalmente educando seus filhos na fé.

É preciso lembrar, ainda, que há certas situações que invalidam o matrimônio, ou seja, os noivos se casam à vista de todos, mas na verdade o casamento não valeu. Esses casos são resolvidos pelo chamado “Tribunal Eclesiástico” das Províncias Eclesiásticas.

4. Catequese com inspiração catecumenal

O Concílio Vaticano II inaugurou uma nova fase de diálogo da Igreja com a cultura do mundo moderno. A catequese abandonou uma postura estritamente doutrinária e chegou à Catequese Renovada que produziu um imenso trabalho evangelizador e formou nosso jeito próprio de fazer catequese, unindo fé e vida.

Por isso, nossa forma atual de celebrar é tão concisa e está próxima das primeiras gerações cristãs, nos conduzindo novamente para a finalidade primeira do culto litúrgico: fazer-nos beber na Páscoa de Cristo, de tal modo que entendamos que toda a nossa vida consiste em sermos transformados por seu amor redentor.

O critério fundamental é obter a participação consciente, ativa e frutuosa de todos que celebram e, neste sentido, os seguintes aspectos se destacaram: Experiência de vida cristã, ensinamento sistematizado, mudança de vida, crescimento na comunidade, constância na oração, alegre celebração da fé e engajamento missionário.

A catequese é, portanto, uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos que compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado geralmente de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã (CIC, n. 5).

A inspiração catecumenal é um modelo que leva a um encontro vivo com Cristo ressuscitado, através do testemunho do catequista e da comunidade, da leitura orante da Palavra de Deus, da experiência litúrgica e aprofundamento na doutrina evangélica, tendo a Bíblia como texto por excelência na educação da fé. Supera a catequese tradicional como mero ensino e se transforma em mistagogia que conduz ao mistério, valendo-se da linguagem dos símbolos, ritos e celebrações.

Portanto, a inspiração catecumenal representa, para a Igreja, uma mudança no modo de se apresentar, porque a faz assumir a sua natureza originária: ser Igreja querigmática (anunciadora da verdade fundamental manifestada em Cristo) e missionária.

A Igreja querigmática e missionária é uma Igreja peregrina, desinstalada, samaritana, misericordiosa. Tem o Evangelho no coração e nas

mãos e acolhe quem está desorientado, caminha com as pessoas em situações difíceis, cura as suas feridas.

Numa Igreja querigmática e missionária, a Iniciação à Vida Cristã assume um rosto evangelizador que favorece a verdadeira experiência de fé, promove o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, o discipulado missionário, a inserção na comunidade eclesial, a participação na vida litúrgico-sacramental e o engajamento na transformação da sociedade (Doc. IVC 107, nº 109-110).

A mudança de época que atravessamos desencadeou o pluralismo na sociedade e na vivência religiosa dos cristãos. Este fato requer uma catequese com capacidade de produzir uma forte identidade cristã que desperte o fiel para o seguimento de Cristo e tal tarefa comporta um processo de mudança de métodos e de mentalidade que encontra no estilo catecumenal os elementos necessários à sua concretização.

O estilo catecumenal supõe fazer da catequese um processo de educação cristã integral, ou seja, uma inserção nas dimensões fundamentais da vida cristã, no conhecimento do mistério de Cristo, na vida evangélica, na oração e celebração da fé e no compromisso missionário.

A ação evangelizadora pastoral precisa ser querigmática (manifestada na ação do Espírito Santo que comunica o amor salvífico de Deus em Jesus Cristo) e mistagógica (inserindo o fiel na experiência viva da comunidade cristã, verdadeiro lugar da vida de fé).

Na inspiração Catecumenal da catequese se torna cada vez mais urgente:

- A finalidade última da pastoral, à luz da IVC, consiste em promover, não apenas o contato, mas comunhão, intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade. Portanto, “A comunhão com Cristo é o centro da vida cristã e, conseqüentemente, o centro da ação catequética” (cf.: DGC n75 n169).
- O processo de evangelização, e nele a IVC, é, antes de tudo, uma ação espiritual. Isso exige que os agentes evangelizadores sejam verdadeiros “evangelizadores com Espírito e fiéis colaboradores dos pastores” (cf.: DGC n4d).
- A ação evangelizadora pastoral deve incorporar “testemunho e anúncio, palavra e sacramento, mudança interior e transformação social” (cf.: DGC n16).
- Seja fundamentada na Palavra de Deus (cf.: Doc IVC 107 n 143). Priorizar-se-á para que a Leitura Orante seja o principal recurso a ser usado nos encontros, reuniões e momentos fraternos da comunidade. Os encontros deverão utilizar “metodologia interativa, com diálogos, vivências e troca de experiências, (...)” (cf.: Doc. IVC 107, n 167.5). Todas essas ações têm a missão de educar à oração e na oração, desenvolvendo a dimensão contemplativa da experiência cristã.

- Estimule-se sempre para um compromisso com a justiça e o serviço à caridade e para com nossa Casa Comum (cf.: Doc. IVC 107 n 167.7; DGC nn 381-389)
- É preciso garantir “o envolvimento constante da comunidade em favor dos iniciados (sobretudo, àqueles que passaram pelo processo catequético da IVC). Ela acompanhará, “(...) garantirá sua formação continuada (...) estimulará os iniciados para que participem da vida comunitária e se engajarem-se nas grandes causas da sociedade” (cf.: Doc IVC 107 n 176). É necessário que esses ambientes sejam acolhedores e bem cuidados, de modo que se perceba um clima de familiaridade que promove um severo comprometimento com as atividades comunitárias. Convém, portanto, que esses espaços sejam adaptados ao efetivo sentido da ação pastoral que ali se realizará (cf.:DGC. n 222)
- Toda essa ação evangelizadora deverá buscar retomar “algumas manifestações de piedade popular à sua raiz evangélica, trinitária, cristológica e eclesial, purificando-as de deformações ou atitudes errôneas, delas fazendo ocasião para um novo compromisso na vida cristã” (cf.:DGC .n 340)

Desse modo, necessitamos expandir nossa ação evangelizadora com a participação de todas as pastorais, grupos, movimentos, ministérios e comunidades missionárias, para que todos e a própria comunidade se engajem nessa árdua tarefa de formar discípulos missionários. Tal acompanhamento precisa ser realizado por meio de um cuidadoso trabalho que ajude a superar as imagens negativas de Deus ou da Igreja, mostrando o Deus amoroso do Evangelho, para que possamos viver melhor e crescer em uma grande família de irmãos em apoio mútuo (cf.: Doc IVC 107, n. 163).

A ação pastoral inspirada no catecumenato, da qual a iniciação a vida Cristã é modelo e arquétipo, integra a contribuição de diferentes carismas e ministérios responsáveis por grupos eclesiais, juntamente com os ministros ordenados, revelando que é no interior da comunidade que se regenera e renova a fé e a vida cristã.

Livro II



Orientações
pastorais

Cap. I

A organização da Catequese Paroquial

Conforme é definido pelo Catecismo da Igreja a catequese se configura em um:

(...) conjunto de esforços empreendidos na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a crerem que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, por meio da fé, tenham a vida em nome dele, para educá-los e instruí-los nesta vida, e assim construir o Corpo de Cristo (CIC n.4).

Orientados por este princípio, reconhecemos que a organização da catequese na paróquia atende a realidades específicas que alicerçam o desenvolvimento da ação evangelizadora.

Em um primeiro momento a atenção se volta para a definição do processo de iniciação à vida cristã que é legitimado na celebração dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia.

A segunda realidade que clama a nossa atenção é a efetivação de uma catequese permanente, que garanta o aprofundamento do sentido de pertença diante o anúncio do que a Igreja acredita, celebra, vive e reza e para isso a realização de formações periódicas com temáticas de aprofundamento (Semanas Catequéticas, Semanas Pastorais), Estudos Bíblicos e do Catecismo da Igreja, momentos de Espiritualidade, Retiros, dentre outras

possibilidades, dinamizam o conhecimento e a vivência da fé.

O terceiro aspecto, no entanto, mediante os desafios a serem superados, se caracteriza pela necessidade de uma ação catequética que alcance os afastados, os indiferentes, acolhendo-os no seio da comunidade e ajudando-os em seu discernimento pessoal à luz de Cristo.

1. A realidade paroquial

A Paróquia é a “Casa da Iniciação Cristã” e essa identidade precisa ser assumida por todos que nela participam. A renovação da paróquia, a sua conversão pastoral, acontece na medida em que o processo de iniciação envolve toda a comunidade, inspirado por uma vivência que se sustenta em um estilo evangélico de ser que se configura na experiência de vida cristã, no ensinamento sistematizado, na mudança de vida, no crescimento na comunidade, na constância na oração, na alegre celebração da fé e no engajamento missionário.

No início do cristianismo, a catequese era o período em que se estruturava a conversão. Os já evangelizados eram iniciados no mistério da Salvação e em um estilo evangélico de ser: experiência de vida cristã, ensinamento sistematizado, mudança de vida, crescimento na comunidade, constância na oração, alegre celebração da fé e engajamento missionário. Esse longo processo de iniciação, chamado catecumenato, se concluía com a imersão no

mistério pascal através dos três grandes sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. A catequese estava, pois, a serviço da iniciação cristã (DNC, 35).

1.1 Processo de inscrições

A comunidade se renova ao receber novos membros. Vive e renova a alegria do discipulado. Por isso, as inscrições para a catequese são realizadas de forma criativa e celebrativa, marcando a opção e o compromisso de participar do processo catequético na comunidade.

Estão superadas as chamadas “matrículas” para a catequese, bem como a sua inscrição na secretaria paroquial, pois este ambiente é de atendimento para documentos, arquivos da comunidade e não para inscrições de catequese como se faz em uma escola.

É preciso preparar uma festa para as inscrições, onde os catequistas fiquem à disposição daqueles que se interessam para acolhê-los e fazer a sua inscrição para a catequese. Outras pastorais e movimentos são convidados a apoiarem a organização deste momento.

Conforme afirma o Itinerário Catequético da CNBB, trata-se de uma conversa de acolhida, diálogo, de respeito e liberdade, de esclarecimento de intenções, de ocasião para o conhecimento da situação de vida e de fé, na qual se suscitem a confiança e a boa disposição. (cf.: CNBB, Doc. 107, 4.2, p. 63–64)

1.2 Acolhida

A realidade paroquial precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação à Vida Cristã e terá como tarefas irrenunciáveis: iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o querigma, querem abraçar a fé.

A Igreja deve ser missionária e servir a iniciação cristã, sobretudo na comunidade eclesial próxima, que é a paróquia, lugar privilegiado para garantir a iniciação na fé, o acompanhamento e a formação contínua dos discípulos de Jesus Cristo (DAp. 283).

Este número reforça que a paróquia é o ambiente natural para garantir a iniciação à vida cristã, não apenas como um rito isolado, mas como um processo contínuo de formação e crescimento na fé. Ela deve acolher tanto os que chegam pela primeira vez à fé, quanto aqueles que já receberam o batismo, mas precisam de uma evangelização mais profunda e sistemática.

1.3 Orientações para o planejamento da ação catequética

Toda a ação da Igreja é catequética. Por ela se manifesta o próprio modo de proceder de Deus em relação ao seu povo, tornando possível conhecê-Lo e viver num processo de constante formação e de amadurecimento da fé. Isto implica em uma especial

atenção ao modo como o planejamento do que temos a oferecer em nossas realidades eclesiais tem garantido o cumprimento do mandato de ir e fazer discípulos: “Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28,19), ou seja, “sendo uma Igreja lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho”

A Igreja evangelizadora é sempre uma comunidade de discípulos missionários que tomam a iniciativa, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e que festejam. Não pode deixar-se dominar pelo pessimismo e pela resignação, pois não tem uma missão para cumprir, nem um espírito para conservar, nem uma graça a implorar, nem uma comunidade a proteger, mas sim uma força a oferecer ao mundo. (...) Ela é, acima de tudo, um lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viver a vida boa do Evangelho (EG n. 114).

Para tanto, estejamos atentos à:

- Uma progressiva interação entre catequese, celebração e vivência da fé.
- A família é a primeira catequista, educadora da fé.
- A finalidade é comum: identificar-se com a Páscoa de Cristo.
- A finalidade primeira da iniciação cristã de crianças é a vida comunitária de fé e a Eucaristia que esta comunidade celebra.

- Valorizar a celebração do Domingo como a Páscoa semanal.
- Centralidade Pascal: Celebração dos sacramentos no Tempo Pascal.
- Planejamento global da ação catequética da Iniciação Cristã;
- Capacitação integrada dos catequistas dos três sacramentos, mesmo que cada idade compreenda uma metodologia específica, porém, há uma base e objetivos comuns.
- Prioridade sobre os adultos, em especial as famílias dos catequizandos e aos batizados, mas não evangelizados.
- Estabelecer um real itinerário litúrgico, (cf. DNC, n. 122), com expressões litúrgicas coerentes com o anúncio e a vivência da fé.
- Adquirir familiaridade com os tempos da iniciação, as celebrações de passagem e como isto se ajeita no conjunto da vida paroquial para proporcionar um caminho mais centrado no mistério da fé.
- O estilo catecumenal está na contramão de uma paróquia que prioriza devoções, curas e libertações. Supõe uma espiritualidade histórico-salvífica centrada na Palavra
- Adequar a catequese ao ano litúrgico: a Vigília Pascal é centro de todo o processo; a Quaresma é tempo preparatório de purificação; o Tempo Pascal aprofunda a experiência dos sacramentos.
- Rever o calendário da catequese que muitas vezes privilegia o ano civil escolar.

- Um processo que resulte numa profunda transformação interior e leve ao compromisso de vivência do sacramento, sem reduzi-lo apenas ao momento ritual-social.
- Discernir os ‘sinais dos tempos’, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, como bem afirma o Documento de Aparecida (cf. DAp, n. 33).
- Sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural (cf.: DAp, n. 212).
- Constante referência à comunidade eclesial.
- Conhecer e aplicar a pedagogia própria dos itinerários de educação da fé, conservando os elementos característicos dessa metodologia.

2 O Itinerário Catequético

No processo de iniciação a vida Cristã, compreender o itinerário é algo fundamental para que a prática catequética se torne uma ação fazedora de discípulos missionários de Jesus Cristo.

2.1 Pré-Catecumenato

É o tempo de apresentar Jesus, de realizar o querigma (primeiro anúncio), de acolher a pessoa, tempo da fé (resposta pessoal). Nessa primeira etapa, acontece o primeiro anúncio ou querigma. Esse é o primeiro contato que aquele que pede a fé tem com a comunidade cristã. Nesse período se apresenta o primeiro anúncio vigoroso da pessoa de Jesus Cristo, do Reino, da Igreja e da salvação. O centro do anúncio é a morte e a ressurreição de Jesus Cristo como acontecimento salvífico.

Sua finalidade é suscitar a fé em Jesus de Nazaré enquanto Messias e Filho de Deus, de forma que tal aceitação se atualize em salvação para o cristão, isto é, em vida eterna atual (cf. Jo 20,31).

Essa fase distingue-se, essencialmente, pela acolhida dos que desejam ser cristãos e ingressar na comunidade dos fiéis, que é uma experiência viva da presença do Espírito e de comunhão no amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. É muito importante o acompanhamento realizado pelos introdutores, pessoas reconhecidamente competentes para testemunharem a fé no seio da comunidade.

2.2 Catecumenato

É o tempo de aprofundar a fé, de meditar a Palavra, de vivenciar e celebrar a fé. Através da instrução e da aprendizagem da vida cristã, durante um período suficientemente prolongado, os destinatários são iniciados nos mistérios da salvação, para que a sua conversão e a sua fé possam adquirir a conveniente maturidade.

A Ele proclamamos, aconselhando e ensinando a todos com toda a sabedoria, para que

apresentemos todo homem perfeito em Cristo (Cl 6, 1-2).

Nos encontros catequéticos serão instruídos na doutrina católica em todos os seus aspectos, de modo que neles a fé seja iluminada, o coração orientado para Deus, fomentada a participação no mistério litúrgico, desenvolvido o seu espírito de missionário (apostolado) e toda a sua vida alimentada segundo o espírito de Cristo.

A participação nas missas é indispensável: Realizam-se os exorcismos menores, sinal do amor de Deus e da solicitude da Igreja para com eles, de modo que recebam o encorajamento, a alegria e a paz, para continuarem o seu trabalho e o seu caminho.

A catequese é a missão permanente da Igreja que se realiza especialmente na comunidade eclesial. É através dela que os fiéis são conduzidos a uma vida conforme ao Evangelho e participam da vida litúrgica e da missão da Igreja (CIC n 1246).

Pode também antecipar-se a tradição do Símbolo e até da Oração dominical com a entrega do Creio e do Pai Nosso e o rito do Êfeta e prevê-se igualmente a possibilidade de celebrações do rito da unção com o Óleo dos catecúmenos, se em determinado lugar isso for útil ou desejado.

2.3 Purificação/Iluminação

É o tempo da tomada de decisão, do esclarecimento de dúvidas, de meditação. Coincide

com a Quaresma, no qual se oferecem os escrutínios, e os ritos imediatamente preparatórios.

O tempo quaresmal é um tempo favorável para a preparação dos catecúmenos, marcado pela oração, pelo jejum e pela esmola, para que cresça em seus corações a graça do Espírito Santo (CIC n 1230).

Para despertar o desejo de purificação e de redenção que vem de Cristo, celebram-se três escrutínios n 3º, 4º e 5º domingos da quaresma, que se constituem em orações de caráter purificador sobre os eleitos. Sua finalidade é purificar a mente e o coração, ser defesa contra as tentações, retificar as intenções, despertar as vontades, para que os catecúmenos se unam mais estreitamente a Cristo e se empenhem mais fortemente no amor de Deus.

Seus corações se vão impregnando progressivamente do mistério de Cristo por meio da água viva do Espírito, com a passagem da samaritana (cf. Jo 4,5-42); da luz da fé que faz enxergar o Messias, com o milagre do cego de nascença (cf. Jo 9,1-41); e da vida eterna, com a ressurreição de Lázaro (cf. Jo 11,1-45).

É tempo de oração mais intensa: Se exige dos candidatos a vontade de alcançar o sentido íntimo de Cristo e da Igreja e deles se espera que progridam no sincero conhecimento de si mesmos, no exame sério da consciência e na penitência verdadeira.

2.4 Mistagogia

A Igreja dedica cinquenta dias do tempo pascal para o aprofundamento do mistério. O tempo da mistagogia é o tempo de meditação do Evangelho, de catequese, de experiência sacramental e do exercício da caridade, aprofundando o sentido dos mistérios celebrados que consolidam a prática da fé cristã.

Esse tempo está fundamentado na vida da comunidade, onde os novos cristãos são convidados a viver e testemunhar a fé com autenticidade, seguindo o mandamento do amor de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34).

É um momento privilegiado para aprofundar a vivência da fé na comunidade por meio da catequese mistagógica, que acontece após a recepção dos sacramentos da iniciação cristã, ajudando os recém-iniciados a compreenderem e viverem mais plenamente os mistérios do Batismo, da Crisma e da Eucaristia.

Cap. II

Considerações Metodológicas

Assumir a Iniciação à Vida Cristã como caminho e meta, exige, realizarmos a catequese por etapas, a partir da inspiração Catecumenal, buscando proporcionar uma formação cristã ética e solidária, apaixonado por Jesus Cristo e comprometido com o seu Reino, e não apenas a preparação para os sacramentos. A celebração do sacramento é uma decorrência da caminhada da fé e da vida comunitária (cf. DNC 50,313).

O critério para receber os sacramentos não é apenas a idade e nem o tempo de catequese, mas principalmente a maturidade na fé, inserção na comunidade, a vivência sacramental e o compromisso com a solidariedade, no espírito do Evangelho (cf. DNC 312).

A Bíblia é o livro principal, a fonte primeira em todo o processo catequético, juntamente com a Tradição e o Magistério. Além da Bíblia, são indicados livros que servem como roteiros, referências para a caminhada e devem ser complementados com outros livros, conteúdos, subsídios, de acordo com a caminhada e necessidade de cada pessoa e/ou grupo.

Os catequizandos e catecúmenos são acompanhados pelas/os catequistas e introdutoras/es ou acompanhantes.

1 O Batismo de crianças

A Catequese do Batismo é um serviço de apoio, incentivo e colaboração que a comunidade paroquial oferece aos pais e padrinhos na sua missão de primeiros e principais educadores da fé de seus filhos [e] “deve favorecer a inserção progressiva na vida eclesial, ajudando os pais e padrinhos a assumirem a responsabilidade pela educação na fé das crianças (DGC n 231).

Os catequistas da Catequese do Batismo, em comunhão com seu pároco ou administrador paroquial, preparem a inserção dos novos membros na vida eclesial.

Responsáveis pela sublime função de tornar o sacramento do Batismo uma verdadeira fonte de novos cristãos. Devem ser católicos praticantes, de conduta ilibada e estar devidamente preparados, trabalhando em sintonia com a pastoral familiar, a catequese paroquial, e em comunhão com toda a comunidade.

Cada paróquia tenha uma equipe da Catequese do Batismo, com número suficiente de membros e a respectiva coordenação, para trabalhar na preparação do sacramento, levando em conta as diferentes realidades e as seguintes etapas:

- Acolhida especial por ocasião da inscrição, eventualmente com visitas às famílias interessadas;
- Encontros de preparação, celebração do batismo e visitas domiciliares por parte dos catequistas da Catequese do Batismo no período que se segue à sua celebração.

As formações são realizadas para pais e padrinhos em vista do Batismo dos filhos: é realizada pelos

catequistas do Batismo uma orientação na formação, aos futuros pais e padrinhos.

Os pais e padrinhos são os primeiros responsáveis pela iniciação cristã dos filhos, competindo-lhes apoiar a vivência da fé em família e colaborar com a comunidade eclesial (DNC n 242).

Na celebração do Batismo, o povo de Deus seja representado não somente pelos pais, padrinhos e parentes, mas também, enquanto possível, pelos amigos, vizinhos e outros membros da Igreja local, participando ativamente da celebração, manifestará a sua fé, exprimirá o louvor e a alegria com que a Igreja recebe os neo- batizados. É de especial importância a participação dos membros da Catequese do Batismo na celebração.

1.1 O processo da Catequese Batismal

A catequese batismal deve seguir uma inspiração Catecumenal. O caminho de acompanhamento da Igreja com os familiares dos batizando será feito de forma gradual e sistemática, através de cinco momentos:

- Inscrição na secretaria;
- Visita para preparação da família;
- Acolhida na comunidade;
- Celebração do Batismo;
- Revisita para a benção da casa.

Conforme o CDC “o Batismo deve ocorrer na paróquia dos pais da criança, preferencialmente nas primeiras semanas após o nascimento, com tempo hábil para preparação adequada” (Cân. 857 §1-2 e 867 §1).

Considere-se, contudo, a possibilidade de o Batismo ser realizado em outra paróquia por devoção ou vínculo familiar.

- Adapte-se a melhor forma para acolher bem quem procura a Igreja, sem perder a oportunidade de realizar todo processo de preparação ao Batismo: na paróquia escolhida para batizar, se realizam a inscrição na secretaria e a celebração do Batismo.
- A preparação (visita à família) e a Acolhida na Comunidade sejam realizadas, preferencialmente, pela paróquia de origem, mas também podem ser realizadas na paróquia onde se celebrará o Batismo.
- Na paróquia onde se celebra o Batismo, também são feitas a emissão da lembrança e a anotação no Livro de Registro, portanto a contribuição para o Batismo é realizada na paróquia onde o mesmo foi celebrado.
- A revisita para a família será realizada por quem fez a primeira visita em preparação ao Batismo.

Diante de situações complexas, compete aos párocos, discernirem o que é mais conveniente para melhor atender a família.

Compete à secretaria acompanhar para que a família seja bem atendida quando o Batismo envolver duas paróquias.

Para saber sobre a paróquia de origem, é preciso perguntar qual a igreja que a pessoa frequenta ou qual a comunidade mais próxima da residência da família da criança. Caso a pessoa não tenha nenhum vínculo com uma paróquia, pode-se sugerir alguma comunidade ou mesmo a paróquia onde será realizado o Batismo para que se estabeleça o vínculo.

Quem atende na secretaria precisa ter consciência de que uma família que procura batizar seu filho precisa ser acolhida em uma comunidade de fé, para que a evangelização aconteça.

1.2 Inscrição

De acordo com o *“Diretório Geral para a Catequese”*, promulgado pelo Papa Paulo VI em 1971, esse documento oferece orientações pastorais valiosas sobre os conteúdos, métodos e o caráter acolhedor da catequese.

A secretaria deve ser lugar de acolhida. É preciso, em primeiro lugar, informar aos familiares os passos a serem realizados no processo: visita de preparação; acolhida na comunidade; celebração do Batismo e revisita para a bênção da casa. Informa-se aos familiares que eles receberão uma comunicação

sobre a visita dos catequistas para a preparação do Batismo.

Por se tratar de uma catequese batismal, evite-se usar a expressão: curso de Batismo.

1.3 Visitas aos familiares e padrinhos

A visita visa dialogar com os pais (aqueles que têm a guarda da criança ou que cuidam dela). Os padrinhos são vivamente convidados a participar do encontro de preparação, bem como os demais membros da família. Pode ocorrer, contudo, que por residirem em outra localidade, os padrinhos não consigam estar presentes na preparação.

Vamos acolher essas famílias com compreensão e no contexto de suas realidades, sem julgamento para, ao mesmo tempo, mostrar-lhes a importância do sacramento e o compromisso da vivência da fé (NUCAP: Catequese Familiar do Batismo, p 14).

A visita ocorrerá, preferencialmente, na casa da família ou excepcionalmente será um encontro numa sala da comunidade paroquial.

Se ocorrer na comunidade, a preparação precisa ser personalizada, preferencialmente atendendo apenas uma família por vez. A visita terá duração de até 1h30min.

A preparação deverá ser realizada, no mínimo, na semana anterior à acolhida da criança na comunidade.

Os catequistas motivam o encontro e procuram criar um clima de amizade e informalidade.

1.4 Acolhida da criança na comunidade

- Acontece durante a celebração de uma das missas da comunidade (pode ser realizada também durante uma Celebração da Palavra).
- Geralmente, se realiza a Acolhida em um final de semana, para que a comunidade, se encontre com a família e a criança.
- Os catequistas aguardam, na porta da Igreja, os familiares e a criança a ser batizada. Procure-se proporcionar um clima de cordialidade e alegria.

1.5 Celebração do batismo

No dia marcado para o Batismo, os catequistas aguardam os pais, os padrinhos e a criança na porta da igreja, os acolhem e conduzem à celebração do Batismo. A celebração pode ser realizada também fora da missa.

“A celebração do Batismo deve evidenciar a fé da Igreja, manifestada na acolhida e na oração em comum” (RBC, nº 6). É importante que a Celebração de Acolhida da criança à comunidade e a Celebração do Batismo não ocorram no mesmo dia.

1.6 Revisita aos familiares

A revisita é realizada para a bênção da casa, a ser combinada com a família ao final da celebração do Batismo.

- Esse é o momento propício para o contato, uma conversa entre catequistas e familiares, para se perguntar como está a criança e como sentiram a celebração do Batismo.
- Entrega-se um sinal religioso, ou algum folder ou material de divulgação da vida paroquial.
- É o momento de firmar o convite para a participação na vida da comunidade.

Sugere-se como subsídios para auxiliar neste processo o Casa da Iniciação a Vida Cristã: Batismo de crianças (formações, orientações e celebrações). Este subsídio apresenta de forma didática este passo a passo acima mencionado.

1.7 O múnus dos padrinhos e/ou madrinhas

No caso do batismo de criança, deve conjuntamente com os pais apresentar a criança e velar para que ela tenha uma vida cristã.

O padrinho e a madrinha devem estar dispostos a ajudar o batizando — criança ou adulto — no caminho da vida cristã, para que este guarde fielmente os mandamentos de Deus, cresça na fé e dê testemunho de vida cristã (Ritual do Batismo das Crianças – RBC, n. 8).

Na medida do possível, seja dado ao batizando um padrinho ou uma madrinha; ou então um e outro, como é da nossa tradição religiosa. É próprio do padrinho ou madrinha assistir ao adulto que será batizado, no processo de sua iniciação cristã.

As condições para que alguém possa assumir a função de padrinho ou madrinha se encontram descritas nos cânones 872-874 do vigente Código de Direito Canônico: para ser admitido à função de padrinho ou madrinha, é necessário que tenha completado dezesseis anos, ser católico, confirmado, ter recebido a Eucaristia e levar uma vida de acordo com a fé cristã católica e com o múnus que vai desempenhar e não esteja incurso em nenhuma penalidade canônica. Por isso, quando casados civilmente, exige-se do padrinho e/ou madrinha, também, o casamento religioso.

A função de padrinho ou madrinha é uma verdadeira missão eclesial. Não se trata apenas de um costume, mas de um ministério que exige fé, testemunho de vida e compromisso com a Igreja (Diretório para a Pastoral dos Sacramentos com Crianças, CNBB, n. 47).

Em situações especiais, quando as circunstâncias pastorais o exigirem, o pároco tratará pessoalmente cada caso e deliberará segundo a justiça e a equidade.

2 Catequese na primeira infância (Inicial)

A catequese tem início na família e na participação na vida da comunidade.

- Dos 07 aos 09 anos a catequese da primeira infância (Inicial);
- Dos 10 aos 11 anos catequese Eucarística.

Na formação dos grupos, consideram-se os seguintes critérios:

- A caminhada dos catequizandos na comunidade;
- A idade;
- A maturidade na fé;

3 Catequese com adolescentes

A partir dos 11 anos, tendo feito a Primeira Comunhão Eucarística, o adolescente participa da catequese de Perseverança, constituído de um ano ou mais de aprofundamento e reflexão de temas que o ajudam a iluminar a fase da vida que está vivendo (adolescência) e a viver a fé como adolescente, com os amigos, na família, na escola, na sociedade.

4 Catequese com jovens

Dos 13 aos 14 anos, o adolescente/jovem participa do "Catecumenato crismal", que consiste em dois anos ou mais de aprofundamento da fé, num processo de inspiração catecumenal.

Após estes dois anos, tendo decidido tornar-se discípulo de Jesus, assumindo seu projeto de vida, recebe o sacramento da Crisma.

O adolescente que começa a participar da catequese a partir dos 13 anos, sem ter recebido o sacramento do Batismo e da Eucaristia, integra o grupo do catecumenato crismal.

Durante este processo, no tempo Pascal, receberá, depois da devida preparação, o Sacramento do Batismo, enquanto a Eucaristia será conferido, juntamente com o sacramento da Confirmação.

5 Catequese com adultos

Esta etapa da catequese quer atingir todos os adultos (a partir de 16 anos). Tanto os que já receberam os sacramentos da Iniciação Cristã e desejam aprofundar sua fé, como aqueles que pretendem recebê-los.

Os adultos são os interlocutores primeiros da mensagem cristã. Deles depende a formação de novas gerações cristãs, através do testemunho da família, no mundo social e político, no exercício da profissão e na vida comunitária. “A catequese de adultos deve ocupar o centro da ação catequética da Igreja, pois é a forma mais completa da catequese” (DNC, n. 181).

É necessário que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa. Através de um processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, eles criarão as

fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos meios de comunicação social e na própria comunidade eclesial.

Deles depende, em grande parte, a educação cristã das crianças e jovens, que deve ser feita mais pelo testemunho do que pela instrução (CR, n. 130).

6 Catequese com Idosos

Há já algumas décadas que esta idade da vida (os idosos) diz respeito a um verdadeiro novo povo. Os idosos são, frequentemente, vistos como um peso. A velhice é uma das questões mais urgentes que a família humana é chamada a enfrentar atualmente. Não se trata apenas de uma mudança quantitativa; o que está em jogo é a unidade das idades da vida: ou seja, o verdadeiro ponto de referência para a compreensão e a apreciação da vida humana na sua totalidade.

O que está em jogo é a unidade das idades da vida. Precisamos resgatar a visão da vida como um todo, onde crianças, jovens, adultos e idosos coexistem e se enriquecem mutuamente (Papa Francisco, Catequeses sobre a Velhice).

Todos vivemos num presente em que coexistem crianças, jovens, adultos e idosos. Mas a proporção mudou: a longevidade tornou-se massa. Um desequilíbrio que tem muitas consequências. A

cultura dominante tem como único modelo o jovem-adulto, isto é, um indivíduo que se faz por si mesmo e que permanece sempre jovem.

Em suma, para uma idade que é agora uma parte determinante do espaço comunitário e se estende a um terço de toda a vida, existem – por vezes – planos de assistência, mas não projetos de existência. Por detrás deste pensamento, o que faz o vazio é que o idoso, a idosa, são material de descarte: nesta cultura do descarte, os idosos entram como material de descarte.

A sabedoria do longo caminho que acompanha a velhice à sua despedida deve ser vivida como uma oferta de sentido para a vida, não consumida como a inércia da sua sobrevivência. Se a velhice não for restituída à dignidade de uma vida humanamente digna, está destinada a fechar-se num desânimo que rouba a todos o amor.

A Palavra de Deus ajudar-nos-á a discernir o sentido e o valor da velhice; que o Espírito Santo nos conceda também os sonhos e as visões de que precisamos. É bom salientar, que o importante não é apenas que o idoso ocupe o lugar da sabedoria que tem, de história vivida na sociedade, mas também que haja um diálogo, que fale com os jovens. Os jovens devem dialogar com os idosos, e os idosos com os jovens. E esta ponte será a transmissão de sabedoria à humanidade.

Não esqueçamos que tanto na cultura familiar como na social os idosos são as raízes da árvore: têm toda a história ali, e os jovens são como as flores e os frutos. Se o sumo não vier, se não tiver este “soro” – digamos – das raízes, nunca poderão florescer. Tudo o que uma sociedade tem de bom está relacionado

com as raízes dos idosos. Por esta razão, o idoso deve ser posto em evidência, e assim, se compreenda bem que o ancião não é um material de descarte: é uma bênção para a sociedade.

Os avós e os idosos são o elo entre as gerações, os guardiões da memória e os transmissores da fé (Papa Francisco, Mensagem para o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, 2021).

A catequese com idosos pode abordar temas como a sabedoria da vida, a oração e o serviço:

Sabedoria da vida
• A vida é preciosa e os idosos têm a sabedoria da vida. • O corpo tem outro ritmo e os idosos devem aceitar os limites. • A doença pesa sobre os idosos de uma maneira diferente.
Oração
• A oração renova no coração da pessoa idosa a promessa da fidelidade e bênção de Deus. • O idoso redescobre a oração e dá testemunho da sua força.
Serviço
• Os idosos devem cultivar a responsabilidade de servir, vencendo a tentação de ficar de lado. • Os idosos podem ensinar àqueles que se encontram em outras idades da vida, que

todos precisam se entregar ao Senhor para invocar a sua ajuda.

Comunidade

- É importante que os cristãos cuidem dos idosos: parentes, amigos e a comunidade.
- A comunidade cristã deve cuidar dos idosos.
- Parentes e amigos devem sentir a responsabilidade de os visitar e, na sua oração, apresentá-los ao Senhor.

7 Catequese inclusiva

As pessoas com deficiência são uma oportunidade de crescimento para a comunidade eclesial, que, com sua presença, é provocada a superar os preconceitos culturais. A deficiência, de fato, pode ser embaraçosa, porque coloca em evidência a dificuldade de acolher a diversidade; pode também suscitar medo, especialmente se for marcada por um caráter de permanência, porque é uma referência à radical situação de fragilidade de cada um, que é o sofrimento e, por fim, a morte.

Precisamente por serem testemunhas das verdades essenciais da vida humana, as pessoas com deficiência devem ser acolhidas como um grande dom. A comunidade, enriquecida por sua presença, faz-se mais consciente do mistério salvífico da cruz de Cristo e, vivendo relações recíprocas de acolhimento e solidariedade, torna-se geradora de uma vida bela e sinal para o mundo. A catequese, portanto, ajudará os batizados a

lerem o mistério da dor humana à luz da morte e ressurreição de Cristo.

As pessoas com deficiência devem ser acolhidas como um grande dom. A comunidade, enriquecida por sua presença, faz-se mais consciente do mistério salvífico da cruz de Cristo (Diretório para a Catequese, n. 270).

Por isso, também as pessoas com deficiência, tanto na sociedade como na Igreja, pedem para se tornar sujeitos ativos da pastoral, e não só destinatários. Muitas pessoas com deficiência sentem que vivem sem pertença nem participação. Ainda há tanto que as impede de beneficiar da plena cidadania. O objetivo não é apenas cuidar delas, mas acompanhá-las e “ungilas” de dignidade para uma participação ativa na comunidade civil e eclesial. Efetivamente a participação ativa na catequese das pessoas com deficiência constitui uma grande riqueza para a vida de toda a paróquia.

8 Catequese Familiar

Instituída por Deus na criação, a família ocupa posição essencial no plano divino sobre a humanidade. Nela, a vida humana tem sua origem, é nutrida, educada e desenvolvida. É, por isso, o “santuário da vida”, no qual se forja o futuro da humanidade.

A catequese Familiar começa a tomar consistência a partir do Concílio Vaticano II, fundamentando-se na Exortação Apostólica

Familiaris Consortio, do Papa São João Paulo II. E tem sua expressão mais relevante na pastoral Familiar.

Esta última se destina a todas as pessoas e todas as famílias em todas as situações que se encontram: famílias nucleares ou não, reconstituídas, com só um dos genitores, família informal, pequena, extensa, etc.

A promoção de uma autêntica e madura comunhão de pessoas na família torna-se a primeira e insubstituível escola de sociabilidade [...] (Familiaris Consortio, n. 42).

A Pastoral Familiar no Brasil, a partir da estrutura proposta nas Exortações Apostólicas Familiaris Consortio e Amoris Laetitia, atua basicamente, em três dimensões ou etapas, que não podem ser pensadas de forma independentes, não são estanques, mas avançam uma sobre a outra de tal forma que se fundem e se complementam no processo de acolher, acompanhar, discernir e integrar as diversas realidades familiares.

Essas dimensões não devem ser tratadas como etapas separadas, mas como processos integrados, que se entrelaçam na missão de acolher, acompanhar, discernir e integrar (cf. Amoris Laetitia, n. 199-312).

8.1 O Setor Pré-Matrimonial

Cuida das fases da preparação remota, próxima e imediata para o Sacramento do

Matrimônio e também para as demais vocações como a religiosa, a celibatária:

- **Remota:** catequese de primeira eucaristia, catequese para a crisma, grupos de jovens, atendimentos às escolas;
- **Próxima:** encontros de reflexão para namorados firmes, catequese matrimonial para o tempo de noivado;
- **Imediata:** curso/encontro de noivos, catequese sobre a liturgia do sacramento do matrimônio.

8.2 O Setor Pós-Matrimonial

Abrange os casais que contraíram o Matrimônio, iniciando pelos recém-casados, sem perder o vínculo com o Pré-Matrimonial, avançando para o que já tem Matrimônios consolidados há mais tempo e também as famílias fragilizadas:

- **Grupos familiares:** reflexões, se possível, nas casas dos casados;
- **Atendimento aos pais:** aproveitar as reuniões de preparação de pais e padrinhos, para primeira eucaristia e crisma;
- **Trabalhos com viúvos e idosos:** aproveitar os casais da terceira idade;
- **Encontros familiares:** reavivamento de casais, tardes de reflexões sobre a família, formações sobre casos difíceis, oração...

8.3 Os Casos Especiais

Se propõe acompanhar casais ou os membros da sua família que estejam vivendo em situações (temporárias ou definitivas) consideradas fora da normalidade que pode ser encontradas tanto no Pré-Matrimonial, no Pós-Matrimonial, seja em famílias estáveis ou não: mães ou pais solteiros; famílias vivendo em extrema miséria; famílias em que o pai se ausenta longo tempo do lar; especial atenção voltada para as mães que pretendem abortar; uniões livres; pessoas que vivem juntas e podem regularizar sua situação; pessoas que se separaram e não contraem novas núpcias; casais que se separam e constroem nova união.

8.4 Momentos Fortes da Catequese Familiar

Alguns momentos importantes dentro do calendário litúrgico contribuem para que a Paróquia junto com a Pastoral Familiar, possa atuar na Evangelização da e para as Famílias, realizando na prática aquilo que é parte de sua missão.

Podemos citar o Batizado dos filhos, a Primeira Eucaristia e a Crisma, as Bodas de prata e de ouro, celebração da morte e dos funerais, são espaços celebrativos que interessam a Pastoral Familiar.

Dentre todas essas possíveis atividades queremos destacar:

- Campanha da Fraternidade;
- Natal em Família;

- Visita às famílias (pode ser usado o Hora da Família - celebrações mensais ou visita de casais por afinidade, dependendo da necessidade);
- Semana Nacional da Família;
- Outros momentos, conforme a necessidade local.

8.5 Como começar?

- Que o padre de sua paróquia apoie;
- Será necessário que se disponha de número de casais e outros agentes que se entreguem a este empenho;
- Reunir número razoável de casais e agentes para estudar a situação do atendimento da família na paróquia;
- Com esse grupo, estudar, durante algumas reuniões o Guia de Implantação da Pastoral Familiar.

A família cristã é chamada a ser a grande educadora na fé para a vida neste mundo e para a ida eterna. Ela mesma tem a missão de ser um evangelho vivo, uma boa notícia que suscita esperança. Os pais transmitem a fé aos filhos, na simplicidade e no concreto da vida quotidiana.

A educação cristã tem como fim fazer com que os batizados, introduzidos no mistério da salvação, cresçam continuamente no conhecimento e na vivência do mistério de Cristo (Concílio Vaticano II, *Gravissimum Educationis*, n. 2).

Em conjunto, os familiares testemunham a salvação de Cristo no relacionamento com outras pessoas e na própria comunidade eclesial, em particular através da catequese dos jovens e adultos. Os pais acompanham os filhos no caminho da iniciação cristã, despertando em si mesmos a graça dos sacramentos.

8.6 Um itinerário Catecumenal para a vida Matrimonial

Depois, de elencarmos acima as propostas catequéticas e evangelizadoras da Igreja numa perspectiva da Pastoral familiar, apresentar-se-á abaixo, dentro da dimensão evangelizadora da Iniciação a vida Cristã, um itinerário Catecumenal para a vida matrimonial que deve ser aplicado em conjunto com outras pastorais e/ou movimentos da Igreja que assistam a vida familiar, como por exemplo, Pastoral Catequética, Pastoral da Criança, Pastoral da Juventude, Pastoral do Batismo e Pastoral Vocacional. Além, dos grupos, movimentos e serviços na Igreja que abarque e acompanhe a dimensão Vida e Família em todas as suas dimensões.

8.7 As razões de um catecumenato matrimonial

A partir dos anos 60, algumas conferências episcopais fizeram a proposta de catecumenato matrimonial através de documentos nacionais e regionais. Após os dois Sínodos sobre a família, de

2014 e 2015, o Papa Francisco a propôs em várias ocasiões no seu magistério ordinário e essa foi, gradualmente, tomando forma na sua reflexão pastoral.

É preciso considerar o matrimônio não apenas como uma 'meta' a ser alcançada, mas como uma vocação a ser acompanhada, discernida e amadurecida (Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, n. 205).

A ideia é que, de modo análogo ao que acontece no Batismo, seria de grande ajuda uma formação à fé e um acompanhamento para se adquirir um estilo de vida cristão, em vistas da celebração do Matrimônio.

O catecumenato, de fato, pode inspirar em cada época novos caminhos de renovação da fé, pois propõe um estilo de acompanhamento das pessoas de forma pedagógica, gradual, ritualizada. O catecumenato matrimonial, especificamente, não pretende ser uma mera catequese, nem sequer transmitir teorias. Esse propõe apresentar aos noivos o mistério da graça que estão para viver e que lhes pertencerá em virtude do sacramento.

O catecumenato matrimonial não é mera catequese ou transmissão de conteúdos, mas um itinerário de iniciação à fé no contexto da vocação matrimonial (Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, Documento sobre o Catecumenato Matrimonial, 2022).

Da mesma forma como a Igreja tem o cuidado de preparar da melhor forma possível os sacerdotes e

os religiosos a viverem a sua vocação e missão dedicando a eles longos anos de formação, é também, dever da Igreja preparar adequadamente os noivos para acolherem a vocação matrimonial e a perseverarem nela por toda a vida, desempenhando a missão que é própria deles.

8.8 A quem compete esta missão

O princípio do qual partir, portanto, é que, o Matrimônio não é um ponto de chegada: é uma vocação, é um caminho de santidade que abraça toda a vida das pessoas.

É responsabilidade de toda a comunidade eclesial assumir este cuidado. A equipe que conduz o processo deve ser formada por alguns casais apoiados por um sacerdote e por outros especialistas em pastoral familiar. É aconselhável confiar esta tarefa não a um único casal, mas a diversos, de preferência com idades variadas, e prever para que haja de tempos em tempos uma oportuna substituição.

Seria necessário que aqueles que acompanham – casais de mentores, presbíteros e, em geral, agentes de pastorais – possuísem uma formação e um estilo de acompanhamento adequados a um percurso catecumenal.

Para realizar este acompanhamento, é necessário formar agentes qualificados, que saibam colocar-se a serviço da missão pastoral, com dedicação e espírito de comunhão (Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, Itinerário Catecumenal para a Vida Matrimonial, 2022.).

Não se trata de transmitir noções ou de levar a adquirir competências, mas, sobretudo de guiar, ajudar e estar próximos dos casais ao longo de um caminho a ser percorrido juntos.

O catecumenato matrimonial não é uma preparação para enfrentar um exame, mas para uma vida a ser vivida. Será necessário um processo gradual, de acolhida e de sustento, mas, sobretudo o testemunho de outros casais cristãos que acolham e estejam presentes ao longo do percurso. Deverão ser colocadas em luz as experiências pessoais de modo que os casais sejam seguidos de perto.

8.9 Uma Proposta Concreta para a Catequese Matrimonial

Ao elaborar este Diretório, alguns requisitos deverão ser considerados:

- Que dure um tempo suficiente para que permita aos casais uma real reflexão e amadurecimento;
- Que, mesmo partindo da experiência concreta do amor humano, no centro da preparação estejam a fé e o encontro com Cristo;
- Que o projeto seja articulado por etapas, e estas sejam demarcadas com rituais de passagem a serem celebrados dentro da comunidade;
- Que seja composto de: formação, confronto, diálogo, liturgia, comunidade, oração, festa;

- Que haja uma clara conexão entre o Matrimônio e os demais sacramentos (Batismo, Eucaristia, Crisma);
- Cada Paróquia deve prever uma forma comum, avaliando em seguida como personalizar o percurso com criatividade e flexibilidade em relação à situação concreta dos vários casais;
- O Ritual de Iniciação Cristã para os Adultos poderia constituir um quadro de referência geral ao qual inspirar-se.

9 Fases e etapas

O itinerário catecumenal deve ser constituído pelas seguintes fases:

- Uma fase pré-catecumenal: essa coincide na prática com o longo tempo de preparação remota ao Matrimônio, que poderia iniciar desde a juventude e prosseguir na juventude.
- Uma fase propriamente catecumenal poderia ser constituída por três etapas: a preparação próxima, a preparação imediata e o acompanhamento dos primeiros anos de vida matrimonial.
- Entre as fases pré-catecumenal e aquela propriamente catecumenal, pode-se prever uma fase intermediária, na qual é feita a acolhida dos candidatos, que poderia concluir-se com um ritual de admissão ao catecumenato.

Esquema:

Fase pré-catecumenal: preparação remota

- ✓ Pastoral catequética
- ✓ Pastoral da juventude

Fase intermediária: tempo de acolhida dos candidatos

- ✓ Ritual de admissão ao catecumenato (na conclusão da fase de acolhida)

Fase catecumenal:

• **Primeira etapa: preparação próxima**

- ✓ Ritual de noivado (na conclusão da preparação próxima).
- ✓ Breve retiro de admissão à preparação imediata

• **Segunda etapa: preparação imediata**

- ✓ Breve retiro em preparação às núpcias (poucos dias antes da celebração).

• **Terceira etapa: primeiros anos de vida matrimonial**

- ✓ Acompanhamento dos casais pela Pastoral Familiar;

9 Catequese Vocacional

O presente projeto Diocesano constituído pelo Padre Laurito, de ação pastoral resume e avança os trabalhos em torno da Pastoral Vocacional. Não estamos “inventando a roda” nem propondo algo impossível de ser realizado. Mas é preciso “alargar a tenda” e personalizar os trabalhos de formação. Além, disso, o 3º Ano Vocacional do Brasil foi importantíssimo para aprofundarmos a compreensão e vivência da Cultura Vocacional em nossa Diocese. Agora é hora de focar e formar.

Por isso, a Equipe Diocesana vocacional, escolhe dedicar de modo especial a formação dos Catequistas, em parceria com o Departamento Diocesano de Catequese. Buscamos parceiros para os trabalhos em torno da Pastoral Vocacional. Neste ínterim, queremos nos dedicar à formação dos nossos catequistas para que se percebam e tenham melhores condições de serem verdadeiros animadores vocacionais. Para tanto:

- é preciso compreender bem que “vocação” é mais do que um chamado a ser Padre ou Freira;
- que o testemunho pessoal, em nossa própria vocação, é o que nos torna credíveis;
- e que hoje a Pastoral Vocacional exige um acompanhamento personalizado.

A Igreja é esta casa cheia de moradas para abrigarem os que acolhem o chamado de Jesus e, animados pelo seu Espírito, seguirem o caminho na entrega radical da vida (CNBB n110 –Itinerário da Pastoral Vocacional, n. 27).

O campo de atuação da Pastoral Vocacional é a Igreja toda. A partir, do princípio de que a pastoral vocacional é a pastoral de todas as vocações e a vocação de todas as pastorais. Portanto, a PV está presente em toda a Igreja e encontra espaço de ação em todas as Pastorais, Movimentos, Ministérios e Grupos. Mas a Catequese se mostra um campo privilegiado de ação para a PV, justamente pelo contato direto com tantos jovens em formação, pela possibilidade de um acompanhamento personalizado, perseverante e dentro da Igreja.

O primeiro lugar onde se pode despertar a vocação é a catequese, pois nela os fiéis aprendem a escutar a Palavra de Deus e a se identificar com o projeto de Cristo (CNBB n84 – Diretrizes para a Animação Vocacional da Igreja no Brasil, n. 29).

Estamos cada vez mais convencidos de que a origem, o centro e a meta de toda vocação e missão é a pessoa de Jesus Cristo. E permanecer com Jesus é o Segredo da Vocação. A messe é grande, a missão é grande... e os operários são poucos (cf. Mt 9,37-38).

9.1 O que é Vocação?

A palavra vocação deriva do latim *vocare*, que quer dizer chamar e se relaciona com a voz (*vox* ou

chamado). Ela pode ser entendida, por exemplo, no campo profissional, que seria a vocação para a medicina, para a engenharia, para a área militar etc. Uma compreensão que leva em consideração habilidades humanas e talentos que direcionam para alguma área de realização profissional.

“Todos os fiéis cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade”. (CIC 2013). Este número marginal do catecismo afirma que todos têm uma vocação comum à santidade, ou seja, viver em comunhão com Deus, seguindo o exemplo de Cristo. Esse chamado está enraizado no batismo e se desenvolve ao longo da vida por meio do amor, da oração, da vida sacramental e do serviço.

No nosso caso, a interpretação que damos à palavra Vocação é mais profunda e ampla. Falamos de um Deus que chama e uma pessoa que responde. Hoje, fala-se de uma crise de vocações (sacerdotais, religiosas etc.), mas penso que devemos ampliar e dizer que há uma crise de vocação, ou seja, crise na própria identidade do homem. Custamos saber por que vivemos; custamos admitir que alguém (ou algo) esteja chamando e que nós devemos responder-lhe ou responder a nós mesmos.

9.2 Como ajudar no Discernimento Vocacional

Jesus se dá a conhecer: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Essa centralidade da pessoa de Jesus Cristo possibilita ao vocacionado uma melhor compreensão de si mesmo, de sua fé, de sua realidade humana, de suas incertezas e da condição de vulnerabilidade pela qual passam tantos

vocacionados nos tempos de hoje. O discernimento se dá a partir da escuta, da oração e de uma experiência concreta de fé. Primeiro, se dá o encontro pessoal com Cristo e, só então, o discernimento vocacional. Se é Deus quem chama, então o primeiro passo é encontrar esse Deus. O discernimento vocacional é uma obra do Espírito Santo. O papel da Igreja é ajudar a escutar e reconhecer Sua voz”. (cf. *Christus Vivit*, n. 284–289).

9.3 A missão / A vocação

A Missão é o modo concreto pelo qual Deus me chama a realizar-me, ser feliz. Conhecer a minha Missão é conhecer a minha Vocação. O chamado de Deus para minha vida. Primeiro, um encontro pessoal com Deus. Com esse Deus que me chama, que me faz vocacionado. Que me chama dentro do meu contexto de vida, da minha história, minha família, meus traumas, sonhos, medos e desejos. Logo em seguida, me chama para... Eis a Missão, eis a Vocação.

Esquemáticamente, podemos identificar vocações gerais e vocações específicas:

- Vocações Gerais:
 - ✓ À Vida;
 - ✓ À Santidade;
 - ✓ À Missão Laical.

O Papa Francisco fala de três nascimentos: o natural, o batismal e o espiritual. Dito de outra forma: vocação natural, vocação cristã e vocação

específica. Desde a concepção, a vida humana já é graça e missão, já é vocação. É Deus quem nos chama à vida, à existência. Pelo Sacramento do Batismo entramos no mistério da Santíssima Trindade pela porta que é Cristo Jesus (cf. Jo 10,9), do qual vem o chamado à santidade.

Por este Sacramento entramos no mistério da Vontade de Deus e desde aquele instante somos chamados a viver como filhos de Deus, portadores do Espírito Santo que nos santifica. O chamado à Missão Laical se amplia em uma gama incontável de atividades dentro e fora da Igreja, onde podemos e devemos viver o apostolado, o testemunho do seguimento de Cristo. Na escola, no trabalho, na rua, no mercado, no namoro, nas amizades, em família, nas pastorais, movimentos, ministérios e grupos, ser “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-16).

- Vocações Específicas:
 - ✓ Matrimônio;
 - ✓ Vida Religiosa;
 - ✓ Sacerdotal.

A primeira tarefa da Pastoral Vocacional está na oração: “A colheita é grande, mas poucos os operários! Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita” (Mt 9,37-38). Esse pedido é a primeira tarefa da Pastoral Vocacional. Pedir ao dono da messe que envie mais operários à Igreja. E isso pode acontecer de diversas formas e em praticamente todas as Pastorais, Movimentos, Ministérios e Grupos. Por exemplo:

- Oração Vocacional;
- Terços Vocacionais;
- Hora Santa (Adorações).
- Intenções nas Missas e Celebrações da Palavra;
- Preces;
- Lectio Divina;
- Tríduos Vocacionais (Antes das Ordenações ou Matrimônios);
- Celebração do Dia Mundial de Orações pelas Vocações da Igreja (IV Domingo da Páscoa / Domingo do Bom Pastor, fazendo uso, inclusive, da mensagem que todos os anos o Papa lança para essa data);
- Dinamizar as celebrações do mês vocacional (agosto);
- Organizar, como gesto concreto de caridade, a arrecadação de suprimentos para o sustento dos Seminários da Diocese e doações em geral.

A segunda tarefa da Pastoral Vocacional é de animação. É preciso recordar toda a comunidade paroquial, com frequência, da importância de rezarmos todos pelas vocações. E isso se dá criando ou aproveitando oportunidades para que essas orações aconteçam. É a missão de não perder as oportunidades paroquiais para “trazer à tona” a questão vocacional. Mas, para isso, é preciso que alguém tome iniciativa. Em cada Pastoral, Movimento, Ministério ou Grupo, pode ter uma ou

mais pessoas que estejam sempre animando e chamando para a realização de alguma oração pelas vocações. Precisamos identificar essas pessoas dentro da Igreja!

A terceira tarefa da Pastoral Vocacional é o acompanhamento. Para realizar a obra do discernimento, os jovens e adolescentes precisam do acompanhamento de todas as forças vivas da comunidade de fé: animadores vocacionais e juvenis, familiares e amigos, lideranças e coordenações da comunidade, clérigos e leigos aptos a realizar o trabalho que a obra exige. Toda a Igreja tem o papel de ajudar os jovens em seu processo de discernimento e isso acontece de modo indireto e de modo direto.

Quando falamos de “Cultura Vocacional”, podemos identificar um Acompanhamento Indireto. Por exemplo, quando o Cursilho realiza os encontros com jovens, dando oportunidade para um encontro pessoal com Deus. Quando a Pastoral Familiar fala sobre a paternidade responsável, a educação e vocação dos filhos. Quando a Pastoral Litúrgica se dedica na preparação do Mês Vocacional. São exemplos de atividades paroquiais que podem ser identificadas como oportunidades de acompanhamento vocacional indireto.

Contudo, nem todos percebem ou vivem essas realidades na ótica vocacional. Aqui entra a necessidade de um Acompanhamento Direto. Este se dá por pessoas capacitadas, que tem condições de ajudar cada jovem, de modo personalizado, a perceber-se dentro de um Itinerário Vocacional. Para esta missão, acreditamos que os Catequistas têm muito a contribuir.

Sem dúvidas, a vocação é dom, é graça. Esse dom, que é recebido, necessariamente precisa ser alimentado. O Concílio convida a nutrir a vocação com a Palavra, os Sacramentos, a Oração e o Serviço ao próximo. Portanto, a Pastoral Vocacional tem a missão de promover, encontrar e apontar meios para que cada jovem tenha uma experiência pessoal com Jesus Cristo, pois é o Senhor que fala aos corações e chama.

A vocação cristã, nas suas múltiplas formas, é sempre um dom gratuito da iniciativa divina, mas requer a escuta atenta, o discernimento e a resposta livre da pessoa (Christus Vivit, n. 279).

Queremos que a Catequese se perceba importante e necessária para todo esse processo de se dedicar às vocações na Igreja, pois Pastoral Vocacional somos todos nós, é toda a Igreja. Estamos cada vez mais convencidos de que “a origem, o centro e a meta de toda vocação e missão é a pessoa de Jesus Cristo.

E permanecer com Jesus é o Segredo da Vocação. Na perspectiva vocacional, nosso compromisso é reler e encarnar o Evangelho na história de hoje, mostrando a verdade de que acompanhar uma pessoa na descoberta de sua vocação significa, na realidade, promovê-la na sua inteira humanidade, evangelizar plenamente.

De fato, a pastoral vocacional se torna prioritária neste novo momento da história da evangelização, colaborando para suscitar e acompanhar vocações para o serviço da comunidade

e para a atuação profético transformadora na sociedade.

A Pastoral Vocacional precisa acontecer em conjunto, com todas as forças vivas da Igreja. É, por natureza, pastoral de conjunto, pois precisa acontecer na família, nas comunidades, em todas as pastorais, movimentos e grupos.

E nessa perspectiva geral, da Cultura Vocacional, precisa de pessoas concretas, identificadas e preparadas para os trabalhos de acompanhamento. Caso contrário, corre-se o risco de ser genérica e não agir pontualmente na vida dos vocacionados. É tempo de “alargar a nossa tenda” e dar passos mais sólidos nos trabalhos vocacionais.

10 Catequese Permanente

A finalidade da catequese é aprofundar o primeiro anúncio do Evangelho: levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e nos envia o Espírito Santo. Conduz à entrega do coração a Deus, à comunhão com a Igreja, corpo de Cristo, e à participação em sua missão (Cf. CIC 426-429).

No centro da catequese encontramos, essencialmente, uma Pessoa: a do Senhor Jesus Cristo. [...] Catequizar é revelar, na Pessoa de Cristo, todo o desígnio eterno de Deus (CIC, n. 426).

O processo de formação dos discípulos missionários (Cf.: DAp 278) passa pela catequese. Esta não poderá ser apenas de memorização de conteúdos ou de metodologia escolar clássica, mas conduza para a experiência de Deus na vida cristã.

Esse processo inicia com o encontro com Jesus Cristo. O primeiro anúncio (querigma) e o conhecimento do Filho de Deus e seu Reino precisam atingir a experiência do encontro com uma Pessoa. Daí a importância da oração (Liturgia), da escuta da Palavra (Leitura Orante), dos retiros, etc. A finalidade última da catequese é pôr alguém não somente em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo” (CIC, n. 426).

A catequese é, pois, um dos meios pelos quais Deus continua hoje a se manifestar às pessoas. Ela atualiza a revelação acontecida no passado. O catequista experimenta a Palavra de Deus em sua boca, na medida em que, servindo-se da Sagrada Escritura e dos ensinamentos da Igreja, vivendo e testemunhando sua fé na comunidade e no mundo, transmite para seus irmãos a experiência de Deus. A partir do encontro com o Mestre, a catequese provoca uma verdadeira conversão, mudança no pensar e no agir. Como nos diz o documento de Aparecida:

Sem o querigma, os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade, sem corações verdadeiramente convertidos ao Senhor. Só a partir do querigma acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira” (DAp 278a).

Aqui vem a importância da catequese que conduz ao encontro do Deus da misericórdia e do perdão (sacramento da reconciliação). A

palavra conversão na língua hebraica (shub) e grega (metanoia) tem na sua raiz, respectivamente: mudar o caminho, mudar o espírito. A pessoa convertida muda seu caminho de vida, seu modo de pensar. Ela começa a seguir, aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida (cf.: Jo 14, 6) e começa a pensar a partir d'Ele. Em outras palavras, inicia-se o discipulado.

Para a perseverança neste processo, a catequese tem um papel fundamental, pois ela faz amadurecer no conhecimento (doutrina), no amor (encontro) e no seguimento (modo de ser). A catequese não pode contentar-se com a conversão inicial. Deverá tornar-se permanente (mistagógica). O processo de formação do discipulado não pode reduzir-se ao pessoal, com o perigo de acabar em tendências intimistas que se contentam com o encontro do “meu Jesus”.

Um autêntico discipulado, sem ignorar a dimensão pessoal, vai ao encontro da vida comunitária, eclesial: “Não pode existir vida cristã fora da comunidade (DAP 278d).

A comunhão eclesial e solidária é elemento essencial na vida dos cristãos, em todos os grupos, pastorais, associações, serviços, movimentos. Na dinâmica do processo de formação cristã não pode faltar o objetivo principal, a razão de ser do discípulo, que é a missão de evangelizar. O verdadeiro discípulo quer compartilhar com os outros a alegria de sua identidade cristã. A missão é inseparável do discipulado. Por isso falamos em discípulos missionários.

Assim, uma catequese verdadeira e permanente levará catequista (mistagogo) e catequizando a dizerem juntos:

Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria (DAP 29).

Neste sentido, o referido documento considera a catequese um itinerário permanente de formação e evangelização, aponta alguns elementos para a permanência catequética e missionária na evangelização das pessoas:

- A catequese deve ser um processo permanente;
- A catequese deve ser uma escola integral, não apenas uma formação doutrinal;
- A catequese deve promover a adesão pessoal e comunitária a Cristo;
- A catequese deve valorizar a religiosidade popular;
- A catequese deve ser baseada na leitura e meditação da Palavra de Deus;
- A catequese deve ser um processo orgânico e progressivo;
- A catequese deve ser uma tarefa, portanto, de toda a comunidade.

Neste sentido, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o quadriênio

2019-2023, aprovadas na 57^a Assembleia Geral da CNBB, têm como objetivo:

Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus, rumo à plenitude (CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019–2023. Documento 109. Brasília: Edições CNBB, 2019).

Cap. III

Catequese e liturgia

O caminho mistagógico passa necessariamente pela liturgia, à qual coube, no início do cristianismo, em plena interação com a catequese, a missão de iniciar na fé. A experiência do encontro com Jesus e o mergulho no seu mistério de vida e de amor precisam do rito, do simbólico, do orante para se darem.

O documento da CNBB, Catequese Renovada, já nos lembrava que a liturgia é uma “catequese em ato” (CR, n. 89), pois “é fonte inesgotável de formação do discípulo missionário” (CR n. 182), na riqueza de seus sinais, símbolos, palavras e ações. É, portanto, na beleza do espaço litúrgico, em sua nobre simplicidade, na leveza dos ritos que falam por si mesmos, que haveremos de descortinar a grandeza do mistério que nos atrai e nos obriga a tirar as sandálias dos pés (cf.: Ex 3, 5).

A liturgia, na Iniciação Cristã, não deve ser restrita às celebrações, pois vai muito além delas. Deve estar no cotidiano dos encontros, desde a oração inicial, as preces, até a ambientação do espaço catequético e outros momentos. Enfim, é parte do encontro e de todo o processo catequético (Faccini Paro, Catequese e liturgia na iniciação cristã: o que é e como fazer. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018).

Assim sendo, é incompreensível que algum itinerário de Iniciação à Vida Cristã se reduza ao “ensino” das verdades sobre Deus ou a um “curso que termina em festa de formatura”, mas que ele possa buscar a “adequada correspondência entre Bíblia,

catequese, liturgia e comunidade”, dando lugar enfático às celebrações de entrega da Palavra, do Creio e do Pai-nosso às orações de afastamento de todo o mal. Destaque, também seja dado, à celebração dos três sacramentos da iniciação cristã para os catecúmenos adultos na noite da Vigília Pascal.

A liturgia é uma das fontes essenciais e indispensáveis da catequese da Igreja, não apenas porque a catequese pode obter da liturgia conteúdos, linguagens, gestos e palavra da fé, mas principalmente porque elas pertencem reciprocamente uma à outra no próprio ato de acreditar. Compreendidas à luz da Tradição da Igreja, a liturgia e a catequese, mesmo tendo cada uma a sua especificidade, não devem ser justapostas, mas devem ser entendidas no contexto da vida cristã e eclesial e ambas se orientam para fazer viver a experiência do amor de Deus (...). (Diretório para a Catequese. Vaticano, 2020. Nº 95).

1. Considerações a partir do ano Litúrgico

A Igreja, como Mãe e Mestra, quer nos ajudar a melhor celebrar e viver os mistérios sagrados por meio do ano litúrgico. O ano litúrgico é o tempo que a Igreja determina para celebrar o Mistério Pascal de Cristo. Podemos afirmar que o ano litúrgico é um caminho pedagógico-espiritual que ajuda o cristão, particularmente o catequista, a crescer na busca por uma santidade comprometida com o serviço aos outros.

O ano litúrgico não é uma ideia, mas uma Pessoa, o próprio Cristo e o seu Mistério Pascal, atuado no tempo oferecido e comunicado aos fiéis mediante as ações sacramentais e que hoje a Igreja celebra como “memória”, “presença” e “profecia”.

Na celebração litúrgica, a Igreja é fiel à interpretação das Escrituras feita por Jesus e à celebração de seus mistérios. Ao celebrar o memorial de Cristo, a Igreja faz memória de sua Páscoa e a torna presente: o sacrifício que Cristo ofereceu uma vez por todas na cruz permanece sempre atual. Toda vez que se celebra o sacrifício do altar, no qual Cristo, nossa Páscoa, foi imolado, realiza-se a obra da nossa redenção (CIC 1363).

O ano litúrgico inicia-se com o primeiro domingo do advento e encerra-se com a festa de Cristo Rei do Universo. Ele passa e perpassa pela encarnação, nascimento, sofrimento, ressurreição e glorificação de Jesus, nosso único Salvador, Redentor e Libertador.

Nós, cristãos, herdamos do povo judeu sua maneira de ver o tempo, marcada por eventos significativos de intervenção do Senhor na história. A novidade é que, do ponto de vista da fé cristã, o evento decisivo, a intervenção definitiva de Deus na história, dá-se na pessoa de Jesus, o Cristo.

Com sua morte e ressurreição já se iniciou entre nós o “fim”, o *éschaton*, a eternidade, a plenitude do tempo, o Reino de Deus, como visita de Deus, como graça transformadora.

Na visão do Concílio Vaticano II, o ano litúrgico deve ser entendido como uma verdadeira

liturgia, e não simplesmente uma sequência de datas preestabelecidas dentro de um calendário de celebrações religiosas. É a presença sacramental-ritual do mistério de Cristo ao longo de todos os dias do ano.

O ano litúrgico é a celebração e a atualização do mistério de Cristo no tempo. Portanto, não se pode reduzir a um simples calendário de dias e meses com celebrações religiosas próprias, porque é a presença de modo sacramental e ritual do mistério de Cristo no espaço-tempo dos homens.

A Igreja, no decorrer do ano, desenvolve todo o mistério de Cristo, desde a encarnação e nascimento até a ascensão, até o dia de Pentecostes e até a espera da feliz esperança e vinda do Senhor. Celebrando assim os mistérios da redenção, a Igreja abre aos fiéis as riquezas das ações e dos méritos de seu Senhor, de modo que eles se tornem, de certo modo, presentes em todo tempo, para que os fiéis entrem em contato com eles e sejam repletos da graça da salvação (Sacrosanctum Concilium, n. 102).

A organização do ano litúrgico como temos hoje é resultado de um processo que foi se construindo ao longo dos dois mil anos de cristandade. Nos primeiros séculos do cristianismo só havia o domingo como fonte primordial da celebração do Mistério Pascal de Jesus.

Partindo do dia da Páscoa, como sua fonte de luz, o ano litúrgico não é um calendário de festas, mas o desenrolar dos diferentes aspectos do único mistério de Cristo. No seu conjunto, o ano litúrgico é

imagem e “sinal sacramental” do plano eterno de salvação, que inclui o mistério de Cristo.

O ano litúrgico contribui para reproduzir em nós a vida de Cristo, cumpre com a necessidade de incorporar os fiéis ao mistério da salvação, reproduzindo neles a imagem do Filho de Deus feito homem (...), para que cada vez mais possamos ser transformados no mistério que celebramos. Cada mistério da vida de Cristo incide diretamente em nossa vida e em nosso destino final de filhos de Deus (NUCAP: Iniciação à Liturgia, p 111).

O domingo, dia do Senhor, dia de sua ressurreição é o núcleo, a pedra fundamental, a origem e o centro da celebração do ano litúrgico. A partir desse dia em que os primeiros cristãos faziam a sua celebração semanal, nasceu e foi se desenvolvendo ao longo dos séculos o ano litúrgico.

No início do cristianismo, não havia nenhuma outra celebração que não fosse a que denominaram “Fração do Pão”; posteriormente Ceia do Senhor, Cálice do Senhor e Eucaristia (cf. At 2,42; 1Cor 16,2; At 20,7-11; Mt 28,1; Lc 24,1.13; Jo 20,1.19) e que agora chamamos de Missa.

A Igreja primitiva tem consciência de celebrar o Mistério Pascal do Senhor (cf. 1Cor 11, 23-26). Esse mistério é o fato central e memorial do Senhor na vida da Igreja nascente. Portanto, os primeiros cristãos celebravam o domingo como o dia pascal do Senhor. Somente mais tarde é que inserem a celebração anual da Páscoa. Por isso, o domingo tornou-se o fundamento e o núcleo do ano litúrgico.

Após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, o domingo retoma a sua significância inicial. Sendo considerado o dia principal, nenhuma celebração pode se sobrepor a ele ou substituí-lo.

A celebração eucarística dominical é nossa páscoa semanal. Sua morte e ressurreição continuam crescendo e desenvolvendo-se em e por nós, sempre com a presença misteriosa do Senhor, sobretudo no domingo. Cada domingo é ao mesmo tempo memória da Páscoa inicial e profecia da futura (ALDAZÁBAL in NUCAP: Iniciação a Liturgia, p 116).

O ano litúrgico está organizado em dois grandes ciclos: o da Páscoa e o do Natal. Eles possuem uma dinâmica própria de celebração. Há sempre o momento forte da celebração propriamente dita, precedido pela vivência da preparação e do prolongamento.

- O ciclo da Páscoa é o mais importante de todo o ano litúrgico, inicia-se com os quarenta dias de sua preparação, isto é, a Quaresma, que começa na Quarta-Feira de Cinzas. Nesse período, a Igreja convida os fiéis cristãos à vivência intensa da oração, da conversão e da penitência, tendo como objetivo celebrar intensamente a ressurreição de Jesus. Tempo de purificação e iluminação em função do catecumenato.
- Na Igreja dos inícios do cristianismo, os catecúmenos, isto é, os que estavam se

preparando para receber o sacramento do batismo, intensificavam sua preparação.

- No Brasil, desde 1964, por iniciativa de D. Eugênio Sales de Araújo, então bispo de Natal, no Rio Grande do Norte, teve início a Campanha da Fraternidade que tem por objetivo exortar os fiéis cristãos a vivenciarem e assumir a dimensão comunitária e social da Quaresma.
- Após a celebração da Páscoa da ressurreição do Senhor, inicia-se o tempo pascal, que tem a duração de cinquenta dias, finalizando com a festa de Pentecostes. Após esse período recomeça-se o Tempo Comum, que tinha sido interrompido com a Quaresma.

O ciclo do Natal inicia-se também com uma intensa preparação de quatro semanas, denominada Advento. Se na Quaresma vive-se intensamente um tempo especial de oração, conversão e penitência, no advento vive-se um tempo de espera e expectativa, que nos convida a vigiar não só pelo nascimento do Senhor, mas pela sua segunda vinda.

- É um tempo que desperta e aguça o nosso desejo da manifestação definitiva do Senhor quando ele consumirá o tempo e a história e criará um céu e uma nova terra.
- A vinda de Jesus nos faz esperar com alegria e esperança. É uma espera ativa e confiante, que inspira e sustenta nossa fidelidade e testemunho de vida cristã.

Não é tempo de penitência, apesar de a cor litúrgica ser o roxo.

- Nesse período, insere-se o nascimento de Jesus, o Natal, e a festa da epifania, palavra grega que significa a manifestação do Salvador a toda a humanidade. Os magos do Oriente, que não são reis, representam todos os povos que recebem e adoram o Cristo, Filho de Deus. Esse ciclo encerra-se com a festa do Batismo do Senhor.

O Tempo Comum, considerado também um ciclo importante para a celebração e vivência do ano litúrgico, e que se entrelaça entre os dois ciclos, inicia-se no dia seguinte à celebração da festa do Batismo do Senhor e se estende até a terça-feira antes da Quarta-feira de Cinzas. Recomeça na segunda-feira depois do domingo de Pentecostes e termina antes das primeiras vésperas do primeiro domingo do Advento.

- Esse ciclo tem a duração de 33 ou 34 domingos. Nele não se celebra um aspecto particular do mistério de Cristo, mas o mesmo mistério em seu conjunto, repercutindo em nosso cotidiano; por isso, denomina-se Tempo Comum.
- Os textos do evangelho proclamados no Tempo Comum evidenciam os episódios comuns de Jesus desde o chamamento dos discípulos até os ensinamentos que narram o fim dos tempos.

- São apresentadas neste tempo algumas festas do Senhor e a celebração das testemunhas do Mistério Pascal, como a Virgem Maria, os apóstolos, os evangelistas e demais santos e santas.

Quanto à celebração dos santos, sobretudo da Virgem Maria, a Igreja permite seu culto, na medida em que celebramos não o santo em si, mas o Mistério Pascal de Cristo vivido por esse santo, e a vitória de Cristo, nele, sobre o pecado. E ainda, na medida em que podem ser para nós modelos de seguimento de Jesus, de discipulado concreto em nossa vida.

Enfim, o Ano Litúrgico é um caminho espiritual e celebrativo que nos une ao mistério e à pessoa de Jesus Cristo, nos congrega na unidade do Corpo místico do Senhor, a Igreja, da qual somos membros vivos, nos faz atuar o nosso sacerdócio batismal e nos mobiliza a agir no mundo na perspectiva da Jerusalém celeste, a começar pela Jerusalém terrestre.

1.2 O ano Litúrgico

Durante o ano inteiro celebramos a vida de Cristo, desde a sua Encarnação no seio da Virgem Maria, passando pelo seu Nascimento, Paixão, Morte, Ressurreição, até a sua Ascensão e vinda do Espírito Santo.

Solenidades e Festas

Janeiro

01 – Santa Maria, Mãe de Deus

06 – Epifania

Fevereiro

02 – Apresentação do Senhor

22 – Cátedra de São Pedro

Março

19 – Solenidade de São José

25 – Anunciação do Senhor

Abril

25 – São Marcos, Evangelista

Mai

31 – Visitação de Nossa Senhora

Junho

13 – Santo Antônio

24 – Nascimento de São João Batista

Ascensão de Jesus (Data variável – Quinta Feira da sexta semana da Páscoa)

Corpus Christi (Data variável – 1ª Quinta Feira após o domingo da Santíssima Trindade)

29 – Solenidade dos Apóstolos São Pedro e São Paulo

Julho

26 – São Joaquim e Sant`Ana

Agosto

06 – Transfiguração do Senhor

15 – Assunção de Maria

Setembro

08 – Natividade de Nossa Senhora

14 – Exaltação da Santa Cruz

29 – São Miguel, São Gabriel e São Rafael, Arcanjos

Outubro

24 – Nossa Senhora da Conceição Aparecida

Novembro

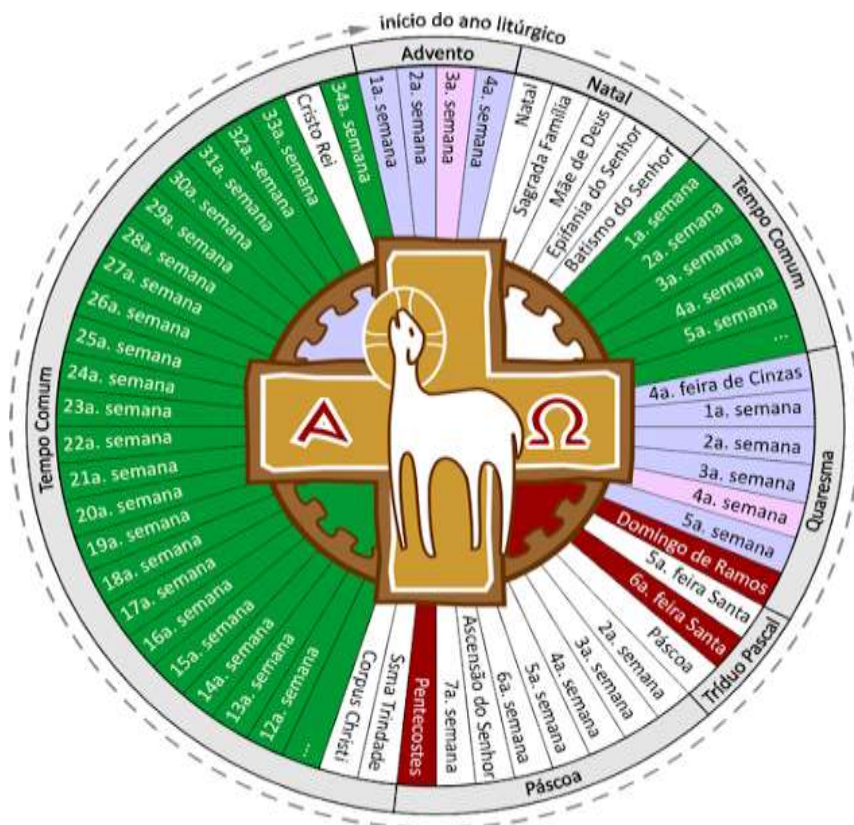
01 – Dia de todos os Santos

02 - Dia dos Fiéis Defuntos

Dezembro

08 – Imaculada Conceição de Maria

25 – Natal



As Cores Litúrgicas

- Branco – Símbolo da Paz
Solenidades e Festas
- Roxo – Penitência e conversão
Advento, Quaresma e Luto
- Rosa – Alegria e esperança
3º domingo do Advento e 4º da Quaresma
- Vermelho – Paixão e Amor
Pentecostes, festa dos Mártires, Ramos e Sexta Santa



Verde – Esperança
Tempo Comum



Ouro ou Dourado – Símbolo de nobreza
Solenidades e Festas

1.2 O Ano litúrgico e a catequética mistagógica

Durante o percurso da catequese, é pedagógico apresentar a sequência da história da salvação seguindo a linha do tempo, destacando-se a centralidade de Cristo como protagonista dessa história. Tudo foi feito por ele, com ele e para ele. (cf. Cl 1,16).

Respeitando a compreensão do grupo, o catequista proporcionará uma leitura dos acontecimentos e os símbolos salvífico que demonstram sua progressão e unidade nos quatro tempos, para que o catequizando acolha com fé a revelação divina, perceba a unidade da salvação e se sinta parte integrante dessa história.

É preciso iniciar crianças, jovens e adultos na ritualidade, nos gestos simbólicos e em sua linguagem, ajudando-os a compreendê-los e a realizá-los, a entrarem em sua dinâmica. É necessário que a catequese possua tempo e espaço adequados em seu itinerário para, a partir do seu sentido humano e bíblico, refletir sobre as ações, ou gestos, ou elementos celebrativos. Fazer com que compreendam em profundidade um símbolo implica favorecer a própria identidade, a comunhão com os valores essenciais (FARO, Thiago Faccini. Catequese e liturgia na Iniciação Cristã, p 64).

A apresentação da fé, portanto, deve levar em consideração os fatos e as palavras com as quais Deus se revelou à humanidade por meio das grandes etapas do Antigo e do Novo testamento, da vida de Jesus Filho de Deus e da história da Igreja. Ressaltar essas etapas salvífica, em um segundo momento, facilitará a compreensão da dinâmica celebrativa que irá abordá-las simultaneamente, sem fragmentar a única e mesma história.

O encontro com Cristo envolve a pessoa em sua totalidade: coração, mente, sentidos. Não diz respeito somente à mente, mas também ao corpo e, sobretudo, ao coração, neste sentido a catequese, que auxilia na interiorização da fé, dá uma contribuição insubstituível para o encontro com Cristo, se associando as demais dimensões da fé: as relações afetivas, a experiência litúrgica- sacramental, a vida comunitária e o serviço aos irmãos.

Além de favorecer um conhecimento vivo do mistério de Cristo, a catequese também tem a missão de ajudar na compreensão e na experiência das celebrações litúrgicas. Por meio desta atividade, a catequese ajuda a compreender a importância da liturgia na vida da Igreja, inicia à consciência dos sacramentos e à vida sacramental, especialmente ao Sacramento da Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja.

Os outros sacramentos, de fato todos os ministérios e obras apostólicas da Igreja, estão intimamente ligados à Eucaristia e são orientados para ela. Pois na bem-aventurada Eucaristia está contido todo o bem espiritual da Igreja, ou seja, Cristo mesmo, nossa Páscoa (CIC § 1324).

Os sacramentos celebrados na liturgia, são um meio especial que comunicam plenamente aquele que é anunciado pela Igreja. A catequese também educa para atitudes que as celebrações da Igreja exigem: a alegria pelo caráter festivo das celebrações, o sentido comunitário, a escuta atenta da Palavra de Deus, a oração confiante, o louvor e a ação de graças e a sensibilidade aos símbolos e sinais. Por meio da participação consciente e ativa nas celebrações litúrgicas, a catequese educa à compreensão do ano litúrgico, verdadeiro mestre da fé, e do significado do domingo, dia do Senhor e da comunidade cristã.

A liturgia eucarística acontece num todo de rica comunicação. É uma comunicação plena, feita de palavras, mas também de gestos, movimentos, símbolos e ação (TURRA, Frei Luiz. Vamos Participar da missa? p 113).

A liturgia é uma das fontes essenciais e indispensáveis da catequese da Igreja, não só porque através da liturgia a catequese pode colher conteúdos, linguagens, gestos e palavras da fé, mas, sobretudo porque elas pertencem uma à outra no próprio ato de crer.

A liturgia é um elemento constitutivo da Tradição: é o lugar privilegiado da catequese do povo de Deus. Isso não deve ser entendido que a liturgia deve perder o seu caráter celebrativo e ser transformada em catequese ou que a catequese seja supérflua. Embora ambas mantenham as suas especificidades, deve-se reconhecer que a liturgia é o ápice e fonte da vida cristã.

Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e ápice de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela; assim, quer pela oblação quer pela sagrada comunhão — não indiscriminadamente, mas cada um a seu modo — todos tomam parte na ação litúrgica. Além disso, alimentados pelo Corpo de Cristo na Eucaristia, manifestam visivelmente a unidade do Povo de Deus, que neste augustíssimo sacramento é perfeitamente significada e admiravelmente realizada (*Lumen Gentium* n 11).

A catequese recebe seu fundamento a partir de um primeiro encontro afetivo do catequizando que celebra o mistério e tem sua plena realização quando ele participa da vida litúrgica da comunidade, portanto não é possível pensar na catequese apenas como preparação para os sacramentos, pois ela e a liturgia são inseparáveis e se alimentam mutuamente.

O encontro vivo e persuasivo com o Cristo anunciado por testemunhas autênticas é determinante para a catequese, portanto àquele que introduz aos mistérios é, antes de tudo, uma testemunha. Este encontro tem sua fonte e seu ápice e na celebração da Eucaristia e se aprofunda na catequese.

O itinerário mistagógico é uma exigência catequética e sua estrutura se fundamenta na experiência cristã, devendo ter três elementos serem destacados:

- A interpretação dos ritos à luz dos eventos salvíficos: os mistérios da vida de Jesus, sobretudo seu mistério pascal, são lidos em conformidade com a Tradição e postos em relação com todo percurso veterotestamentário;
- A introdução ao sentido dos sinais litúrgicos: a catequese, para ser mistagógica, deve despertar e educar a sensibilidade dos fiéis à linguagem dos sinais e dos gestos, que, unidos à palavra, constituem o rito;
- A apresentação do significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões, para evidenciar o elo entre a liturgia e a responsabilidade missionária dos fiéis, além de fazer crescer a consciência de que a existência dos fiéis é gradualmente transformada pelos mistérios celebrados.

A catequese exprime-se em uma linguagem própria que é expressão da fé da Igreja. A linguagem catequética é composta pelo conjunto de diversas outras:

- Linguagem bíblica;
- Linguagem simbólico-litúrgica;
- Linguagem doutrinal;
- Linguagem performática.

Cada uma delas deve ser explorada para o bom desenvolvimento da missão catequética da Igreja,

sobretudo a simbólico- litúrgica, pois, apesar da tentativa de explorar os símbolos e ritos litúrgicos nos encontros, são nas celebrações dos sacramentos e na vivência do ano litúrgico, que realmente esta linguagem é vivida em sua plenitude

Os catequizandos poderão ser iniciados nos ritos e símbolos, ou seja, a catequese desenvolverá a sensibilidade deles, para, aos poucos, podermos lhes dar as chaves e os códigos para decifrarem as ações rituais. (...). Enfim, muitas outras atividades poderão ser realizadas ao redor da mesa da partilha, com a ajuda de figuras, imagens, testemunhos, escuta, reflexão e meditação (PARO: Thiago Faccini, Catequese e Liturgia na Iniciação Cristã, p91).

A catequese e a liturgia criam uma maneira peculiar de ler e interpretar as escrituras. Isso se caracteriza por uma apresentação unitária da pessoa de Jesus por meio de seus mistérios, que são celebrados nas diversas festas do ano litúrgico.

2 Celebrações que marcam o processo

Durante muito tempo vivemos uma catequese exclusivamente “teórica”, o que ocasionou uma separação entre catequese e liturgia. As celebrações possibilitam um ambiente rico em símbolos litúrgicos e sinais que manifestam os valores fundamentais do Evangelho e levam ao entendimento do momento sagrado que se vive.

Portanto, é necessário que se crie um itinerário celebrativo que proporcione aos catequizandos viver a fé de um modo mais ativo e prático. Dessa forma o “aprendizado” se dará, tanto pelas palavras que ouvem, quanto pelo ambiente de fé que os rodeia. É a união da “teoria” com a prática.

A iniciação dos catecúmenos processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis que, refletindo com os catecúmenos sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão, os induzem pelo seu exemplo a obedecer com maior generosidade aos apelos do Espírito Santo (RICA p 18).

Com o pedido de restauração do Catecumenato para os adultos, nossa Igreja se viu diante da necessidade premente de reestabelecer a catequese como era nos primeiros tempos, ou seja, adotar a IVC – Iniciação a Vida Cristã inspirada no processo catecumenal. E a catequese que fazemos, com crianças, jovens e adolescentes, “tomou a frente” de toda ação pastoral necessária, adotando em seus planejamentos algumas ações da catequese catecumenal de adultos, adaptando celebrações, ritos e entregas do catecumenato à catequese de nossas crianças e jovens.

Em muitas paróquias encontramos na catequese das crianças características da IVC sem que o resto da paróquia sequer tenha conhecimento do que seria um processo de IVC catecumenal, que, em sua base, deveria envolver toda a comunidade, pastorais, movimentos, grupos, lideranças.

Mas, o que a primeira vista, parece um equívoco, tem se mostrado uma verdadeira ação do

Espírito Santo no sentido de que, com a implantação dos ritos e celebrações de inspiração catecumenal, nossa catequese tem se tornado mais litúrgica e mistagógica. Temos celebrado mais, orado mais e dado mais valor aos símbolos da nossa fé.

Com só ritos e símbolos, o homem, é tocado por inteiro, pois a experiência simbólico – ritual passa pelos sentidos do corpo e chega à mente e ao coração. Um estudo aprofundado da dinâmica simbólico – ritual do RICA é uma oportunidade (...) de oferecer às comunidades e ajudá-las a enxergar a riqueza escondida em cada celebração do processo iniciático: a partir de toda ação ritual (visível, bem vivida e participada, de maneira ativa e consciente, se revelará o mistério da fé (invisível)”. (PARO: Thiago Faccini. As celebrações do RICA: conhecer para bem celebrar, p 17).

Em princípio, vamos pensar este itinerário como intrínseco a própria implantação da IVC nos moldes do catecumenato na paróquia. Onde isso ainda não é possível, gradualmente, pode-se inserir pequenas celebrações e entregas no processo catequético.

Para isso, é necessário que os catequistas e presbíteros conheçam intimamente o RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. Aliás, ele traz um capítulo dedicado à iniciação de crianças em idade de catequese.

(...) reconhece que o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos pode ser adaptado para crianças em idade de catequese, respeitando suas capacidades e necessidades específicas. Esse item afirma que as Conferências Episcopais

podem introduzir adaptações para melhor corresponder às necessidades e circunstâncias da região e às conveniências pastorais, incluindo a adaptação dos ritos das "tradições" usados para adultos e a tradução das orações e preces para a capacidade das crianças. Além disso, nas traduções deste Ritual em língua vernácula, haverá o cuidado de adaptar as admonições, as preces e as orações à capacidade das crianças. A Conferência Episcopal pode até, se for oportuno, por exemplo quando alguma oração do Ritual Romano é traduzida em língua vernácula, aprovar outra oração que proponha os mesmos temas de uma forma mais adaptada às crianças (RICA, item 312).

Todavia, vamos separar as celebrações em três tipos:

- **Celebrações Catequéticas (momentos celebrativos):** que podem iniciar ou concluir um conjunto de temas dos encontros catequéticos. São celebrações que podem acontecer no ambiente dos encontros com ou sem a presença da família, líderes das pastorais e da comunidade catequética. Essas celebrações resgatam os principais temas do itinerário catequético.

Ex.: Acolhida dos novos catequizandos e famílias, Celebração Mariana (mês de maio), celebração dos Sete Sacramentos, dos Mandamentos, do Mandamento do Amor, das Bem-Aventuranças, etc.

- **Celebrações de entrega (Festas):** são celebrações de caráter mais público, feitas perante a comunidade eclesial e que expressam o compromisso pessoal com a Igreja/comunidade. O ideal é que sejam celebrações eucarísticas, com monição especial do padre e participação da assembleia. Nelas podem ser feitas as entregas: **da Cruz, da Bíblia, do Pai-Nosso, do Credo**, conforme a caminhada catequética e o amadurecimento dos catequizandos ao entendimento de cada um destes símbolos da fé. Normalmente estas entregas adaptam-se a cada uma das etapas da catequese (anos/séries/tempos). Essas celebrações devem se moldar à estrutura da Santa Missa, sem comprometer seu caráter litúrgico, em seus quatro grandes momentos: Ritos Iniciais, Liturgia da Palavra, Liturgia Eucarística e Ritos Finais
- **Celebrações de preparação próximas dos Sacramentos:** são celebrações que proporcionam um aprofundamento mais intenso sobre o sacramento que será celebrado. O RICA orienta que estas celebrações sejam feitas na Quaresma, por ser o tempo próprio da “Iluminação”, tempo para se preparar para os sacramentos de iniciação desde a Igreja primitiva. Orienta-se também que os sacramentos da Eucaristia e a

Confirmação sejam celebrados no tempo Pascal, assim, o ano catequético fica desvinculado do ano escolar, valorizando a catequese como processo de iniciação a vida cristã e tirando seu caráter de “aula de religião” ou “escola de sacramento e doutrina”.

Exemplos de celebrações:

- ✓ Celebração da renovação das promessas do Batismo (para aqueles já batizados);
- ✓ Celebração Penitencial (confissões, tanto para Eucaristia quanto para a Crisma);
- ✓ Celebração do Pão (para valorizar a Eucaristia);
- ✓ Celebrações da Água, da Luz, da ressurreição, Vigília Crismal, etc.

Todas estas celebrações e momentos celebrativos devem ser entendidas como expressão orante dos conteúdos trabalhados na catequese. É necessário encontrar o momento ideal, dentro do itinerário anual (planejamento), para realizar a celebração. Lembrando que não se “celebra” aquilo que não se entende e que, além dos catequizandos, a família também precisa ser preparada para estes momentos.

Com relação às Celebrações Catequéticas, seu objetivo principal é levar o catequizando a uma

verdadeira experiência de encontro com Jesus Cristo. Deve-se cuidar com muito zelo para que as celebrações não se transformem em apenas leituras e encenações. A acolhida deve ser fraterna e verdadeira, o ambiente deve ser bem-preparado e agradável, os catequizandos devem ser envolvidos de forma a serem participantes ativos e não expectadores ou “atores” que decoraram a fala.

Na preparação das celebrações (escolha de leituras, ritos e cantos) pode-se focalizar um ensinamento recebido nos encontros catequéticos, como ensina o RICA: os “mistérios de Cristo e as maneiras de viver que daí decorrem, por exemplo, o ensinamento proposto pelo Novo Testamento, o perdão das injustiças e das injúrias, o sentido do pecado e da conversão, os deveres que os cristãos precisarão exercer no mundo (RICA in Itinerário Catequético, p 65).

É essencial, também, que se proporcione um ambiente de profunda espiritualidade, de profunda oração, usando recursos e leituras adequadas: as Sagradas Escrituras, símbolos, mantras (refrões), músicas, orações etc.; que “ensinem” os catequizandos a “conversarem” com Deus, a sentirem a presença Dele em suas vidas, a entenderem Jesus Cristo e a valorizarem a devoção Mariana.

Em todas as celebrações o ambiente deve estar preparado e adequado ao tema que se quer celebrar, sempre com a presença dos símbolos cristãos: a bíblia, a cruz, flores, velas, trigo e pão, uva e vinho, imagem de Maria, etc. Em cada uma das celebrações a organização deve nomear previamente o

comentarista (catequista, pai, mãe, catequizando, membro da comunidade) e distribuir previamente a cada um a sua participação, para que não se faça nada de improviso.

Os comentários devem ser uma referência e não devem inibir a espontaneidade, importante para a celebração. No entanto, há que se cuidar, também, para que não se faça “discursos longos” e desnecessárias “explicações” sobre os símbolos apresentados. Símbolo não se “explica”. Se o fizermos, significa que ele não “simboliza” aquilo que queremos.

Também se deve escolher músicas e cantos adequados ao momento que está sendo celebrado. Mantras e refrões ajudam a interiorização e conduzem à oração. Quando as celebrações forem integradas a Celebração Litúrgica (Missa) cuide-se para que estas não interfiram no ritual da Santa Missa e sim, complementem a Liturgia.

A liturgia da Palavra é um espaço especial para o canto. (...) é uma forma de dinamizar e configurar uma comunicação motivadora e participativa, Se é verdade que toda a liturgia se movimenta numa ampla gama de comunicação, com mais razão a liturgia da Palavra necessita de um cuidado muito mais qualificado para favorecer seu merecido efeito (TURRA, Vamos Participar da Missa?, p. 56).

O padre que presidir a celebração deve estar perfeitamente integrado ao processo de catequese de Iniciação a Vida Cristã e conhecer o RICA, para que as celebrações não sejam comprometidas. As celebrações de entregas na missa não podem, de

forma alguma, ser motivo de “estresse” entre catequistas e padre.

2.1 Rito da Admissão: Celebração de entrada

Nela se realiza o diálogo com os candidatos, com suas famílias e com a comunidade inteira de modo a garantir o testemunho do caminho a ser seguido. É realizada a primeira adesão, o exorcismo e renuncia a outros cultos, assinalação da frente e dos sentidos, ritos auxiliares como a entrega do sal, de uma cruz ou medalha de Cristo, a Celebração e entrega da Palavra e as preces pelos candidatos.

2.2 Celebração da Eleição ou inscrição do nome

Deve coincidir com o Tempo da Quaresma tanto pela sua estrutura litúrgica como pela participação da comunidade cristã, um tempo de grande utilidade para os eleitos. Tempo de amadurecer as decisões.

Os candidatos são apresentados e acompanhados por seus padrinhos e madrinhas que darão testemunho e os tomarão ao vosso cuidado, no Senhor. Os candidatos confirmam a sua determinação, ou seja, a razão do seu querer.

A comunidade também é interrogada para testemunhar este momento e a Igreja emite o seu juízo sobre o estado de preparação dos mesmos e ajudam os eleitos com a oração para que seja a Igreja toda a conduzi-los consigo ao encontro de Cristo.

Requerem-se que tenham fé esclarecida e a vontade deliberada de receber os sacramentos da Igreja.

2.3 Celebração Penitencial

Todo o tempo da quaresma é penitencial e pelo Sacramento da Penitência a Igreja manifesta o perdão de Cristo e reconcilia o fiel com Deus e com os irmãos com o sério propósito de se corrigir.

- **Exame de consciência:** Refletir sobre o que fizemos de errado, quem ofendemos e o que deixamos de fazer pelo próximo.
- **Arrependimento:** Devemos ter a firme vontade de não cometer erros.
- **Confissão dos pecados:** em particular diante do sacerdote dizemos nossos pecados e em, em nome de Cristo, ele nos acolhe com nossas fraquezas, nos orienta e nos diz a penitência que devemos fazer.
- **Penitência:** Cabe-nos cumprir o que o sacerdote nos indicará após dizermos os nossos pecados, uma vez que esses atos nos ajudam a reparar o mal que fizemos.

2.4 Celebração Sacramental

No que se refere ao tempo das celebrações, deseja-se que, na medida do possível, os sacramentos sejam celebrados na Vigília Pascal ou em um domingo no qual se celebra a Ressurreição do Senhor, no Tempo Pascal. É ele o tempo próprio da

Boa Nova revelada, momento de renovação no qual o Senhor nos torna dignos de sua graça.

Na Vigília Pascal realiza-se a celebração dos sacramentos da iniciação, de modo que se configure a unidade entre eles: Batismo, Eucaristia e Crisma.

Diante deste quadro torna-se indispensável acompanhar as famílias no modo como devem educar os seus filhos na fé, garantindo a continuidade do processo iniciático.

2.5 Ritos e entregas no processo da IVC

A iniciação cristã é o processo de incorporar uma pessoa ao mistério de Cristo, morto e ressuscitado. Ela se dá por meio de etapas, que são os sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia.

Os ritos e entregas são compromissos assumidos pelo catecúmeno ou catequizando na mudança de vida pessoal e comunitária. Eles têm como objetivo ajudar o catequizando a seguir os passos de Jesus com alegria, entusiasmo e compromisso. Eles, também, visam inserir o catequizando e sua família na comunidade.

A entrega da Palavra na Iniciação à Vida Cristã é um rito que simboliza o caminho para encontrar Jesus, através da escuta da Palavra de Deus. A entrega da Palavra pode ser feita através da entrega da Bíblia.

- Entrega da Bíblia

- ✓ A comunidade cristã entrega a Bíblia aos catecúmenos, indicando que

a Palavra de Deus é a luz para o caminho;

✓ A Palavra de Deus revela a História da Salvação e os ensinamentos de Jesus;

✓ A entrega da Bíblia é um convite para a família inteira viver unida o caminho de fé.

A Iniciação à Vida Cristã é o processo pelo qual uma pessoa se incorpora ao Mistério de Cristo, morto e ressuscitado. Com o gesto de entrega, portanto, ao colocar a Bíblia das Sagradas Escrituras nas suas mãos, como luz para o caminho, a comunidade cristã na Igreja indica que é na escuta da Palavra que se encontra a via para encontrar Jesus.

- Entrega da Cruz

A entrega da Cruz (ou assinalação da Cruz) e da Palavra de Deus é um ato simbólico que marca a entrada na comunidade.

A cruz é um símbolo fundamental do Cristianismo, representando a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Na iniciação à vida cristã, a cruz é um sinal de salvação e de vida, que simboliza a reconciliação com Deus e o perdão dos pecados. A Cruz de Cristo representa a nossa relação com a vida e a morte, o arrependimento e a redenção. Em todos os lugares que ela se faz presente, lembramos de que Deus nos ama de maneira incomparável, sendo capaz de entregar a vida de Seu Filho, Jesus, para salvar-nos de todo o pecado. A cruz é um dos símbolos mais importantes do Cristianismo.

Significados da cruz na iniciação à vida cristã:

- ✓ A cruz é um sinal de salvação e de vida.
- ✓ A cruz representa o sacrifício de Jesus Cristo, que possibilita a reconciliação com Deus e o perdão dos pecados.
- ✓ A cruz é um símbolo da Páscoa, que relembra a vitória de Jesus sobre a morte.
- ✓ A cruz é um sinal de consagração da vida a Deus.
- ✓ O sinal da cruz é um gesto de filiação adotiva de Deus mediante Jesus Cristo.

- Rito de entrega do Rosário (Terço)

O Rosário é uma oração católica que ajuda a meditar sobre a vida de Jesus e de Maria, e que é um instrumento de aprofundamento da fé. É uma forma de oração que consiste na repetição de Ave-Marias, que permite ao cristão meditar sobre os eventos da vida de Jesus e de Maria.

Ele é composto por 20 mistérios, divididos em quatro coroas: **gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos**. Tem o significado de "coroa de rosas", e é uma forma de tecer uma coroa de flores espirituais para a Virgem Maria.

O Rosário é um instrumento de aprofundamento da fé e de crescimento espiritual. É uma forma de se aproximar de Deus e de se envolver mais na vida de filho. O grande valor do Rosário é que ele é Cristocêntrico; isto é, centrado em Cristo.

Enquanto o rezamos, juntos com Maria, por Maria e em Maria, associamo-nos ao mistério do amor de Jesus, que se fez homem para nos salvar. Aí está o seu profundo valor teológico.

- Rito de entrega do escapulário

O escapulário é um sinal externo de devoção mariana, que consiste na consagração a Santíssima Virgem Maria, por meio da inscrição na Ordem Carmelita, na esperança de sua proteção maternal. O escapulário do Carmo é um sacramental. É feito de dois quadradinhos de tecido marrom unidos por cordões, tendo de um lado a imagem de Nossa Senhora do Carmo, e de outro o Coração de Jesus, ou o brasão da Ordem do Carmo.

É uma miniatura do hábito carmelita, por isso é uma veste. Quem se reveste do escapulário se consagra a Nossa Senhora. Assim, o escapulário é um sinal visível da nossa aliança com Maria.

Com o tempo, estabeleceu-se um escapulário reduzido para ser dado aos fiéis leigos. Dessa forma, quem o usasse poderia participar da espiritualidade do Carmelo e das grandes graças que a ele estão ligadas.

- Rito de entrega do Pai-Nosso

A oração do Pai-Nosso é um modelo de oração que Jesus ensinou aos seus discípulos. Jesus o ensinou assim: Primeiro: “Pai nosso”, isto é, Deus quer relacionar-se conosco e pede que nós nos

relacionemos como Ele como “Pai”. E relacionar-se com Deus-Pai é fazê-lo próximo de nós como fonte de vida. Isso requer que nós nos comportemos como filhos de Deus, logo, como irmãos uns dos outros.

Ela é fundamental na iniciação à vida cristã, pois nos ensina a nos relacionar com Deus como filhos e a viver como irmãos.

A oração do Pai-Nosso é apresentada no Evangelho de Lucas e no Evangelho de Mateus (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,1-4). O Pai-Nosso tem o significado de:

- ✓ Pedir a Deus que nos guie e nos ajude a nos entregar a Ele;
 - ✓ Reconhecer que Deus é o pai, e que devemos nos comportar como filhos;
 - ✓ Construir o reino de Deus na Terra;
 - ✓ Pedir perdão a Deus e aos outros;
 - ✓ Viver a fraternidade e a paz;
-
- Rito de entrega da Lei de Deus (Mandamento do Amor)

No primeiro mandamento do decálogo, o Senhor quis apresentar o fundamento para todo o cumprimento dos demais mandamentos, o amor. No Evangelho de Mateus, o autor apresenta como o cristão deve amar: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente” (Mt 22,37).

Quando o autor do Evangelho diz que se deve amar com todo o coração, com toda a alma e com

toda a mente, quer significar que se deve amar com o ser humano inteiro, sem divisões ou parcialidades.

Com isso, pode-se perceber a importância do amor. O amor é o motivo pelo qual temos de colocar todos os nossos esforços e observar os mandamentos. E não é um amor qualquer, mas um amor a Deus, autor e consumidor da vida humana (cf. Jo 13,34-35) Assim, Deus recorda ao homem a sua Aliança, pela qual Ele não abandona seu povo escolhido, mas também deseja fidelidade.

- Rito de entrega do Símbolo dos apóstolos (Credo)

O Creio ou “Credo” em “Latim” é um dos símbolos da fé Cristã, também conhecido como “Símbolo Apostólico”. O Símbolo dos Apóstolos, assim chamado porque se considera, com justa razão, o resumo fiel da fé dos Apóstolos. É o antigo símbolo batismal da Igreja de Roma.

O Credo é feito nas missas dominicais e solenes, após a leitura da Palavra de Deus e da homilia. Ele é uma declaração de fé que resume as crenças fundamentais do Cristianismo. É uma profissão que os cristãos recitam para reafirmar sua fé. O Credo é importante na iniciação à vida cristã porque:

- ✓ É um guia para a fé e a prática cristã;
- ✓ É uma forma de ensinar e unificar a doutrina da Igreja;
- ✓ Uma forma de proteger a doutrina da Igreja;

- ✓ É uma forma de expressar a identidade e coesão de uma denominação, a Cristã católica.

As celebrações, ritos e entregas da iniciação a vida cristã tem um ordenamento prático para melhor inserir o catequizando na mistagogia catecumenal e, desta forma, ele pode amadurecer na fé e na vida comunitária.

Acolhida, ritos e entregas no processo da IVC

Material Casa da Iniciação Cristã

Apresentar-se-á, abaixo, os esquemas celebrativos, conforme subsídios, escolhido pela Diocese de São Luís de Montes Belos, em assembleia Diocesana Catequética quando da introdução do processo de IVC na ação pastoral da catequese.

Eucaristia I

DIA	ritos e entregas	ETAPA	Manual do Catequista	ONDE	COMO
A definir	Celebração do início do Ano Catequético	Primeira etapa	Após Quarta-Feira de Cinzas – Tempo da Quaresma	Missa do domingo	Rito logo após a saudação inicial
A definir	Celebração de entrega da palavra-Bíblia	Primeira etapa	Após o Tema 3	Missa do Domingo	Rito antes da liturgia da Palavra
A definir	Celebração de entrega do Rosário	Primeira etapa	Após o Tema 8	Igreja	Rito após concluída a oração

DIRETÓRIO DE CATEQUESE

	Terço				pós comunhão
A definir	Celebração de entrega do pai- Nosso	Primeira etapa	Após o Tema 12	Missa do domingo	Rito após a Doxologia

Acolhida, ritos e entregas no processo da IVC

Material Casa da Iniciação Cristã

Eucaristia II

DIA	ritos e entregas	ETAPA	Manual do Catequista	ONDE	COMO
A definir	Celebração de entrega do Creio	Segunda etapa	Após o Tema 7	Missa do domingo	Rito antes da Liturgia da Palavra
A definir	Celebração Penitencial	Segunda etapa	Após o Tema 20	Sala de Catequese	Após Celebração – Primeira Confissão
A definir	Explicação sobre a Missa	Segunda etapa	Após o Tema 25	Igreja	Explicação dos objetos, gestos e ritos da Missa
A definir	Primeira Comunhão Eucarística	Segunda etapa	Após o Tema 28	Missa do domingo	Santa Missa

Acolhida, ritos e entregas no processo da IVC

Material Casa da Iniciação Cristã

Crisma I

DIA	ritos e entregas	ETAPA	Manual do Catequista	ONDE	COMO
A definir	Celebração do início do Ano Catequético	Primeira etapa	Após quarta-feira de cinzas – Tempo da Quaresma	Missa do domingo	Rito logo após a saudação inicial
A definir	Celebração da Via Sacra da Cruz	Primeira etapa	Após o Tema 4	Sala de Cateques e/Igreja	Catequistas e Catequizandos
A definir	Celebração da Via Sacra da Ressurreição	Primeira etapa	Após o Tema 9	Sala de Cateques e/Igreja	Catequistas e Catequizandos
A definir	Entrega do escapulário	Primeira etapa	Após o Tema 16	Missa do domingo	Rito após o oramos pós comunhão
A definir	Celebração Penitencial	Primeira etapa	Após o Tema 24	Sala de Cateques e	Catequistas
A definir	Celebração da entrega da Cruz	Primeira etapa	Após o Tema 28	Missa do Domingo	Rito após a oração pós comunhão

Acolhida, ritos e entregas no processo da
IVC

Material Casa da Iniciação Cristã

Crisma II

DIA	ritos e entregas	ETAPA	Manual do Catequista	ONDE	COMO
A definir	Celebração do início do Ano Catequético	Segunda etapa	Após quarta-feira de cinzas – Tempo da Quaresma	Missa do domingo	Rito logo após a saudação inicial
A definir	Rito do Sinal da Cruz	Segunda etapa	Após o Tema 5	Sala de Catequese	Familiares e Catequistas
A definir	Rito de Purificação	Segunda etapa	Após o Tema 9	Missa do domingo	Rito após a homilia
A definir	Rito de Iluminação	Segunda etapa	Após o Tema 14	Missa do domingo	Rito após a homilia
A definir	Rito de Libertação	Segunda etapa	Após o Tema 19	Missa do domingo	Rito após a homilia
A definir	Celebração da Penitência	Segunda etapa	Após o Tema 22	Sala de Catequese	Catequistas
A definir	Celebração da Crisma	Segunda etapa	Após o Tema 28	Missa do Domingo	Santa Missa

Acolhida, ritos e entregas no processo da IVC

Material Casa da Iniciação Cristã

Adultos Catecúmenos

DIA	ritos e entregas	ETAPA	Manual do Catequista	ONDE	COMO
A definir	Rito de eleição e inscrição do Nome	Única	Preferencialmente na Quaresma	Missa do domingo	Rito logo após a homilia
A definir	Primeiro Escrutínio	Única	3 Domingo da Quaresma	Missa do Domingo	Rito logo após a homilia
A definir	Segundo Escrutínio	Única	4 Domingo da Quaresma	Missa do Domingo	Rito logo após a homilia
A definir	Terceiro escrutínio	Única	5 Domingo da Quaresma	Missa do Domingo	Rito logo após a homilia
A definir	Celebração dos Sacramentos de IVC	Única	Vigília Pascal	Missa	Rito logo após a homilia

Acolhida, ritos e entregas no processo da
IVC

Material Casa da Iniciação Cristã

Adultos Batizados

DIA	ritos e entregas	ETAPA	Manual do Catequista	ONDE	COMO
A definir	Celebração de entrada no catecumenato Assinalação da Cruz e entrega da Palavra	Única	Após o Tema 5	Missa do domingo	Rito logo após a saudação inicial e após a homilia
A definir	Rito de entrega do Pai-Nosso	Única	Após o Tema 15	Missa do Domingo	Rito logo após a Doxologia
A definir	Rito de entrega do Creio	Única	Após o Tema 20	Missa do Domingo	Rito logo após a homilia
A definir	Celebração Penitencial	Única	Após o Tema 24	Sala de Catequese	Catequistas
A definir	Celebração dos Sacramentos de IVC	Única	Tempo Pascal	Missa	Rito logo após a homilia

Decerto que esse ordenamento dos ritos e entregas na iniciação à vida cristã tem o propósito de:

- Ajudar o catequizando a se encontrar com Jesus Cristo;
- Ajudar o catequizando a se transformar e se tornar um discípulo fiel;
- Ajudar o catequizando a se aproximar da Bíblia e da Palavra de Deus;
- Ajudar o catequizando a amar a Igreja e se envolver na comunidade;
- Ajudar o catequizando a testemunhar sua fé;
- Ajudar o catequizando a crescer espiritualmente;

Cap. IV

Indicações práticas para os Encontros de Catequese

- Preparação do ambiente: de acordo com o tema a ser trabalhado o espaço do encontro poderá ser organizado com símbolos, cartazes. Torna-se indispensável a organização de um local no qual a Bíblia e uma vela estejam sempre presentes.
- Acolhida: à chegada para o encontro o grupo deve ser acolhido de maneira que sinta a importância da sua presença no encontro. Seja com um bom dia/boa tarde/boa noite, uma lembrancinha, uma mensagem/cartãozinho, uma música, uma dinâmica... contar como foi a semana, conversar sobre algum assunto de interesse do grupo, alguma notícia em evidência... Fazer uma procissão de entrada da Bíblia, de uma vela e de algum símbolo referente ao tema, tornam-se opções.
- Oração: neste momento toda a disposição dos presentes deve ser elevada para o sentido pleno do que será vivenciado. Fazer uso do silêncio, dos olhos fechados, dar as mãos, ajoelhar-se, sentar, ficar em pé... seja com uso de um refrão

meditativo, apresentação de preces (pedidos/intenções), agradecimentos... O uso de uma música, a Proclamação do Salmo referente à liturgia do domingo ou de algum versículo vocacional (Ex. Jr 1, 4-10) tornam-se algumas opções. Orações como “Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, Creio, Espírito Santo” são apresentadas na medida em que os estudos são realizados.

- Apresentação do tema: Realizada a acolhida e a oração, no momento de apresentar o tema o catequista poderá fazer uso de um cartaz/símbolo, por exemplo, expondo-o para que o grupo direcione a sua atenção para o que será tratado. Fazer memória do encontro anterior, de modo a garantir a corencia das ações é uma prática a ser destacada. Conversar com o grupo e ouvir suas primeiras ideias/impressões sobre o tema é uma prática que favorecerá um diagnóstico do que o grupo já sabe e o que precisa aprender. Neste sentido, os livros/subsídios trazem elementos que contribuem para que o catequista tenha conhecimento sobre o que dialogar com o grupo, o que questionar, como acolher suas dúvidas.
- Proclamação da Palavra: todo o trabalho toma sentido neste momento. A Palavra deverá ser proclamada com clareza. O

catequista poderá proclamá-la, um catequizando poderá fazê-la (desde que seja solicitado na semana anterior para que ele possa se preparar). Os versículos selecionados poderão ser lidos no seu conjunto e depois no momento da reflexão) um versículo por vez vai sendo retomado. Que a Palavra seja proclamada de forma solene, diretamente do ambão/mesa. No caso da opção pelo “Evangelho” do domingo, ampliar a compreensão do que é tratado a partir da proclamação da Primeira Leitura (Antigo Testamento), do Salmo e da Segunda Leitura (Cartas Paulinas). O uso do Método da Leitura Orante (*Lectio Divina*).

- Reflexão/Vivência: Optar pela realização de uma dinâmica que motive a compreensão sobre o tema, ou seja, um trabalho em grupo com cartazes/maquetes, atividades escritas ou ilustrativas, gincanas, brincadeiras, músicas, ensaio de peças teatrais, trabalhos manuais com recorte/colagem, debates nos quais opiniões diferentes podem ser apresentadas sobre um mesmo assunto (na medida em que na discussão possa ser revelada a visão cristã sobre o assunto em questão), apresentação de textos/histórias diversas, testemunhos (experiências de vida), visitas, filme, entre outros, tornam-se elementos a serem valorizados.

- Partilha/ compromisso/ gesto concreto: Fazer ressoar na vida o que é vivenciado na catequese é o verdadeiro propósito. Para isso, decidir um gesto concreto, uma ação para a semana seguinte ou algo que possa ser feito para ajudar alguém (por ex. em um determinado momento é solicitado ao grupo trazer alimentos para que uma cesta básica seja montada), entre outras possibilidades.
Avisos/convites/apresentação das pastorais poderão ser realizados, bem como a orientação de atitudes a serem vivenciadas em casa, na escola, na rua, no trabalho.
- Celebração: é fato que a Liturgia deve permear a ação catequética. Para tanto, o catequista deverá ressignificar os momentos finais dos encontros para além da concepção de um “oração final”. Quando tratamos de “celebração”, garantimos que tudo o que foi vivenciado tem um sentido pleno, uma espiritualidade. Que neste momento práticas como, por exemplo, o gesto de molhar a mão na água benta e traçar sobre si o sinal da cruz, seguido de uma canção pouco a pouco vão orientando os catequizandos para a necessária santificação de suas ações. Apresentar as preces, fazer pedidos, agradecimentos,

abençoar o grupo, solicitar aos catequizandos que escrevam orações e a depositem em um caixa, solicitar que escrevam orações ou que tragam orações escritas pelos seus familiares a as apresentem, a realização de um lanche, o abraço da paz, entrega de lembrancinha/mensagem... são evidências celebrativas a serem contempladas.

Livro III



O catequista, apóstolo dos
novos discípulos

Cap. I

Os catequistas

Desde o início, a comunidade cristã conheceu uma forma difusa de ministerialidade (cf. 1 Cor 12, 4-6), concretizada no serviço de homens e mulheres que, obedientes à ação do Espírito Santo, dedicaram a sua vida à edificação da Igreja. Toda a história da evangelização destes dois milênios manifesta, com grande evidência, como foi eficaz a missão dos catequistas. Não se pode esquecer a multidão incontável de leigos e leigas que tomaram parte, diretamente, na difusão do Evangelho através do ensino catequético.

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja apercebeu-se, com renovada consciência, da importância do compromisso do laicato na obra de evangelização. Reafirmou-se, portanto, a grande necessidade que há para o crescimento da comunidade cristã do envolvimento direto dos fiéis leigos nas várias formas em que se pode exprimir o seu carisma e que, em virtude do seu Batismo, se sentem chamados a colaborar no serviço da catequese.

1 Vocação e missão do catequista

Espera-se que aqueles que foram iniciados na fé e sintam-se chamados para o serviço da catequese tenham plena consciência de sua

vocação, pois, comprometerá sua vida em benefício de gerar mais vida para o seu próximo.

Aquele que se sente vocacionado a catequese deve ser uma pessoa que ama viver e se sente realizada, tem plena consciência de si próprio, do seu ser e estar no mundo, de maturidade humana e de equilíbrio psicológico, possui conhecimento da realidade, tem senso crítico, é capaz de criar relações, de dialogar com a diferença, diálogo maduro pautado nos valores evangélicos sem jamais criar conflitos que não possa resolver.

Uma pessoa de profunda espiritualidade, que busca crescer em santidade, pois se coloca “na escola do Mestre e faz com Ele uma experiência de vida e de fé, nutre-se da Palavra, da vida de oração, da Eucaristia e da devoção Mariana.” Pessoa de sensibilidade, que vê o rosto de Deus nas pessoas, nos pobres, na comunidade, identifica-se com o povo, conhece os problemas reais e procura traduzi-los à luz da Palavra de Deus.

É, sobretudo uma pessoa de fé e de vida em comunidade. Vive no mundo e dá testemunho do seu “ser” cristão no mundo. É pessoa que cria laços de amizade, de partilha, gestos profundos de relação com o outro e que geram comunhão.

É importante na formação do catequista discernir hoje o seu saber, para que este não fique somente no mundo das ideias, da intelectualidade. Faz-se necessário neste processo formativo um saber “pé no chão” na realidade em que se vive.

O Catequista vai construindo o seu conhecimento. Aprenderá com as ciências humanas a conhecer a pessoa humana em cada uma de suas fases de crescimento.

Deverá ater-se ao estudo das referências doutrinárias da Igreja que tanto contribui para o conhecimento da doutrina, mas, também das experiências daqueles que viveram a fé antes de nós.

Para tanto, conhecer os documentos e textos de catequese que os levem a amadurecer a fé e a missão, além de conhecimento teológico, do magistério e profético torna-se indispensáveis sendo, pois, o catequista, voz da Igreja no mundo.

2 A espiritualidade do Catequista

A espiritualidade constitui o fundamento, a base, a motivação de nossa vida interior, subjetiva. É, portanto, o nosso verdadeiro eu, que muitas vezes, não conseguimos vivenciar. Constitui o fundamento, a base, a motivação de nossa vida interior, subjetiva.

A espiritualidade cristã é a vivência da fé e do agir de todos os dias, sob a ação do Espírito Santo. É uma realidade interior que nos impulsiona a fazer o bem e a transformar o que necessita ser transformado. É um estilo de vida marcado pela busca de Deus, por meio de Jesus Cristo morto e ressuscitado, que deve ser construído cotidianamente com perseverança, otimismo, compromisso e santidade.

A espiritualidade do catequista consiste em viver a sua missão com espírito de oração, de entrega e de comunhão com Cristo, como testemunha da fé (DGC, 2020, n 231).

A palavra espiritualidade vem de Spiritus, ou do verbo spirare (soprar). E o que é espírito? O espírito é o que há de mais profundo, forte e verdadeiro em nós. É o que nos impulsiona a viver plenamente. Logo, a espiritualidade é uma “força” que nos motiva a viver de corpo e alma, e por isso nos envolve inteiramente. “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10,10).

Espiritualidade é um jeito de viver, uma maneira de ser livre e sintonizado com as coisas de Deus, da Igreja, da família, da natureza e do mundo à luz do Espírito Santo. É uma necessidade vital para todas as pessoas, principalmente para os educadores da fé (CARVALHO, Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista, p 13)

A espiritualidade cristã na sua essência é sempre trinitária: refere-se ao Pai, fonte e destino de todo bem; ao Filho, o Deus encarnado, que na sua pessoa histórica nos revela os desígnios de salvação do Pai; ao Espírito Santo, a terceira Pessoa divina, que faz com que a obra redentora de Cristo se torne uma realidade viva e atual na existência. Pela sua missão, o cristão, necessita não só de conhecimento teórico e intelectual, mas, acima de tudo, de conhecimento pessoal e concreto, de intimidade com Deus. Intimidade que se possa projetar na vida, nos acontecimentos e que não seja um mero espiritualismo.

A espiritualidade cristã é, por definição, a espiritualidade de Jesus, segundo seu Espírito. Sua opção deverá ser nossa opção, suas atitudes, nossas atitudes, suas práxis, nossas

práxis. Para nós, como para Paulo, viver é o Cristo, e morrer com ele e por ele é o verdadeiro lucro (cf. Fl 1,21) (cf.: CASALDÁLIGA, 2008, p 20).

A espiritualidade, portanto, está no modo de ser, viver, falar e agir. É um estilo de vida marcado pela busca de Deus, por meio de Jesus Cristo morto e ressuscitado, que deve ser construído cotidianamente com perseverança, otimismo, compromisso e santidade.

Desse movimento, resulta, perseverança, otimismo, compromisso e santidade. Ou seja, aquilo que já nos apontava o Diretório Nacional de Catequese:

É uma espiritualidade Bíblica, porque está a serviço da Palavra de Deus; e uma espiritualidade Cristológica - Trinitária, porque, brota da vida em Cristo; é uma espiritualidade Litúrgica, porque, se alimenta na ação litúrgica; é uma espiritualidade eclesial e mariana, porque, se expressa, a partir, da própria atividade de educação na fé e do discipulado missionário (DNC: 2006, n. 13k).

A autenticidade da vida espiritual dá-se, então, pelo desejo constante do catequista de querer conformar-se com a vida de Cristo, mergulhado no seu mistério. Movido por esse desejo de viver segundo o Mestre, o catequista é capaz de transformar toda a realidade que o envolve.

A vida espiritual do catequista permitirá que ele, à luz de Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado, torne-se um autêntico discípulo missionário,

assumindo o compromisso de transformar a sociedade e o mundo na perspectiva da “civilização do amor”.

A sua espiritualidade é o núcleo profundo e dinâmico de seu próprio ser: suas maiores motivações, seu ideal, sua utopia, a mística pela qual vive e luta e com a qual se contagia e contagia os outros.

Toda atividade e criatividade do catequista e inclusive sua capacidade para comunicar o mistério de Deus está na vivência de uma sólida vida espiritual, pois só assim conseguirá, à luz do ressuscitado, motivar e incentivar o catequizando a ter o seu encontro pessoal com o Senhor (DNC, n 172).

É importante considerar, aqui, que a espiritualidade não consiste simplesmente na realização de exercícios espirituais, de orações preestabelecidas ou espontâneas, mas num modo de ser e de viver de acordo com Jesus Cristo, Mestre e Senhor, a Palavra de Deus e os ensinamentos da Igreja. Isto significa que a Espiritualidade, consiste:

- Ação da graça de Deus: A espiritualidade cristã é a vivência da fé e do agir de todos os dias, sob a ação do Espírito Santo;
- Ação Humana: É uma realidade interior que nos impulsiona a fazer o bem e a transformar o que necessita ser transformado;

3 Condições humanas para uma vivência espiritual eficaz

- Viver à luz do Espírito Santo: Para a vivência de uma espiritualidade, faz-se necessário abastecer-se da graça e dos dons do Espírito Santo. Somente o Espírito Santo de Deus poderá nos mover e nos impulsionar numa autêntica e profunda espiritualidade cristã.
- Jesus Cristo, mestre e Senhor: A fonte original e fundamental da espiritualidade cristã é Jesus Cristo. Não há como falar de espiritualidade senão a partir do Espírito de Jesus. Essa centralidade de Jesus se projeta em todas as formas da espiritualidade cristã, desde as origens, como atesta o Novo Testamento e toda tradição cristã através dos tempos. “Não existe espiritualidade cristã sem a pessoa de Jesus Cristo”. (CATÃO, 2009, p25).
- Transformar a vida no encontro e no seguimento a Jesus a vida é transformada: Ele é o “Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Por isso, toda espiritualidade fundamenta-se na opção de fé profunda na pessoa de Jesus e na sua prática, ou seja, no modo como ele viveu sua relação com o Pai e com a humanidade.
- A busca da santidade encaminha à vida eterna: O seguimento de Jesus Cristo nos ensina que, quanto mais humanos formos, mais perto de Deus chegaremos e mais santos seremos.

- A fé encarnada na vida: O seguimento de Jesus, em sua Páscoa, vive-se no dia a dia da história pessoal e comunitária de cada um de nós. É o processo do amor, da conversão, do compromisso, da fidelidade e da solidariedade no qual o catequista experimenta no cumprimento da missão catequética.

4 Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista

Alicerçada no Cristo ressuscitado, a vida do catequista faz dele uma nova criatura “ Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas eis que se fez realidade nova.” (II Cor 5,17), apesar das dificuldades e problemas que possamos carregar em nossa história de vida, passamos a ver o mundo e as pessoas com os olhos de Deus, isto é, com ternura, bondade, gratidão, compaixão e misericórdia. Dessa maneira, acentua-se alguns elementos que são fundamentais para o desenvolvimento e crescimento espiritual do catequista.

4.1 A Palavra de Deus

A Bíblia tem de fazer parte da espiritualidade do catequista. É a principal fonte de espiritualidade: A Bíblia é o espelho pelo qual vemos a nossa vida e a vida de todas as pessoas confiadas a nós por meio do ministério catequético.

Neste sentido, há uma chave de leitura da Bíblia para o Catequista: o catequista lê a Bíblia a partir da fé em Jesus Cristo ressuscitado, vivo e presente no meio de nós. Ainda, é importante e essencial considerar aquilo que recorda a *Verbum Domini*, citando São Jerônimo:

Sozinhos, nunca poderemos ler a Escritura: Encontramos demasiadas portas fechadas e caímos facilmente num erro. A Bíblia foi escrita pelo povo de Deus e para o povo de Deus, sob inspiração do Espírito Santo. Somente com o “nós”, isto é, nesta comunhão com o povo de Deus, podemos realmente entrar no núcleo da verdade que o próprio Deus nos quer dizer... Uma autêntica interpretação da Bíblia deve estar em harmônica concordância com a fé da Igreja Católica (*VERBUM DOMINI*, 30).

Todavia, vale as considerações para a leitura da Palavra:

- O catequista compreende que os livros da Sagrada Escritura resultam da tradição oral e que não deve vê-los como se fossem histórias factuais.
- Entende que a leitura bíblica exige contextualização da narrativa, qualquer que seja o assunto tratado.
- Cuida em não perder de vista que a preocupação dos autores sagrados é com a mensagem, e que o texto, em seu contexto, deve estar a serviço dela.
- Entende que é necessário que os textos sejam lidos à luz do contexto social,

econômico, político, cultural e religioso da época em que foram escritos.

Por fim, uma leitura plausível da Bíblia, deve esta alicerçada na fonte triplíce da fé Cristã - Palavra, Tradição e Magistério:

A fonte na qual a catequese busca a sua mensagem é a Palavra de Deus. A catequese há de haurir sempre o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e na Escritura, porque a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito inviolável da Palavra de Deus, confiada à Igreja (DNC, 106).

4.2 A Eucaristia

A Eucaristia é a fonte e o cume de toda vida cristã. Do Mistério Pascal de Cristo nasce a Igreja: Por isso mesmo que é o sacramento por excelência do Mistério Pascal. (SC, 10)

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja (...).

Com efeito, na “Santíssima Eucaristia, está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo (Eclesia de Eucharístia, 1-2).

A participação do catequista na comunhão eucarística deve transformar a sua vida por inteiro. A

Eucaristia nos conduz ao caminho da unidade: o catequista caminha seguindo as orientações e diretrizes da Igreja do Brasil e da Igreja local; O catequista está sempre sintonizado com a ação pastoral da paróquia; O Corpo e o Sangue do Senhor nos impulsionam a sentir e a amar a Igreja.

O catequista participa da celebração da Eucaristia como ato central de sua vida, alimentando a sua vida de oração, de contemplação e ação encarnada na vida do povo amado de Deus.

4.3 A oração

A oração é indispensável na vida do catequista. Ela é como respiração da nossa fé: sem a oração somos como que um motor sem combustível ou uma planta sem água. “Oração, elevação da alma para Deus, íntimo diálogo de amor, desabafo do coração, olhar lançado para o céu”. (SCIADINI, 2006, p190)

Considere-se aqui, as três expressões principais de formas de oração: a vocal, a meditação e a contemplação:

- A oração vocal é aquela em que se pronuncia verbalmente algumas fórmulas já estabelecidas pela Igreja, por exemplo, o Pai-nosso, o terço, ou ainda outras rezadas espontaneamente.
- A meditação, ou a oração mental, consiste na busca orante em que se põe em ação o pensamento, a imaginação, a emoção e o desejo. Meditar é dialogar, falar com Deus

e deixar que ele fale também. Deus fala no silêncio, e no silêncio escutamos sua voz.

- A contemplação se realiza pela escuta sincera e fiel à Palavra de Deus e ao próprio Deus. Na contemplação percebemos a presença de Deus dentro de nós.

É, portanto, responsabilidade de todo catequista saber rezar com os catequizandos. Rezar diante deles, rezar por eles e ensiná-los a rezar.

4.4 A Cruz

A cruz é o sinal de nossa pertença a Cristo. A cruz é o símbolo do cristão. É o selo por nós recebido no dia do batismo. “Os judeus pedem sinais milagrosos, e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, pregamos Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem” (1 Cor 1, 22 -25).

Desde o início do cristianismo, a cruz foi adotada como símbolo da fé. Os primeiros cristãos compreenderam como expressão de piedade, compaixão e veneração. Pois ela é, sinal de dificuldades, dos conflitos e dos sofrimentos que levam a salvação. Nesse sentido, a cruz é parte integrante da vida do catequista: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mt 16,24).

Carregar a cruz é enfrentar, com as mesmas disposições de Jesus, o sofrimento, a perseguição e até mesmo a morte por causa do Reino de Deus; é ser perseverante e esperançoso nos momentos mais difíceis da vida.

4.5 Conversão

O pecado está presente na história do homem. Para tentarmos compreender o que é o pecado, é preciso antes de tudo reconhecer a ligação profunda do homem com Deus, pois fora desta relação o mal do pecado não é desmascarado na sua verdadeira identidade de recusa e de oposição à face de Deus, embora continue a pesar sobre a vida do homem e sobre a história.

O pecado é, em última análise, um ato de desobediência a Deus, uma recusa ao seu amor. [...] Fora da relação com Deus, o pecado não revela plenamente o seu caráter de mal radical (Reconciliatio et Paenitentia, n. 14).

Em contrapartida, o Sacramento da Reconciliação é a expressão do amor misericordioso de Deus que nos reconcilia com ele e nos faz reconciliar com os irmãos. Uma vez que deve haver por parte do pecador um esforço pessoal e eclesial de mudança e arrependimento. Dá-se o nome de confissão porque a declaração, a confissão dos pecados diante do sacerdote é um elemento essencial desse sacramento que expressa nossa humildade e vontade de conversão.

A conversão e a mudança de vida são realidades que fazem parte da vida espiritual do catequista. Comprometido com a causa do Reino de Deus, com a Igreja e com o povo amado de Deus, o catequista, sente-se impelido e necessitado de buscar frequentemente a conversão e o sacramento da Reconciliação sempre que necessário para o bem espiritual de si e dos outros.

4.6 O Testemunho

O testemunho é uma questão de compromisso, fidelidade e responsabilidade. O catequista precisa viver o que ensina aos outros. O testemunho é a melhor maneira de evangelizar. No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida próprio do próprio Jesus: Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como os evangelhos nos transmitem para conhecermos o que ele fez e para discernirmos o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias.

A fé se propaga por atração. O testemunho cristão do catequista é uma mediação indispensável para a transmissão da mensagem evangélica (Diretório Geral para a Catequese, n. 246).

O catequista é chamado a testemunhar com sua vida a identificação que tem com seu Mestre e Senhor. A missão profética do catequista, discípulo missionário do Cristo morto e ressuscitado é ser no

mundo sinal de esperança, caridade, honestidade e santidade.

4.7 Alegria e otimismo

A alegria e o otimismo são sentimentos que dão plenitude à vida e brotam da satisfação mais profunda do ser humano. “Servi ao Senhor na alegria” (Sl 100,2); “Alegrai-vos sempre no Senhor!” (Fl 4,4).

A alegria e o otimismo são características do catequista. O catequista vive sempre alegre e de bem com a vida. A alegria e o otimismo do catequista são remédios contra o pessimismo, a tristeza e a angústia que fazem parte da vida das pessoas, inclusive dos catequizandos. A alegria do catequista não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé que serena o coração e capacita para anunciar a Boa-Nova do amor, da ternura e da misericórdia de Deus.

A alegria do discípulo missionário não é um sentimento superficial nem uma efusão incoerente de emotividade efêmera, mas uma certeza serena, que nasce da fé, ilumina o presente e impulsiona para o futuro (DAp, n. 32).

4.8 A Missão

Como discípulo missionário, o catequista vive a experiência do encontro com Deus de maneira livre e espontânea. É alguém que encontrou Deus em sua vida e, por isso, vive a plenitude desse encontro. Um

dia ouviu o chamado de Jesus e quis segui-lo mais de perto. Resolveu ficar com ele, andar a seu lado, ligar-se a ele definitivamente. (cf. Jo 1, 35-39).

O catequista segue o Mestre e Senhor, deposita nele toda confiança, de modo que pode dizer como o apóstolo Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu quem vive, pois é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). É um missionário que colabora na formação de novos missionários.

O catequista deve ser um missionário no sentido pleno da palavra, pois sua missão é levar as pessoas a um encontro e compromisso pessoal com Jesus, conduzi-las a ser discípulas dele (cf. Jo 1, 41-42) e, conseqüentemente, a tornar-se, também, missionárias, já que o verdadeiro discípulo é missionário.

5 Devoção Mariana

Maria recebeu de Deus a plenitude da graça e a plenitude da salvação (cf.: Lc 1,28). “Ela é imagem e início da Igreja que há de realizar-se na Jerusalém Celeste. Para nós, Povo de Deus, Maria é sinal de esperança e confiança”. (LG 68). Ela é tipicamente modelo de todo catequista.

Maria, a Mãe de Jesus, foi a primeira discípula e catequista a se comprometer com o povo pela sua fidelidade e disponibilidade: “Façam tudo o que o meu Filho lhes pedir” (Jo 2,5). Ela nos ajuda a realizar nossas opções fundamentais e a integrá-las na vivência da nossa espiritualidade. Maria, Mãe de Deus e da Igreja, inspiradora e incentivadora da

missão profética dos que exercem o ministério catequético nas comunidades paroquiais, é o modelo de espiritualidade para a qual cada catequista é chamado a viver com simplicidade, generosidade, disponibilidade e autenticidade.

Maria não é o centro da fé, no entanto, ela tem uma função muito especial na história da salvação. Por ela nutrimos uma filial devoção. Ela é nossa advogada, socorro e auxiliadora. Portanto, promover a devoção e o culto a Nossa Senhora, Mãe de Deus, da Igreja e de todos nós, é missão de todo catequista.

Cap. II

Critérios para admissão e formação ao Ministério

A partir do Antiquum Ministerium (novembro/ 2021), ficou evidente o aspecto vocacional da catequese: O Catequista é convidado a passar do modo de fazer para o modo de Ser. Ser instituído como catequista significa, portanto:

Visibilizar para todos a confirmação do seu sim para um importantíssimo serviço, mas que requer muita dedicação e esforço para testemunhar com a própria vida a fé, a esperança e o amor (CNBB: Doc. 112).

1 Discernimento

O discernimento dos fiéis vocacionados à missão de catequizar precisa ser realizado pelo pároco. Ele é o catequista por excelência da comunidade e a sua presença, acolhimento e orientação é fundamental. Neste sentido, a forma como a paróquia admite o catequista precisa garantir que em um primeiro momento as pessoas indicadas ou que se apresentam para serem catequistas sejam acolhidas, preparadas e enviadas.

Este ministério possui uma forte valência vocacional, que requer o devido discernimento e se evidencia com o Rito de instituição. De fato, é um serviço estável prestado à Igreja local de acordo com

as exigências pastorais identificadas pelo Ordinário do lugar, mas desempenhado de maneira laical como exige a própria natureza do ministério.

No entanto, a função peculiar desempenhada pelo Catequista especifica-se dentre outros serviços presentes na comunidade cristã. Com efeito, o Catequista é chamado, antes de mais nada, a exprimir a sua competência no serviço pastoral da transmissão da fé que se desenvolve nas suas diferentes etapas: desde o primeiro anúncio que introduz no querigma, passando pela instrução que torna conscientes da vida nova em Cristo e prepara de modo particular para os sacramentos da iniciação cristã, até à formação permanente que consente que cada batizado esteja sempre pronto que como diz são Pedro a “dar a razão da sua esperança a todo aquele que lhe peça” (I Pd 3, 15).

O Catequista é simultaneamente testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja.

Uma identidade que só mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade é que se pode desenvolver com coerência e responsabilidade (Cons. Pont. para a Promoção da Nova Evangelização, Diretório da Catequese, 113).

O ministério de Catequista é algo vívido desde os primórdios dentro da comunidade Cristã. A história da evangelização testemunha a instituição deste ministério pela existência eficaz e sustentação da Evangelização. Tendo, com isso, ganhado renovado vigor pelo Concílio Vaticano II,

reafirmando a consciência do Laicato na ação Evangelizadora da Igreja.

Neste ínterim, depois de ter ponderado todos os aspetos, em virtude da autoridade apostólica, o Papa Francisco, no dia 10 de maio do ano de 2021, memória litúrgica de São João de Latrão, institui o ministério de Catequista, convidando a Igreja por meio de suas conferências Episcopais e Dioceses a tornarem realidade este Ministério, com critérios e direcionamentos desde a escolha, passando pelo processo formativo até a instituição propriamente dita:

Convido, pois, as Conferências Episcopais a tornarem realidade o ministério de Catequista, estabelecendo o iter formativo necessário e os critérios normativos para o acesso ao mesmo, encontrando as formas mais coerentes para o serviço que estas pessoas serão chamadas a desempenhar em conformidade com tudo o que foi expresso por esta Carta Apostólica (FRANCISCO. PP, n 09).

Conquanto, ao ministério instituído de Catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese. Requer-se que sejam colaboradores fiéis dos presbíteros e diáconos, disponíveis para exercer o

ministério onde for necessário e animados por verdadeiro entusiasmo apostólico.

2 Critério para a escolha

Seguindo a valência vocacional, estabeleceu-se, todavia, alguns pré-requisitos para eleição dos catequistas que adentrarão no Itinerário formativo para o ministério:

- Reconhecimento da comunidade;
- Idade mínima de 20 anos;
- Experiência e atuação na Catequese: mínimo de 5 anos;
- Formação básica e específica.

Sendo assim, a Coordenação Diocesana da Catequese (Departamento de Catequese) a serviço da IVC, em diálogo com o Bispo diocesano, elabora, a partir das orientações fornecidas pela Conferência Episcopal, um plano formativo em vista da preparação ao Ministério, contendo:

- Itinerário de formação para catequistas já atuantes (aplicação imediata); no caso da Diocese de São Luís de Montes Belos, já foi aplicado e instituído;
- Itinerário de formação para catequistas iniciantes (aplicação em médio prazo, levando em consideração o plano

formativo já existente); este iniciou-se na Diocese no ano de 2025.

A Coordenação Diocesana da Catequese (Departamento de Catequese) a serviço da IVC ofereceu, também às equipes de coordenação paroquial da IVC (e formadores de catequistas) uma preparação prévia. O objetivo estava em orientar as paróquias para discernir sobre o Ministério e sobre a execução do plano formativo em vista do seu recebimento.

Nessa etapa os conteúdos direcionadores foram:

- O Motu Proprio Antiquum Ministerium;
- As orientações e pré-requisitos para a recepção do Ministério de Catequista emitidos pela Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética (CNBB);
- Outros materiais e documentos que a Coordenação Diocesana da Catequese a serviço da IVC, em diálogo com o Bispo diocesano, considerou oportunos, disponíveis sobretudo, na página do Departamento de Catequese no site da Diocese.
- Do Ministério de Catequista: Foi elaborado e aplicado o projeto de formação para o ministério na Diocese para os Catequistas atuantes. Concluído, o Processo formativo e espiritual foram instituídos em caráter diocesano 180 catequistas, na Catedral

de São Luiz Gonzaga, em São Luís de Montes Belos, na Solenidade litúrgica de São Pedro e São Paulo, no ano de 2024.

3 Estabilidade do ministério de Catequistas

O trabalho catequético deve ser a partir da realidade e dentro das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja, do Diretório Nacional da Catequese, do Plano de Pastoral da Diocese e do planejamento paroquial. A coordenação Diocesana, juntamente com os representantes das Foranias devem procurar acompanhar e incentivar o desempenho dos catequistas, preocupando-se com a formação deles através de cursos, encontros, reuniões, retiros, e celebrações, preparando-os para o exercício do ministério.

E desta maneira, o Catequista Ministro deve inteirar-se constantemente:

- O cultivo de sua espiritualidade;
- O domínio dos conteúdos da catequese;
- O conhecimento da Bíblia e da caminhada da Igreja;
- O conhecimento da realidade e o desenvolvimento de uma visão crítica;
- O estudo de dinâmicas e métodos da catequese;
- O incentivo para um compromisso comunitário e social;
- A compreensão do valor da liturgia na catequese;

- A formação de uma consciência moral diante das exigências do Evangelho;

Estas características que serão acentuadas pela coordenação diocesana (Departamento de Catequese) garantirá a estabilidade citada pelo Papa Francisco:

(...)quanto ao estabelecido por esta Carta Apostólica em forma de “Motu próprio”, ordeno que tenha vigor firme e estável, não obstante qualquer coisa em contrário ainda que digna de menção particular, e que seja promulgado mediante publicação no jornal L'Osservatore Romano, entrando em vigor no mesmo dia, e publicado depois no órgão oficial Acta Apostolicae Sedis (FRANCISCO. PP).

4 Modos de Itinerários formativos para o ministério

Quanto aos Itinerários, seguindo as orientações do Documento 112 da CNBB, aparece dois tipos específicos, naquilo que corresponde a situação de cada catequista:

- **Um itinerário para catequistas atuantes** (no nosso caso já concluído);
- **Um itinerário para catequistas iniciantes;**

Em consequência disso os Bispos do Brasil apontam alguns pré-requisitos para estes itinerários que devem ser observados atentamente:

- Para que o catequista ingresse em qualquer um dos itinerários é necessário que seja indicado pelos Conselhos da Paróquia: CPP, CAP, Coordenações de comunidade, coordenações catequéticas e pelo pároco.
- Os itinerários serão organizados e adaptados pela Diocese (Departamento de Catequese), que também, pode permitir que as formações sejam feitas em nível paroquial ou forâneo, aproveitando experiências formativas já existentes.
- Considerar o Ministério como o coroamento de uma caminhada. O Ministério não é algo a ser alcançado pelo catequista, mas é fruto de um processo.
- Promover uma formação de inspiração catecumenal, considerando-a como seu critério fundamental, conforme orientam os diretórios catequéticos.
- Realizar uma formação global e integral. A formação deve ter o cuidado de não somente desenvolver a capacitação didática, metodológica e técnica do catequista, mas principalmente sua vivência pessoal e o desenvolvimento de sua maturidade humana e comunitária, além do seu compromisso com a transformação do mundo.

Para tanto, a formação ministerial deve abranger as seguintes realidades:

- Formar sujeitos eclesiais.
- Considerar a diversidade das modalidades formativas.
- Formar para o mundo digital.
- Priorizar a formação Bíblica.
- Dar atenção à Doutrina Social da Igreja.
- Incluir a formação sobre as dimensões socioambientais da fé cristã.
- Articular as ações pastorais pós-sacramentais junto ao pároco, em vista de potencializar a dimensão mistagógica junto aos iniciados.

Cap. III

A formação ministerial para catequistas

1 Itinerário para catequistas iniciantes

Catequistas iniciantes, são aqueles que apresentam menos de 05 anos de exercício na catequese e/ ou aqueles que tem mais de cinco anos de atuação e não fizeram o processo dos atuantes, podem ser admitidos, com o devido discernimento eclesial e pessoal, no itinerário formativo estabelecido para eles.

Neste período serão acompanhados pelos catequistas ministros e coordenadores paroquiais de catequese.

O itinerário seguirá os seguintes passos:

- Chamado (promoção vocacional) – início do caminho, acompanhado pela coordenação de catequese paroquial e os catequistas ministros, nas paróquias que houver;
- Celebração de apresentação dos candidatos à comunidade;
- Seguimento – início da atuação, como catequista auxiliar
- Celebração de entrega da Palavra
- Formação ministerial básica e específica;
- Pedido formal e público pelo ministério;

- Preparação próxima (retiros e orações individuais);
- Celebração da Instituição do Ministério de Catequista.

1.1 Formação ministerial

A formação integral dos catequistas está delineada no Diretório Geral para a Catequese em três dimensões: ser, saber e saber fazer, e reforçada nos itens 261 a 276 do DNC – Diretório Nacional de Catequese. E, ainda, apresentada em itinerários diretivos no Documento 112 da CNBB. Estas três dimensões precisam ser trabalhadas para que o catequista se torne capaz de desempenhar de forma mais consciente a sua tarefa na comunidade a que pertence.

1.2 A dimensão do ser catequista

- O catequista, testemunha da fé e guardião da memória de Deus: vocação
- O catequista ministro da Palavra: discípulo – missionário de Jesus
- A Leitura Orante na vida do Catequista;
- A catequese evangelizadora (querigmática e mistagógica) na vida do catequista;
- O Ministério de Catequista;

1.3 A dimensão do saber catequista

- A catequese nos atuais documentos da Igreja;
- Introdução à Sagrada Escritura (Como a Igreja lê a Bíblia: noções de hermenêutica);
- O Evangelho de Jesus Cristo (a centralidade do Evangelho na catequese; a Cristologia à luz de cada Evangelho, etc.);
- Crer (Símbolo da fé, Jesus Cristo em perspectiva trinitária, Igreja, Ecumenismo, Maria como modelo para o catequista);
- Celebrar (Sacramentos, Liturgia como ação memorial, Ano Litúrgico, relação entre Catequese e Liturgia);
- Viver (Mandamentos da lei de Deus, Bem-Aventuranças, Doutrina Social da Igreja, Laudato Si', Fratelli Tutti);
- Orar (Pai-Nosso como modelo de oração do catequista, vida de oração).

1.4 A dimensão do saber fazer - O catequista mestre e mistagogo

- O catequista mistagogo;
- A pedagogia e a metodologia catequética;
- O encontro catequético;
- A comunicação na catequese (comunicação oral, comunicação no mundo virtual);

- Planejamento e execução de itinerários de inspiração catecumenal na IVC;
- Prática e partilha de uma atividade evangélico transformadora (cuidado da Casa Comum, caridade, prática sociotransformadora, etc.).

1.5 Indicações de subsídios para a dinâmica formativa do ministério de Catequistas

SER	Sagrada Escritura; Catecismo da Igreja Católica; Catechesi Tradendae: João Paulo II, n 93: 2006. Diretório para a Catequese: Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização;2020. Diretório Nacional de Catequese: CNBB.2011; Metodologia da Iniciação a Vida Cristã: formação para os catequistas: NUCAP. 2012 Iniciação a Vida Cristã: itinerários para formar discípulos missionários n.107; CNBB. 2017.
SABER	Bíblia; Catecismo da Igreja Católica;

SABER	A Interpretação da Bíblia na Igreja: Pontifícia Comissão bíblica n 134; Paulinas, 2009. CNBB: Animação bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Estudo 114. 2021; Formação Bíblica para catequistas: Com dinâmicas e celebrações: Leomar Brustolin. 2014. Visão de um Povo sobre as origens da vida: Pedagogia Bíblica da segunda infância: SAB - Serviço de Animação Bíblica: 2020. Compêndio do vaticano II: constituições, decretos e declarações. 31ª edição: vozes. CNBB: Introdução ao Missal Romano e ao Lecionário 7ª Edição. 2022 Desiderio Desideravi: sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus. Papa Francisco, n 214. 2022; Vamos Participar da missa? Frei Luíz Turra.2012; Catequese e Liturgia na Iniciação a vida Cristã: O que e como fazer! Pe. Thiago Faccini Paro. 2018. Catequese e liturgia na Iniciação á vida cristã: NUCAP; 2021. Iniciação à Liturgia: NUCAP e Claudio Pastro. 2012.
--------------	---

SABER	RICA: Ritual de Iniciação a Vida Cristã para Adulto; As celebrações do RICA: Conhecer para bem celebrar: Pe. Thiago Faccini Paro. 2019. Casa da Iniciação Cristã: Ritos e Celebrações: Batismo. Crisma, Eucaristia: Leomar Antônio Brustolin. 2020. Compêndio de Doutrina Social da Igreja: Pontifício Conselho “Justiça e Paz” 2005. Documento de Aparecida: Conselho Episcopal Latino- Americano; 2007. Catequese no mundo atual: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese: Solange Maria do Carmo. 2016. Evangelii Gaudium: Papa Francisco, n 198. 2013. Evangelii Nuntiandi: Paulo VI. N 85. 1979. Laudato Si: Papa Francisco. 2015. Fratelli Tutti: sobre a Fraternidade e a amizade social: Papa Francisco. Christus Vivit: para os Jovens e para todo o Povo de Deus: Papa Francisco. 2019. Elementos da Espiritualidade do Catequista: Pe. Humberto Robson de Carvalho.
---------------------	--

	Rezar com as solenidades e festas do Senhor: Bruno Carneiro Lira, osb; 2019. Como Falar de Maria? Kater Filho. 2015. Pedagogia do Silêncio: Um caminho para a interioridade: Eder Vasconcelos.2018.
SABER FAZER	Bíblia; Catecismo da Igreja Católica; Mistagogia: Do visível ao invisível; NUCAP.2013. A pedagogia da Iniciação Cristã: Renato Quezini. 2013. Querigma: a partir do documento da CNBB n. 107. NUCAP. 2018. Discípulos catequistas: Coleção Pedagogia da Fé. Vicente Frisullo.2011. Catequese Criativa: arte, Comunicação, Espiritualidade. Neusa Fernandes. 2011. Compreender e acompanhar a pessoa humana: Manual teórico e prático para o formador psicoespiritual: Alessandro Manenti. 2021. O que é o homem?: Um itinerário de Antropologia Bíblica: Pontifícia Comissão Bíblica.2022. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil

	2019 -2023: Documentos da CNBB, n 109. 2019 Diretórios Diocesanos: Sacramentos, Pastoral e Organismos. Diocese de São Luís de Montes Belos.2006.
--	---

2 Itinerário para Catequistas atuantes

Seguindo a valência vocacional, estabeleceu-se, todavia, alguns pré-requisitos para eleição dos catequistas que adentrarão no Itinerário formativo para o ministério: reconhecimento da comunidade; Idade mínima de 20 anos; experiência e atuação na Catequese: mínimo de 05 anos. A formação deve constar:

- Encontro de animação vocacional;
- Celebração de apresentação dos candidatos ao Ministério de Catequista;
- Formação ministerial;
- Preparação próxima – retiro espiritual e pedido formal, por escrito;
- Celebração da Instituição do Ministério de Catequista.

2.1 A dimensão do Ser

- O catequista ministro da Palavra
- O Ministério de Catequista;

2.2 A dimensão do Saber

- O catequista, testemunha da fé e guardião da memória de Deus:
- O Evangelho de Jesus Cristo (a centralidade do Evangelho na catequese; a Cristologia à luz de cada Evangelho etc.),
- Crer (o Símbolo da fé, destaque para Jesus Cristo; ter em conta o ecumenismo e o diálogo inter-religioso),
- Celebrar (relação entre Catequese e Liturgia),
- Viver (as Bem-Aventuranças, a missão do cristão no mundo),
- Orar (o Pai-Nosso como modelo de oração do catequista)

2.3 A dimensão do Saber Fazer

- O catequista mestre e mistagogo;
- A catequese de inspiração catecumenal e o papel do catequista nessa perspectiva;
- Prática e partilha de uma atividade evangélica transformadora (cuidado da Casa Comum, caridade, prática sociotransformadora, etc.).

2.4 Indicações de subsídios para a dinâmica formativa do ministério de Catequistas

SER	Bíblia; Catecismo da Igreja Católica; Metodologia da Iniciação a Vida Cristã: formação para os catequistas: NUCAP. 2012 Diretório para a Catequese: Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização;2020. Diretório Nacional de Catequese: CNBB.2011;
SABER	Bíblia; Catecismo da Igreja Católica; A Interpretação da Bíblia na Igreja: Pontifícia Comissão bíblica n 134; Paulinas, 2009. CNBB: Animação bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Estudo 114. 2021 Compêndio do vaticano II: constituições, decretos e declarações. 31ª edição: vozes. CNBB: Introdução ao Missal Romano e ao Lecionário 7ª Edição. 2022

	Desiderio Desideravi: sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus. Papa Francisco, n 214. 2022; Vamos Participar da missa? Frei Luíz Turra.2012; Catequese e Liturgia na Iniciação a vida Cristã: O que e como fazer! 2018. Iniciação a Vida Cristã: itinerários para formar discípulos missionários n 107; CNBB. 2017. RICA: Ritual de Iniciação a Vida Cristã para Adultos
SABER FAZER	Bíblia Sagrada. Catecismo da Igreja Católica. Mistagogia: Do visível ao invisível; NUCAP.2013 Rezar com as solenidades e festas do Senhor: Bruno Carneiro Lira, osb; 2019. Como Falar de Maria? Kater Filho. 2015 Compêndio de Doutrina Social da Igreja: Pontifício Conselho “Justiça e Paz” 2005. Documento de Aparecida: Conselho Episcopal Latino-Americano; 2007.

	Evangelii Gaudium: Papa Francisco, n 198. 2013. Evangelii Nuntiandi: Paulo VI. N 85. 1979. Laudato Si: Papa Francisco. 2015.
--	--

3 O Processo de Formação permanente

Após a instituição dos catequistas se estabelecerá para estes uma dinâmica de atualização permanente específica. Utilizar-se-á a seguinte sequência formativa:

- Formação com temas específicos para os catequistas atuantes (ministros instituídos) conforme necessidade ou direcionamento da Igreja. Na nossa Diocese seguiremos a sequência formativa: Palavra (Sagrada Escritura), Tradição (Catecismo da Igreja Católica), e Celebração (RICA – Ritual de Iniciação Cristã para Adultos);
- Encontro temático referente as etapas do processo de Iniciação a vida cristã;
- Estudo de Documentos da Igreja afins que contribuirão para a formação dos catequistas (diretórios, documentos sobre a IVC, DGAEs, diretórios diocesanos. Planos de pastoral);

- Assembleias avaliativas e de planejamentos para a catequese;

4 Vocabulário da IVC

A precisão dos termos, conforme segue, ajuda a compreender melhor os aspectos da Iniciação. Estes orientam nossa ação e fortalecem nossa prática, oferecendo segurança, clareza e objetividade, nos ajudando a encontrar os fundamentos da nossa casa iniciática, eliminando os equívocos desde sua base. internalização do conhecimento da IVC para depois ser externalizado na prática.

A IVC é um projeto de vida. Ela requer um processo a partir de passos de aproximação mediante os quais a pessoa aprende a se deixar envolver pelo Espírito amoroso do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Seu agir será outro, passando a um novo modo de vida no campo pessoal, comunitário, social (CNBB, Doc. 107, n. 5).

Em vista disto, elenca-se abaixo os principais termos, referente a IVC fornecendo bases sólidas para esta Catequese de Inspiração Catecumenal, estabelecendo assim, a possibilidade de uma linguagem catequética iniciática. Construiremos este vocabulário em ordem alfabética:

- **Admissão:** Rito pelo qual os “simpatizantes”, reunidos publicamente pela primeira vez, manifestam suas intenções à Igreja e esta acolhe os que

pretendem se tornar seus membros (RICA 14-17). O rito é celebrado quando, tendo acolhido o primeiro anúncio os candidatos já tem uma fé inicial em Cristo. Pressupõem-se, portanto, a primeira evangelização, o início da conversão e o sentido de Igreja (RICA 68).

- **Catecumenato:** tempo prolongado que se segue imediatamente ao pré-catecumenato (Querigma). É o “segundo tempo” da Iniciação a Vida Cristã. Ao longo desse tempo, os candidatos recebem uma adequada formação e no, exercício de uma oportuna disciplina, amadurecem as disposições do espírito manifestadas no dia da sua admissão (RICA 19). Designa todo processo de Iniciação.
- **Catecúmeno:** Pessoa que, no contexto do catecumenato (Segundo tempo), é colocada em contato com o conjunto da mensagem cristã, a qual lhe é comunicada de forma essencial, completa e sistemática; progride na prática da vida de fé e participa de um conjunto de celebrações.
- **Catequista:** membro da comunidade eclesial que tem o dom, a vocação e a preparação adequada para apresentar e aprofundar com os catecúmenos o conjunto da mensagem cristã em nome da Igreja.
- **Celebrações de Passagem:** são as celebrações que marcam a passagem de um tempo para o outro no processo da

IVC. O Rica apresenta essas passagens como “Etapas” (RICA 06). Há, portanto, três etapas considerados momentos fortes da Iniciação. São marcadas por três ritos litúrgicos: **O rito de instituição dos catécumenos ou Admissão, O rito de eleição ou inscrição do nome, O rito da celebração dos sacramentos. (RICA 06).**

- **Devolução:** É a contrapartida da entrega: tendo recebido o Credo e o Pai – Nosso, o catecúmeno “devolve” o dom que recebeu, em termos de fé, Vida Cristã, testemunho, missão.
- **Eleição:** Rito pelo qual a Igreja elege (escolhe, acolhe, seleciona, define) e admite os catécumenos que se acham em condições de participar dos sacramentos da Iniciação cristã nas próximas celebrações pascais (RICA 22). Realizado no início da Quaresma, é o momento central do catecumenato (segundo tempo), pelo qual, após o discernimento (escrutínios), aqueles que realmente querem receber os sacramentos, se julgados preparados, são escolhidos (eleitos) para celebrarem os sacramentos. Denomina-se eleição porque a Igreja admite o catecúmeno, baseada na eleição de Deus, em cujo nome ela age (RICA 22)
- **Eleitos:** Catécumenos que foram considerados aptos e admitidos à recepção dos sacramentos de Iniciação a Vida Cristã. A partir do dia da sua

“eleição”, os catécumenos são chamados eleitos, competentes ou iluminados, pois, pressupõe-se que estão aptos para receber os sacramentos de Cristo e o dom do Espírito Santo. (RICA 24).

- **Entrega:** Transmissão (do Latin Tradicio) aos catecúmenos dos documentos que contém sinteticamente o conteúdo da fé professada pela Igreja (Credo ou símbolo dos Apóstolos), da oração que os primeiros discípulos aprenderam do Senhor (Pai – Nosso).
- **Entrega do Creio:** entrega aos catécumenos, durante o tempo do catecumenato, do Símbolo da Fé (Credo). A igreja confia aos catecúmenos os documentos considerados desde a Antiguidade como o compêndio de sua fé e oração. Os eleitos devem aprendê-lo de memória e o recitarão em público antes de professarem, no dia do Batismo, a fé que ele expressa. (RICA 183)
- **Entrega do Pai–Nosso:** Entrega aos catécumenos, durante o tempo do catecumenato, da oração do Senhor (Pai-Nosso). Desde a Antiguidade é a oração característica dos que recebem no Batismo o espírito de adoção de filhos e será dito pelos neófitos, com os outros batizados, na primeira Eucaristia de que participarem. (RICA 188)
- **Entrega da Bíblia:** Não é prevista pelo RICA, mas pode ser feita, no interior de uma celebração, antes de iniciar ou

durante o estudo dos temas próprios do catecumenato.

- **Escrutinios:** ritos de discernimentos do progresso do catecúmeno em relação à compreensão e a assimilação da mensagem, à conversão e a vida cristã, à participação na comunidade, nas celebrações litúrgicas e na missão, e à vida de oração. Compreendem duas dimensões: ajudar os eleitos a se conscientizarem das sombras e pecados que tem no coração, para as eliminar; e ajudá-los a se conscientizarem, também, das luzes, para assim reforça-las. É o processo de purificação e iluminação: Os escrutínios tem a finalidade de livrar os catécumenos do pecado e do espírito do mal, e positivamente, de infundir neles um vigor novo em Cristo, Caminho, Verdade e Vida. (RICA 25)
- **Etapas:** passos pelos quais o catécumeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau. As etapas são marcadas por ritos solenes que marcam a passagem de um tempo a outro (as celebrações de passagem. Cf. n 05).
- **Exorcismos:** rito pelo qual os eleitos são, por um lado, libertados das consequências do pecado e da influência diabólica, e pelo outro, são fortalecidos em seu caminho espiritual e abrem o coração para receber os dons do Salvador. (RICA 156)

- **Iluminação:** Terceiro tempo do itinerário catecumenal, chamado de purificação e iluminação que coincide com a Quaresma e é destinado à mais intensa preparação espiritual (RICA 07: 21-22), em preparação para recepção dos sacramentos pascais.
- **Iluminados:** outro termo para falar dos eleitos ou competentes. O termo iluminados tem a ver com a iluminação, que é um dos nomes do sacramento do Batismo. De fato, por meio do batismo, os neófitos são penetrados pela luz da fé. (RICA 24)
- **Iniciação Cristã:** é a participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo, pela qual o catécumeno é iniciado como cristão, isto é, incorporado a Cristo e a Igreja e se torna participante de sua vida e missão. Em termos da metodologia catequética é todo o processo da IVC que começando com o pré-catecumenato, passando pelo catecumenato, pela purificação e iluminação, culmina com a celebração conjunta do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, e se conclui com a Mistagogia e o envio missionário.
- **Inscrição dos Nomes:** outro nome da eleição, apesar de, na verdade, ser apenas um momento do rito da Eleição, chama-se inscrição dos nomes porque os candidatos, em penhor de fidelidade, inscrevem seus nomes no registro dos eleitos. (RICA 14)

- **Instituição dos catecúmenos:** Outro nome dado ao Rito de Admissão ou entrada no Catecumenato, pelo qual os que passaram pelo pré-catecumenato são aceitos e entram no grupo dos catécumenos (RICA14)
- **Introdutor:** Pessoa da comunidade (homem ou mulher), que acompanhe pessoalmente, do início ao final do processo, o candidato aos sacramentos da Iniciação. Em muitas realidades, esta tarefa está ficando sob a responsabilidade do catequista, porém, não é o ideal. O catequista já tem sua função específica.
- **Mistagogia:** Condução ao mistério. último tempo da IVC que coincide com o Tempo Pascal; tempo de experiência e aprofundamento das relações com a comunidade dos fiéis (RICA 07); visa o aprofundamento do mistério pascal mediante a meditação do Evangelho (CEMs), a participação na Eucaristia (Missa) e a prática da caridade (vida prática, de modo que o mistério se torne prática concreta da vida. (RICA 37-40)
- **Neófitos:** aqueles que foram iniciados no mistério pascal através dos sacramentos de Iniciação.(RICA 37-40)
- **Padrinhos(as):** Pessoa (s) escolhido (s) pelo catécumeno e delegado pela comunidade local com a aprovação do sacerdote, que acompanha o candidato no dia da eleição, no rito dos escrutínios, nas celebrações do sacramento e no tempo da

mistagogia. Seu dever é ensinar familiarmente ao catécumeno ou catequizando como praticar o Evangelho em sua vida particular e social, auxiliar nas dúvidas e inquietações, dar-lhe testemunhos cristão e velar pelo progresso de sua vida sacramental (RICA 43)

- **Pré-catecumenato:** Primeiro tempo do processo de Iniciação: é o processo que realiza o primeiro anúncio ou evangelização com a acolhida do simpatizante até a primeira adesão da fé (RICA 7: 9-13).
- **Purificação:** Terceiro tempo do catecumenato que normalmente coincide com a Quaresma. Tempo consagrado a preparar os catécumenos para a celebração do mistério pascal, no qual serão inseridos por meio do sacramentos de iniciação. Tempo este, destinado a uma mais intensa preparação do coração e do espírito, a Igreja faz a escolha, a eleição dos catecúmenos que foram considerados idôneos a receber os sacramentos. (RICA 21-22)
- **RICA:** Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, publicado, por autoridade do Papa Paulo VI, pela Congregação do Culto Divino, em 1972.
- **Rito:** Conjunto de gestos, palavras, sinais e símbolos estruturados e realizados no modo estabelecido que comunicam

determinado sentido, visando a consecução de um determinado bem.

- **Simpatizante:** Pessoa que exprime o desejo de se aproximar de Cristo, da Igreja, da Vida Cristã, e que, em função disso, é candidato ao processo de Iniciação (RICA 12-13)
- **Tempo:** Cada um dos quatro períodos do processo da IVC: Pré- catecumenato (Querigma), Catecumenato (catequese), Purificação /Iluminação e Mistagogia. Distingue-se da Etapa que é o nome dado ao rito que marca a passagem de um tempo para o outro.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BRASIL. Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2013.

BRASIL. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Documento 107 – Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: CNBB, 2017.

BRASIL. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Diretório Nacional de Catequese. Brasília: CNBB, 2005.

CASALDÁLIGA, Pedro. Espiritualidade da libertação. São Paulo: PAULUS, 2008.

CARVALHO, Pe. Humberto Robson de. Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista. São Paulo: PAULUS, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática Lumen Gentium. In: CONCÍLIO VATICANO II. Documentos completos. 16ª ed. São Paulo: PAULUS, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. Sacrosanctum Concilium. In: CONCÍLIO VATICANO II. Documentos completos. 16ª ed. São Paulo: PAULUS, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. Gravissimum Educationis. In: CONCÍLIO VATICANO II. Documentos completos. 16ª ed. São Paulo: PAULUS, 2014.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (5. : 2007 : Aparecida, SP). Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência

Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 2ª ed. São Paulo: PAULUS; Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Catequese renovada: orientações e conteúdo. Documento 26. 8ª ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório nacional de catequese. Brasília: Edições CNBB, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a animação vocacional da Igreja no Brasil. Documento 84. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Itinerário Catequético: Iniciação à Vida Cristã – Um Processo de Inspiração Catecumenal. Brasília: CNBB: 4ª ed, 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório para a pastoral dos sacramentos com crianças. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Documento 107. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019–2023. Documento 109. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Itinerário da pastoral vocacional. Documento 110. Brasília: Edições CNBB, 2020.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA). São Paulo: PAULUS, 6 Ed 2010.

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. Catecumenato matrimonial: itinerário de formação para a vida matrimonial. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022.

EDIÇÕES PAULINAS. Orar com o coração. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

FACCINI PARO, Thiago. Catequese e Liturgia na Iniciação Cristã: O que é e como fazer. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

FRANCISCO, Papa. Christus Vivit: exortação apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO, Papa. Amoris Laetitia: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, Papa. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. Antiquum Ministerium: carta apostólica em forma de Motu Proprio com a qual se institui o ministério de catequista. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso em: 8 ago. 2025.

FRANCISCO, Papa. Catequeses sobre a velhice. Audiência Geral, 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022.index.html>. Acesso em: 8 ago. 2025.

FRANCISCO, Papa. Audiência Geral, 2 ago. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 8 ago. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Congregação para o Clero. Diretório para a Catequese. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20200323_directory-for-catechesis_po.html. Acesso em: 11 ago. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Familiaris Consortio: Exortação Apostólica sobre a função da família cristã no mundo de hoje. João Paulo II. 22 nov. 1981. Disponível em: Vatican. Acesso em: 11 ago. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA. São Paulo: Paulus, 2014.

IGREJA CATÓLICA. Código de direito canônico. São Paulo: Loyola, 1983.

NUCAP (Núcleo de Catequese Paulinas). Catequese Familiar do Batismo. São Paulo: Paulinas, 2020.

NUCAP (Núcleo de Catequese Paulinas e Claudio Pastro). Iniciação à liturgia. São Paulo: Paulinas, 2012.

PAULO, Apóstolo. Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: CNBB, 2001.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a catequese. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2020.

TURRA, Frei Luiz. Vamos Participar da missa?. São Paulo, PAULINAS, 2012.